

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

LUIZ HENRIQUE SILVA DE CASTRO

**“Eu tenho minha carreira bem bonita lá fora”:
O cancelamento de Karol Conká no Big Brother Brasil 21 por uma perspectiva
de fãs**

Porto Alegre

2023

LUIZ HENRIQUE SILVA DE CASTRO

**“Eu tenho minha carreira bem bonita lá fora”:
O cancelamento de Karol Conká no Big Brother Brasil 21 por uma perspectiva
de fãs**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nilda Jacks

Coorientadora: Dr^a Lirian Sifuentes

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Castro, Luiz Henrique Silva de
"Eu tenho minha carreira bem bonita lá fora": O cancelamento de Karol Conká no Big Brother Brasil 21 por uma perspectiva de fãs / Luiz Henrique Silva de Castro. -- 2023.
178 f.
Orientadora: Nilda Jacks.

Coorientadora: Lirian Sifuentes.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Fãs. 2. Karol Conká. 3. Recepção. 4. Cultura do Cancelamento. 5. Consumo midiático. I. Jacks, Nilda, orient. II. Sifuentes, Lirian, coorient. III. Título.

LUIZ HENRIQUE SILVA DE CASTRO

“Eu tenho minha carreira bem bonita lá fora”:

O cancelamento de Karol Conká no Big Brother Brasil 21 por uma perspectiva de fãs

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Nilda Jacks (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Lirian Sifuentes (Coorientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Issaaf Santos Karhawi
Universidade Paulista

Prof. Dr. Guilherme Barbacovi Libardi
Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr^a. Dulce Helena Mazer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Valdir José Morigi (Suplente)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família sanguínea, Nivea e Sara, por estarem sempre presentes na minha vida e por terem me incentivado a querer ser uma pessoa melhor todos os dias.

À família que a vida me deu: Ana Carolina, Arthur, Dagmar, Daiane, Elsade e Jairo. Obrigado por me ouvirem, por me amarem do meu jeitinho e por serem o meu porto seguro.

Às minhas irmãs, Top, Veg e Demi: Caroline, Kellen e Fernanda, respectivamente. Nós acreditamos, suportamos e apoiamos uns aos outros de uma forma muito única e genuína. Vocês foram fundamentais para que eu tivesse forças para continuar.

Aos meus amigos, por sempre se mostrarem presentes na minha trajetória e me ajudarem a lembrar constantemente quem eu sou: Vinicius, Isadora, Francesco, Mario, Fernanda, Vitória, Junior, Mateus, Débora, Nathalia, Anie, Luciana, Rafaela, Jennifer, Cris, Thiane, Daniela, Felipe, Tales, Thais, Vitor e Kenya.

Às “humanas”, que fizeram parte de um momento muito especial da minha vida e que permaneceram para fazer parte de muitos outros: Natália L., Beatris, Larissa, Natália M., Jacqueline e Camilla.

À minha terapeuta: Jusseli. Se não fosse por você, possivelmente eu teria enlouquecido há muito tempo (risos).

Aos professores Issaaf, Guilherme, Elisa e Dulce, pelas contribuições importantes e por aceitarem compor a banca deste trabalho.

À professora Nilda, por me inspirar e acompanhar a minha jornada desde a graduação.

À coorientadora desta pesquisa, Lirian, pelas contribuições.

À minha dupla de mestrado: Mirella, pelas conversas, fofocas, madrugadas em claro e apoio mútuo.

Aos entrevistados, que compartilharam comigo suas histórias e emoções.

Para onde quer que eu vá, eu vou sempre levar todos vocês comigo.

Eu lembro, que foi a eliminação ao vivo da Globo, do Thiago. E ele falou “Ah, quando você entra pra tombar, você tomba. Quem sai hoje é a Karol”. Ela abraçou o pessoal, e depois que apareceu no cantinho da tela, que ela tinha saído com 99,17% eu falei: “meu Deus”. Foi essa história. Fiquei chocado, sim.
(Entrevistado Paulo, fã de Karol Conká).

Eu chamei logo pra realidade, eu falei você tá condenando a amiguinha no reality show, mas tá esquecendo do seu amiguinho que bate na namorada, você tá esquecendo da amiguinha que trai a namorada, você é amigo, mas você quer condenar?
(Entrevistada Catia, fã de Karol Conká).

“Lembro que eu fiquei, meu Deus, gente preta não dá pra errar. Eu acho que as outras pessoas erraram de outras formas, mas, enfim por ser ela, não dá pra errar”.
(Entrevistada Joana, fã de Karol Conká).

“A imagem da Karol sempre foi muito cancelada. Sabe? A imagem, assim, de uma mulher preta, com o seu cabelo pra cima e fazendo seu trampo. Não adianta que não vai agradar todo mundo”.
(Entrevistado Paulo, fã de Karol Conká).

*“Me feri, vivi o estresse
Peço em prece que me preze
Nem tudo que sobe, desce, me parece
Que o tempo se perde enquanto a gente padece
Buscando luz mesmo não tendo sol
Sigo só.”*
(Trecho da canção Dilúvio de Karol Conká).

RESUMO

O objetivo desta dissertação é compreender a postura dos fãs de celebridades frente às práticas de cancelamento em *reality shows* inseridos em ambientes transmidiáticos. Adotando o cancelamento de Karol Conká como objeto de pesquisa, contextualizamos a sua participação no Big Brother Brasil 2021 e os produtos midiáticos lançados posteriormente pela artista. Com isso, debruçamo-nos sobre os estudos de fãs, as suas emoções e a participação de celebridades em realities, discutindo, também, acerca do conceito de cancelamento e suas diferentes nuances ao considerarmos o recorte racial. A abordagem do estudo é qualitativa e tem a entrevista semiestruturada como a principal técnica de coleta de dados, com posterior sistematização do software *Nvivo*. Apesar de não aprovarem as atitudes de Karol no programa, os resultados da pesquisa mostram que os fãs não participaram do cancelamento. Identificamos as suas principais emoções (alegria, surpresa, insegurança, triunfo, adoração, tristeza), motivações e ações, antes, durante e depois do cancelamento da artista. Inclusive, as emoções dos fãs, desempenham um papel primordial no processo de recepção no ambiente transmidiático, seja por conta das percepções dos acontecimentos, nas leituras distintas proporcionadas pelas diferentes mídias ou pelo posterior consumo de produtos midiáticos da celebridade cancelada. Os entrevistados também apontaram que as práticas de cancelamento tendem a ganhar um grau maior de complexidade quando tratamos de celebridades negras.

Palavras-chave: Fãs; Karol Conká; Recepção; Consumo midiático; Cultura do cancelamento.

ABSTRACT

The objective of this essay is to comprehend the attitude of celebrity fans towards cancellation practices in *reality shows* inserted in transmedia environments. Embracing Karol Conká's cancellation as an object of research, we contextualize her participation on Big Brother Brasil 2021 and the media products released by the artist afterwards. With this, we elaborate on studies about fans, their emotions and the participation of celebrities in *reality shows*, also discussing the concept of cancellation and its different nuances when considering the racial profile. The study approach is qualitative, having the semi-structured interview as the main data collection technique with subsequent systematization of the *Nvivo* software. Despite not approving Karol's attitude in the *reality show*, the survey results show that the fans haven't participated in the cancellation. We identified their main emotions (joy, surprise, insecurity, triumph, worship, sadness), motivations and actions before, during and after the cancellation of the artist. In fact, the fans' emotions play a key role in the reception process in the transmedia environment, whether due to the perceptions of the events, the different readings provided by different media and the subsequent consumption of media products by the canceled celebrity. The respondents also pointed out that the cancellation practices tend to get a higher degree of complexity when dealing with black celebrities.

Keywords:

Fans; Karol Conká; Reception; Media Consumption; Cancel Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 QUEM É KAROL CONKÁ?	20
1.1 “É o poder”: a entrada da artista no BBB 21	21
1.2 “Eu não tenho medo do cancelamento”: o dia a dia e as polêmicas de Karol Conká no BBB 21	27
1.3 “Jaque Patombá”: o recorde de rejeição e o cancelamento	36
1.4 “A vida depois do tombo”: o pós-BBB de Karol	41
1.5 “Uma nova mulher”: o retorno para os palcos e programas de TV	54
2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	62
2.1 Procedimentos Empíricos	65
3 ESTUDOS DE FÃS E AUDIÊNCIAS	71
3.1 Fãs e as emoções	77
3.2 Fãs, Big Brother Brasil e recepção transmidiática	80
3.3 As especificidades do Big Brother Brasil 2021	84
4 AFINAL, O QUE É CANCELAMENTO?	87
4.1 O cancelamento enquanto prática	90
4.2 Cancelamento, celebridades e fãs	91
4.3 As práticas de cancelamento: consumo e cidadania	93
4.4 Cancelamento e marcadores sociais	97
5 OS FÃS DE KAROL CONKÁ E AS PRÁTICAS DE CANCELAMENTO	103
5.1 As expectativas em torno da participação	110
5.2 Práticas de recepção dos fãs no BBB 21	115
5.3 A percepção dos fãs quanto a participação da <i>rapper</i> no <i>reality show</i>	120
5.4 O cancelamento	133
5.5 O pós-cancelamento	144
5.6 O momento atual da carreira da artista pela perspectiva dos fãs	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	169
APÊNDICE A	177

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Anúncio participação Karol Conká	22
Figura 2 — Anúncio participação Karol Conká no Twitter	23
Figura 3 — Comentários no post de anúncio da participação no Twitter	23
Figura 4 — Acusações contra Karol no dia do anúncio da participação	24
Figura 5 — Primeira menção ao cancelamento	25
Figura 6 — Karol e Bil deitados no gramado	31
Figura 7 — Karol sendo coroada líder	34
Figura 8 — Manchetes de jornais sobre cancelamento de Karol Conká	38
Figura 9 — “Scol Concê”	39
Figura 10 — Karol Conká no Google Trends	39
Figura 11 — Famosos comentando o cancelamento de Karol Conká	40
Figura 12 — Perfil Instagram “Jaque Patombá”	41
Figura 13 — Karol em “A vida depois do tombo”	45
Figura 14 — Karol no videoclipe de Dilúvio	46
Figura 15 — Lançamentos musicais de Karol em 2021	51
Figura 16 — Karol Conká para HBO Max	52
Figura 17 — Karol Conká agradece ao primeiro show após BBB21	53
Figura 18 — Álbum Urucum	54
Figura 19 — Exemplos de memes de Karol Conká replicados por internautas	58
Figura 20 — Repercussão participação Karol Conká no Altas Horas	59
Figura 21 — Karol Conká comenta sobre seus memes	59
Figura 22 — Perfil de pesquisador no Twitter	66
Figura 23 — Mensagem enviada no primeiro contato com os usuários	67
Figura 24 — Nuvem de palavras “Expectativas em torno da participação de Karol Conká no BBB 21”	114
Figura 25 — Nuvem de palavras “Práticas de recepção dos fãs no BBB 21”	119
Figura 26 — Nuvem “A percepção dos fãs quanto ao cancelamento de Karol no BBB 21”	131
Figura 27 — Nuvem de palavras “O cancelamento”	141
Figura 28 — Nuvem de palavras “O pós-cancelamento”	155
Figura 29 — Nuvem de palavras “Momento atual vivenciado por Karol”	160

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Pesquisas encontradas em repositórios sobre cancelamento	14
Quadro 2 — Principais programas que Karol Conká participou na Rede Globo após o BBB21	42
Quadro 3 — Principais programas que Karol Conká participou na Rede Globo depois do lançamento da sua série documental	47
Quadro 4 — Principais programas que Karol Conká participou na Rede Globo em 2022/2023	56
Quadro 5 — Síntese das principais informações sobre os fãs entrevistados	109

INTRODUÇÃO

O *reality show Big Brother Brasil 21* proporcionou não só o maior fenômeno da internet dos últimos tempos¹, a participante Juliette Freire, mas também os maiores índices de rejeição da história da televisão brasileira², frutos da “cultura do cancelamento”. A *rapper* Karol Conká, uma das componentes do grupo “camarote”, é detentora do maior recorde de rejeição da história do *Big Brother Brasil*, com 99,17% (GLOBO, 2021). Como apontado por Ng (2020), dogmatismo e simplificação excessiva de questões complexas já existiam antes das mídias sociais, entretanto, a brevidade textual das postagens individuais, a velocidade com que essas postagens são disseminadas e a rapidez das trocas *online* tornam o caráter desses espaços uma problemática fundamental para pensarmos no cancelamento nas proporções que tem hoje.

A *rapper* entrou como uma das favoritas³ ao prêmio de 1,5 milhão, justamente por tudo que representava para a população negra e LGBTQIA+. Entretanto, após um mês confinada no programa, muitas acusações caíram sobre a artista: xenofobia, assédio e brigas com outros participantes negros e/ou queridos pelo público. Karol se tornou a “grande vilã” da edição, o que causou uma espécie de “mobilização nacional” para fazer com que a artista fosse recorde de rejeição na sua eliminação do programa. Outros participantes brancos também foram “cancelados” por falas consideradas problemáticas pelo público, mas nenhum deles teve redução no número de seguidores nas mídias sociais ou teve contratos publicitários cancelados.

Como uma mulher negra, de origem periférica e *rapper*, Karol sempre teve a sua carreira permeada por marcadores sociais da diferença⁴. Inclusive, as suas vivências sempre foram trazidas na sua arte, seja por meio das letras de suas

¹ DOLIVEIRA, Matheus. *Juliette passa Sabrina Sato e se torna Ex-BBB mais seguida da história*. EXAME, [s.l.], 26 maio 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3s3Er5x>>. Acesso em 21 de maio. 2021.

² PADILHA, Alice. *Quais foram os maiores índices de rejeição do BBB?* GQ, [s.l.], 17 fev. 2021. Disponível em: <<http://glo.bo/30ThvzU>>. Acesso em 21 de maio. 2021.

³ PRISCO, Luiz. *BBB21: de favorita a vilã, público pede #ForaKarolConka nas redes sociais*. METRÓPOLES, [s.l.], 31 jan. 2021 Disponível em: <<https://bit.ly/3ya809k>>. Acesso em 24 de julho. 2021.

⁴ Esses marcadores referem-se a questões como raça, etnia, classe, gênero, sexualidade, território, entre outros. Essas diferenças instituídas socialmente não necessariamente constituem desvantagens ou desníveis de poder, riqueza e prestígio, mas frequentemente são destacadas por desigualdades no plano das representações sociais, que fornecem subsídios a posições e relações de exclusão e desigualdade (FRY *apud* ALMEIDA et al., 2018).

músicas⁵, entrevistas ou por discussões mediadas pela artista em programas na televisão. Rosto de diversas marcas em anúncios publicitários⁶, a *rapper* nunca havia experimentado de fato o “cancelamento” até a sua entrada no *reality show*. Uma das frases ditas por Karol Conká dentro do Big Brother Brasil, em uma das suas discussões com outro participante e no auge do seu cancelamento fora do *reality*, foi a grande propulsora para pensarmos no nosso objeto de pesquisa: “Qualquer coisa me bota no paredão, que eu tenho minha vida, minha carreira, bem bonita lá fora”. Afinal, Karol ainda podia considerar que tinha a sua carreira “bem bonita” depois do cancelamento que sofreu? Baseados nessa indagação, partimos para uma investigação acerca daqueles que, de fato, amparam a carreira da artista: os fãs.

Os fãs, por sua vez, constituem uma audiência que possui peculiaridades quanto às suas interações com objetos culturais e midiáticos, talvez o fator que mais particularize-os seja a potencialidade de também se enquadrarem como produtores (TOALDO; COSTA, 2017). O fã torna-se uma espécie de “especialista”, apresentando um potencial de aprofundamento de leitura e de muitas outras habilidades de significação que lhe permite articular conteúdos e ter a possibilidade de contribuir substancialmente em uma ressignificação do que está sendo consumido. Outra característica peculiar a esse grupo tange o domínio das ferramentas tecnológicas que circulam pelo universo de devoção (JENKINS, 2009), compreendendo o potencial dessa produção participativa, a indústria cultural passou a dispor do engajamento dos fãs para gerar narrativas dispersas em diversas mídias e organizar informações acerca da ficção, a fim de preencher lacunas e manter o ecossistema desse universo em ordem. Com base nisso, nos perguntamos: qual foi a participação dos fãs no cancelamento de Karol Conká?

As discussões acerca do cancelamento em ambientes transmidiáticos ainda são escassas no Brasil. Em âmbito nacional, foram encontrados apenas cinco trabalhos registrados na Biblioteca de Teses e Dissertações da CAPES⁷ a respeito do cancelamento⁸. Como uma forma de complementar a nossa pesquisa de estado

⁵ *É o Poder, Tombei, Lá Lá, Bate a Poeira, 100% Feminista*, entre outras.

⁶ Por exemplo: Avon, Skol, NET, Mercedes, Dermacyd, Gillete, Nestlé etc.

⁷ Plataforma digital que tem como principal intuito facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país. O Banco de Teses faz parte do Portal de Periódicos da Capes/MEC.

⁸ A primeira busca foi através da palavra “cancelamento”, então, encontramos um total de 385 trabalhos, filtramos por área de conhecimento (pois grande parte dos trabalhos que utilizavam o termo

da arte, também realizamos buscas nos repositórios das doze universidades que tiveram a maior concentração de pesquisas na área da comunicação entre 2010 e 2015⁹, como identificado por Castro e Schmitz (2017). As doze universidades em questão são: PUC-SP, USP, PUCRS, UFRJ, UNISINOS, UMESP, UNB, UFRGS, CASPER LIBERO, UFF, UFPB e UFBA). A seguir, mostraremos um quadro com essas pesquisas e discutiremos brevemente sobre suas contribuições para a discussão sobre o tema:

Quadro 1 — Pesquisas encontradas em repositórios sobre cancelamento

Autor	IES	Área	Título	Tipo
Elisandra Pereira	UNESP	Educação	Educação profissional e racismo: Descobrimo a influência da cultura do cancelamento através da pedagogia histórico-crítica ¹⁰	Dissertação
Tadeu de Oliveira Silva	UFRN	Ciências Sociais	Linchamentos virtuais e cultura do cancelamento: os casos Patrícia Campos Mello e Lilia Schwarcz ¹¹	Dissertação
Iure Cesar Meirelles Martins de Oliveira	Estácio	Direito	O fenômeno do cancelamento pela ótica da liberdade de expressão ¹²	Dissertação
Cristina Carla Salvador	Unisinos	Direito	Liberdade de expressão: uma reflexão sobre os seus limites na experiência brasileira ¹³	Dissertação

Fonte: Elaborado pelo autor.

Compreendemos que é imprescindível estudar sobre o que está sendo produzido na academia brasileira, pois essa análise nos permite investigar as principais tendências das pesquisas e conhecer os resultados para seguir adiante. A

estavam ligados a engenharia, economia e áreas relacionadas): a) ciências sociais aplicadas; b) linguísticas, letras e artes; c) ciências humanas e d) multidisciplinares, com isso ficamos com um *corpus* de 141 trabalhos. Na segunda busca, utilizamos os operadores booleanos com o AND, “cultura” AND “cancelamento”, e encontramos 8 trabalhos. Fizemos a leitura dos títulos e resumos de todas as pesquisas e, a partir disso, filtramos o que debatiam de fato a respeito do cancelamento.

⁹ Buscamos os termos “cancelamento” e “cultura do cancelamento” em títulos e resumos de trabalhos disponibilizados dentro dos repositórios digitais das universidades, e encontramos apenas 1 trabalho na Unisinos, que já estava no nosso corpus por também pertencer ao repositório da CAPES.

¹⁰ PEREIRA, Elisandra. Educação profissional e racismo: descobrimo a influência da cultura do cancelamento através da Pedagogia Histórico-Crítica. Repositório Institucional UNESP, São Paulo, 29 abril 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3oNIPrx>>. Acesso em 01 de abril. 2023.

¹¹ SILVA, Tadeu de Oliveira. Linchamentos virtuais e cultura do cancelamento: os casos Patrícia Campos Mello e Lilia Schwarcz. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 10 mar. 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/43VxUeq>>. Acesso em 01 de abril. 2023.

¹² Apenas resumo e título disponibilizados no portal de teses e dissertações da CAPES.

¹³ SALVADOR, Carla Cristina. Liberdade de expressão: uma reflexão sobre os seus limites na experiência brasileira. Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos, São Leopoldo, 28 out. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/41EVD00>>. Acesso em 01 de abril. 2023.

partir da leitura dos trabalhos encontrados, identificamos que 2 deles discutem o cancelamento por meio de uma perspectiva jurídica baseada nas instâncias da liberdade de expressão. A dissertação intitulada *Linchamentos virtuais e cultura do cancelamento: os casos Patrícia Campos Mello e Lilia Schwarcz*, de autoria do pesquisador Tadeu Silva (2022), discute o cancelamento por uma perspectiva da sociologia e o compreende como uma prática coletiva “violenta” que têm por objetivo a aniquilação virtual do outro. O trabalho toma como base o cancelamento de duas mulheres brancas e não se debruça sobre o “pós cancelamento”.

Quanto ao trabalho de Elisandra Pereira, defendido em 2022, e intitulado *Educação profissional e racismo: Descobrimo a influência da cultura do cancelamento através da pedagogia histórico-crítica*, o foco está na educação e no racismo, a pesquisa mostra a dificuldade de estudantes negros de tratarem sobre o tema em sala de aula com medo de serem “cancelados”. O conceito de “cultura do cancelamento” não é problematizado e é encarado como um fenômeno inédito inserido no cotidiano dos indivíduos. Importante salientar que nenhum dos estudos citados acima são do campo da comunicação.

Todavia, os estudos sobre fãs encontram-se em estágio mais avançado no campo. Em mapeamentos de estado da arte acerca dessas pesquisas, tanto Toaldo e Costa (2017) como Amaral e Carlos (2016) apontam o crescimento exponencial das pesquisas relacionadas a fãs no Brasil nos últimos anos, concluindo que há uma escassez nessas investigações principalmente no que tange a diferentes abordagens temáticas e objetos empíricos. A complexidade de enfrentar a temática que estamos propondo nesta dissertação ganha uma proporção ainda maior quando discutimos a respeito da escassez das pesquisas acerca dos estudos transmidiáticos de recepção em âmbito acadêmico¹⁴. A pesquisa desenvolvida aqui busca contribuir para o campo da comunicação, para as discussões acerca da “cultura do cancelamento” e dos estudos de fãs em ambientes transmidiáticos, como aconteceu com a *rapper* Karol Conká no Big Brother Brasil 2021.

Nas pesquisas desenvolvidas por Kellner (2003), o Big Brother é tratado como uma forma de espetáculo televisivo baseado na “realidade”, um giro positivo

¹⁴ O professor doutor Guilherme Libardi, que foi membro da banca de qualificação da presente pesquisa, trouxe dados (ainda em desenvolvimento) sobre o mapeamento dos estudos de recepção e consumo midiático entre os anos 2016-2020 no Brasil, que vem sendo desenvolvido por um grupo de pesquisadores. Libardi (2022) relatou que, até aquele momento, apenas 4 trabalhos se debruçaram sobre os estudos transmidiáticos, sendo todos eles teses de doutorado.

na distopia de Orwell de uma sociedade sob vigilância total. Embalados pelas marcas e publicidade, mesmo que percam o prêmio, os eliminados retornam à fama instantânea e recebem convites para se tornarem apresentadores de TV, atores, dentre outras coisas. O pesquisador ainda aponta que há uma falta de clareza quanto aos efeitos psicológicos causados pela exposição desses indivíduos. Especificamente ao tratarmos da edição brasileira do Big Brother produzido e transmitido pela TV Globo, precisamos considerar que, segundo Lopes e Castilho (2018), a estratégia de investir em produtos multiplataformas foi iniciada pela emissora em 2009. Com o avanço da tecnologia digital, a Globo passou a permitir que os seus programas e conteúdos fossem vistos pelos usuários de qualquer lugar e em qualquer hora, conseqüentemente, os programas passaram a ser pensados para explorar não apenas a TV, mas também a internet.

No decorrer da participação de Karol Conká no Big Brother Brasil 21, os usuários das mídias sociais replicavam gravações do *pay-per-view* do *reality*, que eram exibidas em tempo real na plataforma de *streaming* Globoplay. Concomitante a essas gravações, momentos polêmicos da *rapper* também eram mostrados (cortados, em sua grande maioria) na edição do programa para o grande público.

Aqui encontramos a convergência dos meios de comunicação (JENKINS, 2009) em sua forma mais intensa, a velocidade com a qual as informações sobre a participante eram disseminadas tornaram-na o grande alvo da vez, a “vilã” que todos precisavam odiar. Perfis de fofocas e jornais criaram enquetes e noticiavam o declínio da carreira de Karol Conká a todo o momento. Conseqüentemente, marcas e programas de televisão também cancelaram seus contratos e participações da artista, com o objetivo de se dissociarem da “grande vilã”. Estimava-se que a artista já havia perdido mais de 5 milhões de reais (valor quase 4 vezes maior que os prêmios do Big Brother Brasil 21). O cancelamento da artista rendia *likes* e cliques: no Google Trends, por exemplo, entre 21 e 27 de fevereiro, período de pré e pós eliminação de Karol, o nome da *rapper* atingiu o pico máximo de popularidade. Outros colegas “famosos”, com milhões de seguidores, inclusive alguns outros “cancelados”, chamaram mutirões para eliminar a colega do *reality show*. Enquanto os adversários de Karol no jogo disparavam em números de seguidores nas mídias sociais, a *rapper* perdia dezenas. As mídias sociais aqui desempenharam um papel importante justamente pelo caráter interativo que

possuem, para Jonah E. Bromwich (2020), essas mídias permitem que as pessoas formem grupos de forma fácil e fluída, e é em grupo que as vozes dos indivíduos se tornam mais altas do que eram.

A indústria midiática, dentro desse contexto globalizado de convergência, tem se orientado por formas culturais inéditas baseadas em um conjunto de meios, que podem se transpassar de uma plataforma para outra (LOPES; CASTILHO, 2018). Tal episódio empreendeu a produção de narrativas transmídia nascidas com o objetivo de se espalharem pelas diversas mídias, sucedendo a migração de dispositivos midiáticos rumo a outras ferramentas ou meios de comunicação (LOPES; CASTILHO, 2018). Conseqüentemente, essa lógica de consumo e de produção de narrativas abarca novos espaços de comunicação e de socialização, como é o caso do ambiente proporcionado pelo Big Brother Brasil.

Os estudos de recepção indicam uma “[...] relação estabelecida pelos receptores com determinados gêneros e programas, na busca pela interpretação e produção de sentido” (TOALDO; JACKS, 2013, p.7). Por conseguinte, com o crescimento exponencial do engajamento das audiências por meio do compartilhamento de conteúdos e com a criação de comunidades *online* de fãs (BOOTH *apud* LOPES; CASTILHO, 2018), a recepção transmídia tem se mostrado uma temática primordial para os estudos televisivos (LOPES; CASTILHO, 2018).

A partir da contextualização do problema de pesquisa e do nosso objeto, chegamos ao nosso objetivo geral: compreender a postura dos fãs de celebridades frente às práticas de cancelamento em *reality shows* inseridos em ambientes transmidiáticos. Como objetivos específicos, buscamos: a) conhecer as práticas de recepção dos fãs para acompanhar o programa; b) descrever as posturas adotadas pelos fãs nos ambientes transmidiáticos durante a participação da artista no Big Brother Brasil; c) verificar se houve ou não o cancelamento por parte dos fãs; e, por fim, d) identificar o posicionamento deles após o cancelamento da artista no *reality*.

Cumprir os objetivos acima explicitados nos possibilitou compreender as diferentes nuances das práticas de cancelamento e os seus impactos sobre o *fandom*¹⁵. As discussões que trouxemos para o âmbito da comunicação a partir

¹⁵ As discussões acerca do *fandom* serão tratadas no capítulo 3.

das articulações entre os estudos de fãs e o cancelamento também possibilitaram o acionamento de questões até então pouco exploradas.

No primeiro capítulo, dedicamo-nos a contextualizar os leitores acerca da história e da jornada artística de Karol Conká, para, logo em seguida, explorar a repercussão em torno do anúncio da participação da *rapper* no Big Brother Brasil. Em seguida, detalhamos o dia a dia da artista no programa e as polêmicas nas quais ela esteve envolvida, para, a partir disso, dimensionar o cancelamento que ela sofreu e analisar todos os produtos midiáticos e lançamentos musicais que ocorreram durante os dois anos que sucederam a sua eliminação do *reality show*.

No capítulo seguinte, demonstramos as nossas incursões metodológicas e as estratégias que foram utilizadas para cumprir os nossos objetivos, como a pesquisa exploratória e qualitativa e as entrevistas semiabertas no ambiente *online*, por meio da apropriação das ideias de Johnson (2010), Flick (2004), Alonso (1995), Cáceres (1997), Sierra (2019), Duarte (2006), Schmidt, Palazzi, Piccinini (2020), Bardin (2011), entre outros.

A partir disso, seguimos para as pesquisas acerca dos estudos de fãs e audiências, traçando um panorama dessas investigações nas últimas décadas a partir de autores como Toaldo e Costa (2017), Amaral e Carlos (2016), Storey (2009) e Jenson (1992). Logo depois, exploramos a relação dessas pesquisas com os estudos culturais e trazemos definições e discussões a respeito dos termos “fã” e “fandom”. Ainda na terceira parte, a partir de Lopes (2015), Freire Filho (2013), Lucas (2018), Jenkins (1992) e Hinerman (1992), adentramos nos vínculos emocionais que constituem a relação de fãs com seus ídolos considerando que as dinâmicas, expressões e performances emotivas são constituídas por estruturas sociais e relações de poder.

Amparados por Campanella (2007), Canclini (1993), Toaldo e Jacks (2013), aterrissamos as discussões sobre fãs para o âmbito do Big Brother Brasil, trazendo conceituações acerca do consumo cultural, consumo midiático e estudos de recepção. A seguir, discutimos as especificidades do formato atual do *reality show*, que traz a participação de celebridades e as mudanças suscitadas por essa alteração de formato. As problemáticas que se desenvolvem a partir das celebridades são desenvolvidas à luz de pesquisadores como Marcus (2015), Simões (2014), Primo (2009), Cornutti (2015) e Karhawi (2021).

No quarto capítulo, debruçamo-nos acerca do cancelamento, compreendendo-o como uma prática cultural e tomando como base as ideias de pesquisadores como De Certeau (1994), Jacks, Toaldo e Oikawa (2016). O debate suscitado por Toaldo e Jacks (2013), a partir das teorias de Nestor Garcia Canclini, acerca das instâncias de diferenciação do consumo cultural, do consumo midiático e dos estudos de recepção permitiu que pensássemos nas práticas de cancelamento como parte do consumo cultural. Ao propor uma relação entre o consumo e a cidadania, Canclini (2020) defende que esta não tem relação apenas com os direitos reconhecidos pelo aparelhos estatais, mas também diz respeito às práticas sociais e culturais que dão sentido ao pertencimento. E é a partir dessa relação teorizada por Canclini (2020) que propomos pensar o cancelamento como uma prática cultural em que, por intermédio do consumo, os indivíduos almejam exercer justiça.

A seguir, complementamos as discussões suscitadas por Canclini (2020), discorrendo especificamente a respeito da relação entre o cancelamento com o marcador social de raça, ao qual Karol Conká faz parte enquanto mulher negra, à luz de pesquisadores como Munanga (2009), Almeida et al. (2018), Rodrigues (2020), Gordon (2008), Silva (2011), Gomes (2021), entre outros.

Por fim, no capítulo de análise, descrevemos os entrevistados, as suas práticas de recepção e as principais emoções, expectativas e ações dos fãs durante e após o cancelamento vivenciado por Karol Conká. Nas considerações finais, discorremos a respeito dos principais resultados, apresentamos as contribuições da nossa pesquisa para o campo e as oportunidades que enxergamos para futuras investigações a respeito do tema.

1 QUEM É KAROL CONKÁ?

Karoline dos Santos Oliveira, mais conhecida como Karol Conká, é uma mulher negra, *rapper*, apresentadora, compositora, produtora e atriz. Nascida em Curitiba, no dia 1 de janeiro de 1986, Karol, desde criança, sonhava em ser artista, o que a levou a fazer aulas de balé, teatro e dança. Seu pai era alcoólatra e faleceu quando ela tinha 14 anos. Aos 16 anos, ela participou de um concurso de rap na escola e, apesar de ser a única mulher na competição, venceu o prêmio. Foi a partir desse momento que a artista se interessou pelo gênero musical, conheceu a cena curitibana de hip hop e começou a se apresentar (CONKÁ, 2010). O nome artístico da *rapper* surgiu ao acaso na mesma época, pois, cotidianamente, durante a sua vida ela precisou falar que o seu nome se escrevia com K, a própria professora no colégio a chamava como “Karol com Ká”. Consequentemente, os seus amigos também passaram a chamá-la dessa forma. Com o passar do tempo o nome ganhou fama e “[...] não dava mais tempo de mudar” (CONKÁ, 2011).

Karol engravidou aos 19 anos e teve depressão quando o filho completou dois anos, o que resultou em uma pausa precoce na sua carreira recém iniciada. A artista revelou que sofreu muito preconceito por ser negra, mãe solteira e estar iniciando no meio artístico. Isso a tornou bastante reservada e a fez evitar falar sobre o tema publicamente por alguns anos. Quando retornou de vez ao mundo da música, Conká passou a ganhar notoriedade nacional em premiações e canais de televisão com os seus projetos e, em agosto de 2013 lançou o seu primeiro álbum de estúdio, intitulado *Batuk Freak*. O aclamado álbum é definido como “[...] uma mistura entre samples e instrumentação orgânica com beats digitais ultra dançantes, prestando atenção a uma matriz afro-brasileira” (DECKDISC, c2023).

Mesmo tendo diversos lançamentos musicais de sucesso antes de 2014, foi nesse ano que a artista ganhou notoriedade nacional com o *hit Tombei*, parceria com o grupo *Tropkillaz*. Em entrevista concedida ao jornal *O Globo*, em 2016¹⁶, a *rapper* disse que “Tombar é ser feliz. Se sentir realizado de uma maneira simples e prática (...). [A geração tombamento] é uma galera que não quer mais saber de opressão e que está cansada de julgamentos e rótulos” (RIOS, 2016). A sua música de maior sucesso foi a grande responsável pela popularização do termo “tombamento” e,

¹⁶ RIOS, Kelly Krishna. Karol Conká fala sobre feminismo e racismo: “preconceito machuca”. *O Globo*, [s.l.], 3 set. 2016. Disponível em: <<http://glo.bo/3OO4Ca4>>. Acesso em 24 de julho. 2021.

consequentemente, a canção também motivou apelidos recebidos pela *rapper* durante o seu confinamento no Big Brother Brasil 21.

Em 2017, Karol passou a fazer parte do quadro de apresentadores do canal de televisão GNT. No ano seguinte, Karol assinou contrato com a gravadora Sony Music Brasil e, em seguida, lançou seu segundo álbum de estúdio, intitulado *Ambulante*. O disco foi eleito o 34º melhor disco brasileiro de 2018 pela revista Rolling Stone Brasil, segundo a publicação, o álbum “[...] exhibe os beats bons de dançar e versos afiadíssimos, autênticos e corajosos”. O disco também foi eleito um dos 25 melhores álbuns brasileiros do segundo semestre de 2018 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Os anos seguintes (até o anúncio da sua entrada no BBB 21) foram marcados por apresentações em eventos importantes do país, participações e apresentações em programas de televisão, e lançamentos musicais com nomes relevantes do cenário musical brasileiro.

1.1 “É o poder”: a entrada da artista no BBB 21

O Big Brother Brasil 2021 contou, ao todo, com 20 participantes, 10 famosos convidados, como influenciadores e artistas (chamados de “camarotes”): Karol Conká, Carla Diaz, Camilla de Lucas, Pocah, Nego Di, Lucas Penteadó, Rodolfo, Viih Tube, Projota e Fiuk. E 10 “pipocas”, pessoas “anônimas” que se inscreveram e participaram das seletivas: Arthur Picoli, Caio Afiune, João Luiz Pedrosa, Arcrebiano Araújo (conhecido como Bil), Juliette Freire, Kerline Cardoso, Lumena Aleluia, Gilberto Nogueira, Thaís Braz e Sarah Andrade.

Após a vitória da participante Thelma Assis, uma mulher negra, na edição de 2020, em 2021, o *reality show* bateu o recorde (até então¹⁷) de pessoas negras em uma mesma edição: 9 dos 20 participantes, quase a metade. Situação, até então, inédita no Big Brother Brasil.

¹⁷ Em 2021, o Big Brother Brasil tinha batido seu primeiro recorde de pessoas negras em uma edição: foram 9 participantes negros dentre os 20 participantes. Em 2022, foram 8 de 20 e, na edição atual, de 2023, foram 11 de 22 participantes. Como parâmetro de comparação, na edição de 2019, havia 5 participantes negros dentre os 17. Na edição de 2020, eram apenas 2 participantes negros dentre o total de 18 participantes.

O anúncio oficial da participação de Karol Conká no *reality show* Big Brother Brasil 2021 aconteceu no dia 19 de janeiro de 2021. Ela foi a primeira participante do grupo camarote a ser anunciada.

Figura 1 — Anúncio participação Karol Conká



Fonte: Divulgação Globo (2021).

Na chamada exibida durante o “Big Day”¹⁸, a cantora se apresentou da seguinte forma:

Eu sou a Karol Conká: cantora, apresentadora, *rapper*, atriz, modelo, tombadeira. Não foi fácil ser uma mulher no rap e todo o boy que chega aqui ó, na minha área, passa mal. Quando eu recebi o convite para entrar na casa do BBB eu fiquei bem assim ó [cara de surpresa]. Minha estratégia de jogo: não me envolver com ninguém. Isso vai ficar gravado? [risos]. Não é só pra aparecer não, eu quero ganhar! (CONKÁ, 2021)¹⁹.

A sua assessoria, nas mídias sociais, postou um vídeo pré-gravado concomitante ao anúncio realizado em TV aberta, com a temática “alienígena”. O material apresentava diferentes “Karóis” de um jeito bem-humorado e com roupas

¹⁸ Nome dado pela TV Globo para o dia em que foram anunciados os participantes do Big Brother Brasil 2021. Os vídeos foram apresentados durante a programação do canal e eram divulgados dois nomes a cada hora, sendo um participante do grupo camarote (celebridades) e outro do grupo pipoca (anônimos).

¹⁹ TV GLOBO. Big Brother Brasil 21: conheça Arthur e Karol Conká. Youtube: TV Globo, 19 jan. 2021. (1min 15seg). Disponível em: <<http://bit.ly/3w8BbHz>>. Acesso em 03 de nov. 2022.

extravagantes, de modo a provocar o público a escolher qual das três versões da artista eles queriam ver: a alienígena, a mamacita ou a jogadora.

Figura 2 — Anúncio participação Karol Conká no Twitter²⁰



Fonte: Twitter (2021).

A postagem possui centenas de comentários positivos, incluindo marcas e personalidades famosas:

²⁰ KAROL CONKÁ. Qual Karol vai se dar melhor no @bbb? 😄. [s./], 19 jan. 2021. Twitter: @Karolconka. Disponível em: <<https://bit.ly/3WvHqjL>>. Acesso em 03 de nov. 2022.

Figura 4 — Acusações contra Karol no dia do anúncio da participação



Fonte: Twitter (2021).

A equipe da *rapper* não se posicionou sobre essas acusações. Apesar da repercussão, o *tweet* não ganhou a proporção de um cancelamento²³, mas apontou que Karol estava entrando no confinamento com algumas inimizades no meio artístico.

²³ Ao pesquisar “cancelada” nos filtros de busca do twitter no dia da postagem (19 de janeiro) foi encontrado apenas um tweet em destaque nos “principais” (com algum tipo de engajamento de outros usuários, sejam comentários ou *likes*).

Figura 5 — Primeira menção ao cancelamento²⁴



Fonte: Twitter (2023).

A vigésima primeira edição do programa foi ao ar oficialmente no dia 25 de janeiro de 2021. Nesse dia, foi exibido, em TV aberta, o “Perfil dos Brothers”, uma apresentação oficial de aproximadamente 1 minuto por participante (mais longa e com mais detalhes que o primeiro vídeo do “Big Day”). Esse vídeo²⁵ mostrava trechos marcantes da carreira de Karol, como shows e entrevistas e também possuía a participação de seu filho. O depoimento da artista pode ser lido abaixo:

A minha mãe sempre me deu o microfone de brinquedo de presente. Ela conta que eu sempre cantei, que eu sempre quis ser cantora. [...] Eu já trabalhei de vendedora, secretária, atendente de telemarketing, e aí não me encaixava em lugar nenhum. A louca do rolê. [...] Não foi fácil ser uma mulher no rap, mas o machismo me ensinou a ser mais potente que ele mesmo. [...] Olha pra minha cara de quem vai pro BBB? Dividir cama, aguentar banheiro sujo? Louça suja? Nunca! Aí chamou... Claro! Estou indo agora, é pra já. [...] Gente, eu tenho muito problema com bagunça. Todas as edições que eu assisti eu

²⁴ O “Black Twitter” citado na imagem refere-se à comunidade negra presente no Twitter composta por pessoas consideradas influentes.

²⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/3H0Dh1c>>. Acesso em 03 de nov. 2022.

falava “por que esse povo é tão bagunceiro?” [...] A minha cabeça não para e eu sou um pouco hiperativa. Como vai ser ficar longe do meu filho? [...] Eu acho, que eu vou fazer muita coisa que eu penso que nunca faria, sabe? E eu sou muito intensa e eu me permito. (KAROL CONKÁ, 2021).

1.2 “Eu não tenho medo do cancelamento”: o dia a dia e as polêmicas de Karol Conká no BBB 21

A participante foi a segunda a entrar na casa, recepcionada por Gilberto Nogueira²⁶, que viria a ser um dos seus maiores adversários no jogo. No segundo dia do confinamento, todos os participantes se apresentaram em uma dinâmica e Karol disse explicitamente que não possuía medo do cancelamento que poderia sofrer. O trecho exibido no programa ao vivo²⁷ referente à apresentação de Karol pode ser lido abaixo:

Eu estou aqui porque eu gosto de aventuras, eu nunca me imaginei aqui, sempre assisti no *pay per-view*, bem louca do rolê. Sou destemida, vou falar aqui para todo mundo, não tenho medo do cancelamento. Acontece? Acontece. Mas ter medo disso e ficar criando um personagem aqui dentro com medo, não é legal. Todo mundo que está lá fora e que vai cancelar a gente, ou não, também erram. E talvez eles vão aprender com os nossos erros e vão se sentir até mais confortáveis de saber que pessoas como a gente estão dando a cara a tapa, entendeu? Então é isso que eu tenho pra dizer. (KAROL CONKÁ, 2021).

No terceiro dia de programa, aconteceu a festa de Réveillon, em que a artista performou a própria música *Tombei*, em clima amistoso e caloroso para todos. No dia seguinte, Karol protagonizou a sua primeira polêmica no *reality*²⁸ ao se referir à participante paraibana Juliette (que viria a ser a futura ganhadora da edição) como uma pessoa expansiva, em conversa com as participantes Sarah e Thaís. Karol foi acusada de xenofobia:

Eu ouvi uma coisa ontem de uma pessoa, uma pessoa que eu acho legal, eu me divirto com essa pessoa e eu fiquei meio assim. Aí eu fui, desabafei com uma outra pessoa, e eu falei “eu acho que essa pessoa está meio assim comigo porque ela falou isso, isso e isso”. E

²⁶ Um dos participantes favoritos da edição, voltou de seis paredões e foi eliminado no último paredão com 50,87% dos votos.

²⁷ Disponível em: <<https://bit.ly/3Wt0JKu>>. Acesso em 03 de nov. 2022.

²⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/3HjJWnF>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

aí, essa pessoa disse “não, mas é o jeito, porque lá na terra dessa pessoa, é normal falar assim”. Ai eu “ahhh, tá, eu sou de Curitiba. Entendeu? É uma cidade muito reservadinha, por mais que eu seja artista e rodo o mundo, eu tenho os meus costumes”. [...] Eu tenho muita educação para falar com as pessoas, eu tenho o meu jeito brincalhão, eu brinco, mas reparem que eu não invado, eu não passo... sabe, eu não desrespeito, não fico “aí, na na na”, eu não falo nem pegando nas pessoas. Eu acho estranho. Só que aí essa pessoa falou “não, não foi por mal”. Porque eu já estava assim “hm, está com alguma coisa comigo”. Sabe? [...] E é normal isso aqui dentro, eu fiquei me sentindo mal. (KAROL CONKÁ, 2021).

Thaís e Sarah não estranharam as falas de Karol, em alguns momentos inclusive, chegaram a concordar com ela. Em paralelo, outras situações polêmicas foram acontecendo com colegas próximos da artista no confinamento: Lumena²⁹, Nego Di³⁰ e Projota³¹. O quarteto (que futuramente seria responsável pelos maiores percentuais de rejeição da história do programa) era formado exclusivamente por pessoas negras e foi apelidado pela internet como “gabinete do ódio³²”.

No decorrer da primeira semana do programa, Juliette também teve alguns conflitos com outros participantes. Consequentemente, tornou-se alvo deles e de Karol, a artista criticou a maquiadora em outras ocasiões em conversa com outros colegas³³:

Não gosto dela, acho uma falsa, deselegante, insuportável. Eu acho insuportável, eu estou segurando isso todos os dias, eu não sou obrigada a ficar escutando essa garota falar merdinha pra mim, fingir que é legal. Não foi só comigo, eu fiquei assim porque eu vi que ela causou com outras pessoas, ela é uma falsa, uma falsa. (KAROL CONKÁ, 2021).

Ao mesmo tempo em que mantinha a sua rivalidade com Juliette, Karol também se envolveu em polêmicas com o participante Lucas Penteado. Aliados no início do jogo, a relação entre os dois ficou estremecida depois da festa “Herança Africana”, ainda na primeira semana de confinamento. O participante se excedeu nas bebidas alcoólicas e arrumou confusão com outros participantes, o seu objetivo principal era fazer uma “aliança entre pessoas negras” no programa. No dia

²⁹ Quinta eliminada do programa, logo após Karol Conká, com 61,31% dos votos.

³⁰ Terceiro eliminado do programa, antes de Karol Conká, com 98,76% dos votos.

³¹ Sexto eliminado do programa, com 91,89% dos votos.

³² PUREPEOPLE. No 'BBB 21', web pede fim do 'gabinete do ódio', formado por Karol Conká, Nego Di, Projota e Lumena. Disponível em: <<http://bit.ly/3HphjX2>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

³³ Disponível em: <<http://bit.ly/3ZRvhZ3>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

seguinte, Lucas tentou deixar o confinamento, mas foi convencido pelos colegas e pela produção do programa a permanecer. Apesar de não ter tido um confronto direto com Lucas nesse primeiro momento, Karol tomou as dores de outros participantes que ela gostava e levou a indisposição a diante. No dia seguinte a festa, Lucas estava sentado na sala escutando Karol falar dele para outros colegas na cozinha³⁴:

Eu não ia ter deixado ficar, teria falado “pode sair”. Eu mesma teria abrido a porta, arrancado o microfone dele, e falado “vai querido, só vai, já deu esse teatro”. Ficar falando da gente pelas costas, depois falar que a gente está falando dele, todo mundo aqui gostando do menino, pro menino desestabilizar a Camilla. Um cara desse não vai saber nem o que fazer com 1 milhão e meio, tá entendendo? Não tem cabeça, aí tem que aguentar isso, tem que aguentar outro, diz que está perdendo a personalidade, que não sabe o que fazer. Está lá calculando qual que vai ser a próxima ceninha, que ele vai fazer, e eu não quero nem ouvir o que ele tem para falar, ontem você viu que ele quis prender eu e você [João] no quarto para falar. Aqui não. E ele vai lavar a louça, porque ele foi falar para o Projota que ele tem probleminha com a louça, que ele tem problema em lavar a louça. (KAROL CONKA, 2021).

Logo em seguida, Lucas se retira da sala e as câmeras mostram outros grupos comentando a respeito dele. O participante se desculpou com os colegas de confinamento pouco tempo depois, inclusive com Karol, mas as discussões a respeito do comportamento de Lucas continuaram. Em um dos episódios mais marcantes da temporada e da jornada da artista no programa³⁵, ela vai para a cozinha almoçar com os outros participantes e diz para ele (em voz alta, para todos os presentes também ouvirem): “Eu quero comer na paz do senhor. Entendeu? Eu não quero que você fale enquanto estou na mesa comendo, obrigada. Me respeita, valeu. Eu não quero e não estou afim” (CONKA, 2021). Lucas pergunta se ela estaria falando com ele, e ela continua: “Eu estou falando com você. Tá bom, obrigada” (CONKA, 2021), ele responde: “Come aí e quando você terminar, você me avisa” (PENTEADO, 2021), “Isso, melhor. Se você não sabe calar a boca, é melhor você sair mesmo”. O participante pede desculpas e Karol rebate:

³⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/3ZRvhZ3>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

³⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/40feQWS>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

Não desculpo. Vai cagar. Vai a merda. Vai se fazer de louco lá pra fora, pede pra sair, já deu, já deu. Não aguento, eu ia sentar aqui e não consigo nem comer, o cara não cala a boca. [...] Sem paciência pra gente que se faz de louco, se fosse louco não estava aqui dentro. Se ele está brincando, tá jogando, eu também vou ser pirada então. Então vamo lá. Só vai comer quando eu sair da mesa, ponto. Qualquer coisa me bota no paredão³⁶. Que eu tenho minha vida, minha carreira, bem bonita lá fora. Entendeu? (CONKA, 2021).

Lucas tentou se desculpar outras vezes, mas Karol se negou a aceitar as desculpas dele por um tempo. Enquanto isso, os conflitos com Juliette também continuavam. No primeiro *jogo da discórdia*³⁷ do programa, a *rapper* chamou os dois de canceladores:

Ele [Lucas] cancela a paciência da gente, cancela a oportunidade da gente falar, porque ele fala muito em cima, então ele cancela a nossa paciência, cancela oportunidades, ele se cancela e ainda faz que a gente cancele a nossa vontade de estar aqui. [...] Uma outra pessoa que me incomoda é a Ju, eu já falei pra ela, com essa pira dela, essa responsabilidade que ela joga em cima de mim de eu ter que ser psicóloga, ou essa coisa que ela tem de me questionar de porque eu não surtei na casa, como eu não surtei na casa, então eu acho que é uma maneira de cancelar oportunidades também. Ela fala demais e se escuta de menos, é isso. (CONKA, 2021).

Lucas se defendeu e se desculpou novamente, mas Karol continuou rebatendo-o. Em um momento da discussão, ela diz que o acha um “merda”. No dia seguinte, Karol foi chamar Lucas para almoçar e se desculpou pelos comportamentos do dia anterior³⁸:

Eu não tenho raiva de você, eu senti raiva na hora. Assim como você sentiu raiva pelas coisas que eu falei. Eu me conheço, eu sei quando eu estou nervosa, eu sei a maneira que eu falo. [...] Eu estou te chamando para almoçar porque eu fiquei me sentindo mal que você saiu, em nenhum momento eu te toquei, eu só falei que queria comer na paz, sem falação. [...] A gente tem que ter limite as vezes, assim como eu tenho que ter limites na minha animosidade, era o terceiro dia já. [...] Eu não vou ficar te provocando, relaxa, foi ontem, ontem

³⁶ O termo “paredão” nasceu em 2002 por meio do participante Adriano de Castro, anteriormente ao momento de votação do público para escolher pela permanência dos confinados era chamado de “berlinda”. Desde então, o Big Brother Brasil adotou o termo “paredão” como oficial (FORATO, 2020).

³⁷ Dinâmica criada pela direção para que os participantes exponham as suas opiniões e desavenças com os demais no programa ao vivo (na tv aberta). Consequentemente, esse momento gera discussões calorosas e generalizadas. Disponível em: <<http://bit.ly/40feQWS>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

³⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/406LxWc>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

eu separei um dia para isso, hoje é um novo dia. [...] Eu não sou uma pessoa raivosa, eu estava. Também fui errada, e eu estou falando aqui na sua cara coisas que eu falei do tipo: eu não posso bater nele aqui, mas lá fora eu vou dar na cara dele. E eu não vou fazer isso. Eu estou vindo aqui te pedir desculpas por ter falado que você é um merda, você não é um merda. [...] Vamos selar a paz, eu me perdo, eu te perdo. (CONKA, 2021).

Ambos se abraçaram depois dos pedidos de desculpas. Karol continuou a sua saga de protagonismo no programa e começou a se envolver romanticamente com o participante Arcrebiano³⁹ (Bil). O rapaz se demonstrou desconfortável em algumas situações de flerte com a artista⁴⁰, mas, após algumas investidas, Karol e Bil se beijaram na festa do líder, Nego Di⁴¹.

Figura 6 — Karol e Bil deitados no gramado



Fonte: Globoplay (2021).

O interesse de Karol por ele também gerou novos atritos com Juliette. A *rapper* chegou a ter uma discussão com Bil por conta da participante⁴² dizendo: “[...] daqui a pouco, eu estou sendo tirada lá fora como se estivesse competindo um homem, e eu não sou esse tipo de pessoa. Você [Bil] dá trela e eu não estou a fim de ficar aguentando gente louca em cima de mim por causa de você” (CONKA,

³⁹ Segundo eliminado da edição, com 64,89% dos votos.

⁴⁰ Disponível em: <<http://bit.ly/3WKWh9K>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁴¹ Disponível em: <<http://bit.ly/3j9QSeL>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁴² Disponível em: <<http://bit.ly/3j9QSeL>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

2021). Por causa de Bil, Karol também protagonizou outro momento marcante no programa: a briga com a atriz Carla Diaz⁴³ depois da festa “Holi Festival”⁴⁴.

A briga entre Conká e Diaz começou porque a *rapper* a acusou de estar interessada em Bil, quando, na verdade, a atriz estava interessada em Arthur Picoli⁴⁵ (com o qual ela viria a viver um romance futuramente na casa). Carla compartilhou a situação com alguns colegas de confinamento, mas, logo, a acusação se espalhou e gerou uma briga entre as duas no quarto. Durante o diálogo, Karol chega a apontar o dedo para Carla e a manda “calar a boca”: “[...] mano, seja adulta. Mantenha a nossa palavra, eu e você. [...] Falsa do caralho. Cala a boca e vai dormir. Cala a boca e vai dormir. Você é falsa” (CONKA, 2021). Karol ameaçou deixar o programa por conta da discussão e se desculpou com Carla Diaz alguns dias depois⁴⁶:

Eu tenho um problema com a minha animosidade. Eu tenho um problema. Quando eu surto, a minha língua vira uma bazuca, e eu quero transferir toda a minha dor falando as coisas para os outros. Uma das coisas que a minha mãe e o meu irmão, que é o meu produtor, me falaram antes de eu vir para cá, foi: Karol, o meu medo é você ter esse pico de ansiedade e você ofender alguém lá e essa pessoa não entender que você tem esses problemas com a sua animosidade. Esse é um dos motivos de porque eu não queria entrar aqui. (CONKA, 2021).

Nessa mesma noite da festa, Lucas Penteado, participante com o qual a artista teve algumas brigas anteriormente, desistiu do programa durante a festa “Holi Festival”. Após protagonizar o primeiro beijo gay da história do Big Brother Brasil com Gilberto, Lucas não processou muito bem a situação e a reação da casa também contribuiu para a sua desistência, pois desacreditaram da sua bissexualidade e o acusaram de se valer da situação por uma estratégia de jogo. Karol foi uma das poucas participantes que demonstrou apoio a ele naquele momento.

Ao mesmo tempo, Karol e Bil se afastaram e ela o acusou de usá-la em conversa com outros participantes⁴⁷: “[...] o cara é outro bundão, um bundão que não saca as coisas. Está tão desesperado com medo de sair, que preferiu me usar, é

⁴³ Sétima eliminada do programa, com 44,96% dos votos.

⁴⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/3WLBdQL>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁴⁵ Décimo quarto eliminado do programa, com 61,34% dos votos.

⁴⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/3XLwQX1>>. Acesso em 22 de dez. 2022.

⁴⁷ Disponível em: <<http://bit.ly/3HEWA1W>>. Acesso em 20 de jan. 2023.

assim que eu me sinto, ele em nenhum momento veio conversar comigo” (CONKA, 2021). Ela também chegou a dizer para outros colegas que beijá-lo não foi bom. Ambos foram indicados para o segundo paredão da edição, enquanto Bil foi o mais votado pela casa, Karol foi indicada por Gilberto (que atendeu ao big fone⁴⁸). Karol venceu a prova bate e volta⁴⁹ e escapou do paredão, entretanto, Bil foi eliminado. Apesar disso, um dia antes da eliminação, ambos haviam conversado e se desculgado um com o outro⁵⁰.

A essa altura do jogo, Gilberto e Sarah Andrade⁵¹ eram os únicos participantes da casa que apontavam Karol como vilã da edição em suas conversas paralelas⁵². Gilberto e Karol também protagonizaram discussões calorosas no programa, sendo uma delas ao vivo em um jogo da discórdia⁵³. Mas ao mesmo tempo em que protagonizaram esses momentos, ambos declararam gostar um do outro e tiveram diversos momentos descontraídos juntos.

Apesar de ter se resolvido com Carla Diaz, a rivalidade entre ambas permaneceu, Karol constantemente comentava a sua percepção sobre a atriz para os colegas⁵⁴:

[...] até o dia em que eu fui me desculpar ela não me deixava falar. E aí era “eu, porque eu, mas é a minha vida, eu artístico”. [...] E eu sei como desestabilizar, então eu começo assim, não falando mais. Entendeu? Se vier me perguntar eu vou falar: não, eu não sinto que o seu perdão foi real, não tem porque eu ficar ali mendigando nada, eu não preciso de nada vindo de você. (CONKA, 2021).

Em seguida, Karol expôs a sua insatisfação com outra participante por ter ficado ao lado de Carla: “É muito chato a outra ficar também toda hora falando: ‘ah, porque você não sei o que’. A Camilla⁵⁵. Fica toda hora tipo, tem um textão pra todo mundo. Sabe? E não está vendo que está errando nas atitudes” (CONKA, 2021).

⁴⁸ O “Big fone” é um telefone que pode tocar a qualquer hora do dia e entregar um “poder” no jogo para algum participante: seja uma imunidade, uma indicação para o paredão etc. Em alguns casos, o big fone também pode entregar alguma desvantagem para o participante (como indicá-lo automaticamente ao paredão, por exemplo).

⁴⁹ A “bate volta” é uma prova onde as pessoas indicadas ao paredão se enfrentam e apenas uma tem a chance de escapar. Apenas a indicação do líder não concorre na prova.

⁵⁰ Disponível em: <<http://bit.ly/3ReIKYa>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁵¹ Oitava eliminada do programa, com 76,76% dos votos.

⁵² Disponível em: <<http://bit.ly/3j9QSeL>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁵³ Disponível em: <<https://bit.ly/3XLwQX1>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁵⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/3Dqtocd>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁵⁵ Uma das três finalistas da edição, ao lado de Fiuk e Juliette.

Camilla, em conversa com outras participantes, disse que se sentiu excluída por não ter apoiado Karol na discussão com Carla⁵⁶:

Já me questionaram por eu ser ou não ser uma mulher negra militante, só que eu não sou radical. A minha militância é de outra forma. Entra em uma questão de estar com a gente ou não estar. Mas não é sobre isso, é sobre uma situação que aconteceu, que... você [Carla] não estava errada. Então, não teria como eu passar a mão na cabeça da Karol pelo fato só dela ser uma mulher negra. O pessoal tem falado tanto desse movimento, de terem abandonado a Karol, por ser uma mulher negra. Mas e eu? E eu que estou sendo excluída só porque eu “fiquei do seu lado” [Carla], te apoiando porque você estava mal? (DE LUCAS, 2021).

A essa altura, Karol já era a opção de diversos brothers para ir ao paredão, mas venceu uma das provas e se tornou líder na terceira semana do programa. Karol fez uma cerimônia de coroação na brincadeira com Nego Di, em que se intitulou a “rainha do deboche”⁵⁷. Nego Di, um dos seus principais aliados na casa, foi o terceiro eliminado, com o maior recorde de rejeição da história do BBB até então: 98,76%. O paredão era formado por Sarah (indicada de Karol) e Fiuk (mais votado pela casa), o indicado pelo líder tinha o poder de puxar mais uma pessoa, Nego Di foi o escolhido por Sarah.

Figura 7 — Karol sendo coroada líder



Fonte: Globoplay (2021).

⁵⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/3wFpOau>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁵⁷ Disponível em: <<http://bit.ly/3wDO5xD>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

Na semana seguinte, Karol e Sarah fizeram um acordo: Karol não iria vetar Sarah de concorrer à prova do líder (o líder tinha o poder de vetar dois participantes) e Sarah não votaria em Karol caso ganhasse a liderança da semana⁵⁸, o que acabou acontecendo. Um dia antes da formação do paredão, Karol foi pivô de uma discussão entre Arthur Picoli e Gilberto⁵⁹ (que já vinham se estranhando há algum tempo). Alguns participantes apontaram Karol como a culpada pela briga entre os dois. Depois da discussão, a artista chorou e disse: “Sempre tem um louco, e eu estou no meio dessa bosta. Eu vou falar para a Sarah me colocar no paredão, aí eu vou embora” (CONKA, 2021).

No mesmo dia, Karol protagonizou uma nova discussão⁶⁰ com Camilla de Lucas. Como citado anteriormente, ambas já tiveram alguns desentendimentos por conta da situação entre Karol e Carla. Camilla e Karol estavam comentando sobre a discussão entre Arthur e Gil, e a *rapper* insinuou que De Lucas estava “do lado de lá” e que ambas estavam em lados opostos no jogo por falta de afinidade. Camilla respondeu: “Você quer jogar uma pessoa contra a outra, mas eu sou a Camilla de Lucas, eu não sou idiota não. Você pode ser a Karol Conká braba lá fora, mas tem outra braba aqui dentro também”. Karol (2021) disse que Camilla estava “querendo competição com duas mulheres pretas”. De Lucas também se exaltou e rebateu (2021) “[...] não vem levantar militância em questão de afinidade não. Porque eu não sou obrigada a me dar bem com você”. Apesar de terem conversado posteriormente sobre a discussão, essa foi a única briga em que Karol não se desculpou com o outro participante.

Após a desavença, Karol voltou a chorar e a compartilhar com outros colegas que não estava mais aguentando as pressões do confinamento e que iria pedir para Sarah coloca-la no paredão. Essa conversa entre as duas nunca aconteceu, mas Sarah quebrou a sua parte no acordo entre ambas e indicou Karol, alegando que estava seguindo a sua intuição no jogo e que achava que a *rapper* era incoerente: “[...] eu sinto que ela vem dá um tapa e depois dá um beijo na pessoa. Eu não acho coerente as atitudes dela” (ANDRADE, 2021). O paredão foi formado por Karol, Arthur (Caio⁶¹, Fiuk e Gilberto ficaram entre os finalistas da Prova do Líder e, com

⁵⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/3DqLIHD>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁵⁹ Disponível em: <<http://bit.ly/3HDqdAq>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁶⁰ Disponível em: <<http://bit.ly/3HDqdAq>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁶¹ Décimo primeiro eliminado do programa, com 70,22% dos votos.

isso, ganharam o direito de indicar um participante ao Paredão) e Gilberto (mais votado pela casa com Projota, que venceu a prova bate e volta). Logo após a formação do paredão, os emparedados possuem 30 segundos para defender a sua permanência na casa para o público, a defesa de Karol pode ser lida abaixo⁶²:

Eu sempre falo aqui para amigos próximos que... aqui, no BBB, é: ou você joga passando mal ou passa mal jogando. Eu acho que eu me senti um pouco deslocada em alguns momentos, sou muito intensa e verdadeira com os meus sentimentos, sou aberta, um livro muito escancarado. Se o público achar que eu devo ficar, ok. E é isso que eu tenho para dizer. Eu quero deixar um grande beijo para todo mundo aí que está acompanhando e mandando boas energias. (CONKA, 2021).

No jogo da discórdia do dia seguinte, quando perguntada sobre quem seria a pessoa responsável pela sua ida ao paredão, Conka (2021) reconheceu que foi ela própria⁶³: “[...] eu meio que soltei feras e ajudei, de certa forma, a Sarah a se decidir”. O apresentador do Big Brother Brasil também perguntou se, caso Karol fosse eliminada pelo público no dia seguinte, qual seria o motivo. E ela respondeu:

Porque eu venho praguejando pela casa que eu não estou feliz aqui, o único momento que eu me sinto feliz é quando tem festa, eu sou muito intensa, eu tenho um problema com a minha animosidade, sou um pouco mimada também. Eu gosto das coisas do meu jeito e as coisas não acontecem assim aqui e eu acabo me irritando com muita desorganização, eu tenho toque. Aí eu fico falando que não estou feliz aqui, aí deve ser isso. O público deve me enxergar como uma pessoa ingrata, embora eu tenha muita gratidão em estar aqui. (CONKA, 2021).

Karol foi eliminada no seu primeiro paredão, o quarto da edição, com 99,17% de votos. O recorde de rejeição absoluta de todos os anos do *reality show*.

1.3 “Jaque Patombá”: o recorde de rejeição e o cancelamento

Pela primeira vez em toda a temporada, a conversa do apresentador com o eliminado após o anúncio do resultado aconteceu depois dos intervalos comerciais⁶⁴. Tiago Leifert perguntou para Karol o que ela achava que aconteceu (para ser eliminada):

⁶² Disponível em: <<http://bit.ly/3wFMUOe>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁶³ Disponível em: <<http://bit.ly/3WLRBW3>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

⁶⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/3DnOSGN>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

Eu acho que eu me perdi dentro de mim e me senti muito frustrada. Eu sempre falo que eu sou uma libélula, eu gosto de voar. Eu nunca imaginei que eu fosse dar uma surtada assim no programa. Realmente, quando a gente entra na casa é tudo muito louco, eu tenho mania de controle. Eu vivo uma vida onde eu controlo tudo, sou dona da minha vida, dona da minha carreira, e chegar ali e não poder controlar achismos e nem a minha animosidade, me deixou muito mal. E também o sentimento de culpa, foi me deixando mais amarga por dentro. (CONKA, 2021).

O apresentador, em seguida, contou para Karol que ela entrou para a história do programa com o maior percentual de rejeição e perguntou se ela sabia os momentos que pesaram para a decisão do público. A *rapper* disse que sim e citou os momentos vivenciados com Carla Diaz e Lucas Penteado, em seguida ela se desculpou com os espectadores:

Perdão, Brasil. Perdão a todo mundo que se sentiu atingido. Pelo meu erro, por essa falha na minha personalidade. Eu preciso arrumar isso e sou muito grata por participar desse programa, porque só assim pra eu aprender, pra eu enxergar com os olhos mais abertos. [...] Eu agradeço para o público que votou, eu realmente estava precisando me sentir liberta. Tem pessoas que eu sei que votaram porque gostam de mim e acreditam que saindo ia ser a melhor coisa a acontecer, senão eu ia fazer coisas piores lá dentro, ia me machucar mais e machucar mais outras pessoas. Desculpa mãe, desculpa filho, já estou voltando e vou colocar a cabecinha no lugar. (CONKA, 2021).

Leifert (2021) agradeceu a participação de Karol e disse que “[...] o que acontece no Big Brother, fica no Big Brother”. Entretanto, não foi isso o que aconteceu: Karol Conká se tornou a grande vilã da edição e, quando foi eliminada do programa, deparou-se com um cenário desafiador e perigoso na sua vida pessoal, algo que ia além da sua carreira.

Os usuários das mídias sociais replicavam os acontecimentos descritos acima com trechos retirados do *pay-per-view* do *reality* (exibidos em tempo real na plataforma de *streaming* Globoplay) sem mostrar o contexto das discussões. Concomitante a essas gravações, momentos polêmicos da *rapper* também foram mostrados na edição ao vivo do programa para o grande público. Perfis de fofocas em mídias sociais e jornais criaram enquetes e noticiavam o declínio da carreira de

Karol Conká a todo o momento⁶⁵. Conseqüentemente, programas de televisão e festivais de música também cancelaram seus contratos e participações da artista⁶⁶, com o objetivo de se dissociarem da “grande vilã”.

Figura 8 — Manchetes de jornais sobre cancelamento de Karol Conká

BIG BROTHER BRASIL

Polêmicas de Karol Conká no BBB21 fazem GNT cancelar exibição de programa com a rapper

O canal havia anunciado que transmitiria em fevereiro 'Prazer, feminino', atração com Karol Conká feita originalmente para o YouTube do GNT

Festival Rock The Mountain cancela participação de Karol Conká

'Muito além da música, o Rock the Mountain preza pela energia positiva durante os dois dias de evento', afirmou a produção do evento.

Festival Rec-Beat suspende exibição de participação de Karol Conká: 'Atitudes vão contra princípios basilares'

Evento informou que decisão foi tomada em conjunto com a produção da artista. 'Queremos ir mais além nessa questão e por isso anunciaremos em breve a realização de um debate onde o tema central será xenofobia'.

Fontes: Correio Braziliense e G1 (2023).

⁶⁵ CASTRO, Daniel. Enquete BBB21 aponta rejeição de Karol Conká no paredão contra Arthur e Gi. NOTÍCIAS DA TV, 23 fev. 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/3jBtw1X>>. Acesso em 30 de abril. 2022.

⁶⁶ CORREIO BRASILIENSE. Polêmicas de Karol Conká no BBB21 fazem GNT cancelar exibição de programa com a rapper. Correio Braziliense, 2 fev. 2021. Disponível em: <bit.ly/3x0eg1H>. Acesso em 30 de dez. 2022.

G1. Festival Rock The Mountain cancela participação de Karol Conká. G1, 7 fev. 2021. Disponível em: <<http://glo.bo/3RFR3vq>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

G1. Festival Rec-Beat suspende exibição de participação de Karol Conká: 'Atitudes vão contra princípios basilares'. G1, 2 fev. 2021. Disponível em: <<http://glo.bo/3Hwa3HW>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

Outras marcas também se aproveitaram do cancelamento da artista para comentar sobre o programa e ganhar engajamento, como, por exemplo, a Skol.⁶⁷

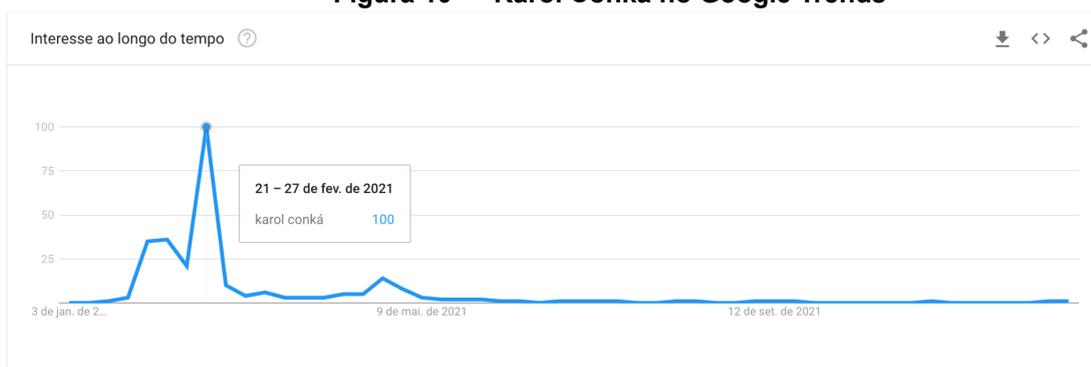
Figura 9 — “Scol Concê”



Fonte: Meio & Mensagem (2021).

Estimava-se que a artista poderia ter perdido mais de 5 milhões⁶⁸ (valor quase 4 vezes maior que os prêmios do Big Brother Brasil 21). O cancelamento da artista rendia *likes* e cliques: no *Google Trends*⁶⁹, por exemplo, entre 21 e 27 de fevereiro, período de pré e pós eliminação de Karol, o nome da *rapper* atingiu o pico máximo de popularidade naquele ano.

Figura 10 — Karol Conká no Google Trends



Fonte: Google Trends (2021).

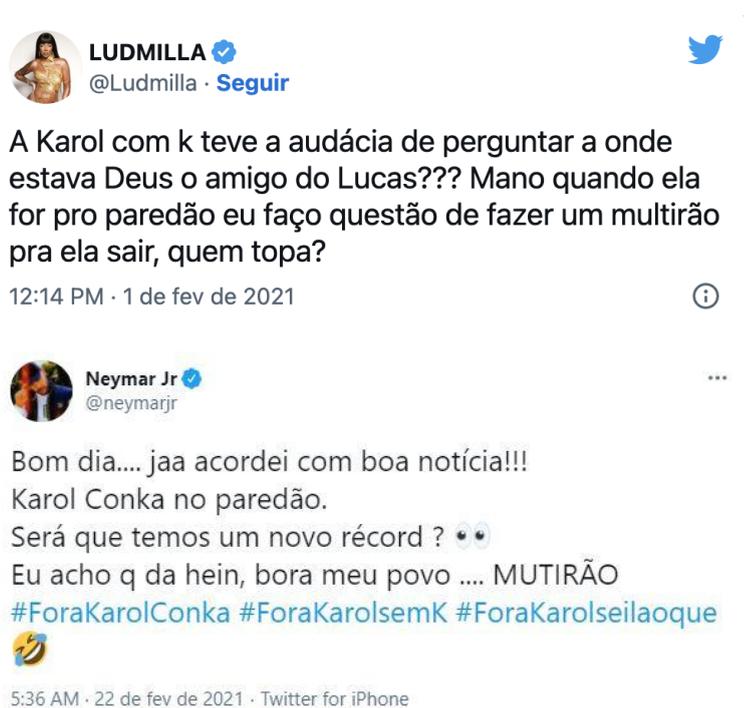
⁶⁷ ROGENSKI, Renato. Skol deleta tweet que fazia referência à Karol Conká. Meio e Mensagem, 3 fev. 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/3XaPcQi>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁶⁸ NICOCELI, Artur; MIRELLE, Beatriz. Karol Conká pode perder até R\$ 5 milhões com polêmica no “Big Brother Brasil”. Forbes Money. Forbes, 3 fev. 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/40qUCcC>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁶⁹ O *Google Trends* é uma ferramenta do Google que permite acesso aos termos mais populares buscados em um passado recente. A plataforma apresenta gráficos com a frequência em que um termo particular é procurado em várias regiões do mundo, e em vários idiomas.

Outros colegas “famosos”⁷⁰, com milhões de seguidores, chamaram mutirões para eliminar a colega do *reality show*. Enquanto os adversários de Karol no jogo disparavam em números nas mídias sociais, a *rapper* perdia dezenas⁷¹ (inclusive, ela foi a única que perdeu seguidores).

Figura 11 — Famosos comentando o cancelamento de Karol Conká



Fonte: Twitter (2021).

Karol Conká também recebeu o apelido “Jaque Patombá”: uma estratégia difundida pelos internautas para não citar o nome da cantora nas mídias sociais. O apelido faz referência ao maior *hit* da sua carreira, *Tombei*. Um perfil com essa referência⁷² foi criado na mídia social *Instagram* com o objetivo de superar o número de seguidores da *rapper* nas redes sociais (que na época se encontrava em 1,3

⁷⁰ DOLIVEIRA, Matheus. De "canceladora" a "cancelada": Karol Conká vira alvo de outros famosos. Exame, 2 fev. 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/3RBjGcO>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁷¹ ESTADÃO. Confira quem ganhou mais seguidores durante o 'BBB 21'. Estadão, 4 maio 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/3K3j4eD>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁷² UOL. Perfil pela rejeição de Karol acumula mais seguidores que o oficial. Uol, 12 fev. 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/40zZ4pp>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

PUTTI, Alexandre. Caso Karol Conká: qual o limite da 'cultura do cancelamento'? Carta Capital, 24 fev. 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/3l3pKb0>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

milhões), com a descrição “[...] o maior mutirão já realizado do BBB” e nome de usuário @rejeicaodakarol o perfil atingiu a marca de 2 milhões de seguidores em menos de 1 mês.

Figura 12 — Perfil Instagram “Jaque Patombá”



Fonte: Carta Capital (2021).

Além dos comentários de ódio e de cunho racista que recebeu nas redes sociais, os produtores musicais, funcionários e familiares de Karol Conká também sofreram ameaças⁷³.

1.4 “A vida depois do tombo”: o pós-BBB de Karol

A agenda de compromissos de Karol foi extensa após a sua rejeição no Big Brother Brasil 2021. Alguns compromissos já eram de praxe, mas a Rede Globo arquitetou uma operação para garantir a integridade da imagem da artista (pois isso lhe garantia a possibilidade de escalar outros nomes famosos para o “BBB” no futuro) e, também, por audiência, visto que a *rapper* alcançou recordes no *reality show* e picos de espectadores em outros programas da emissora⁷⁴ (ISTO É, 2021).

Karol participou de diversos programas de televisão em canais abertos da TV Globo após a sua saída, conforme quadro a seguir:

⁷³ FOLHA DE S. PAULO. BBB 21: Karol Conká diz que família tem sofrido ameaças: 'Estão indo além'. Disponível em: <<http://bit.ly/3EnrcCM>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁷⁴ ISTO É. Globo cria operação especial para evitar assédio a Karol Conça no 'Domingão'. Disponível em: <<https://bit.ly/3Lqxp3J>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

Quadro 2 — Principais programas que Karol Conká participou na Rede Globo após o BBB21

Programa	Data	Breve descrição da participação de Karol Conká
Rede BBB ⁷⁵	24 de fev. 2021	 <p>Karol se desculpou e comentou sobre a sua trajetória no jogo, de forma bem-humorada e irônica em alguns momentos. Ela chegou a dizer que (CONKA, 2021) “[...] se a gente analisar bem, esses erros [que eu cometi] não foram tão graves assim, [...] o julgamento ele vem à tona, mas ninguém sabe o que é estar lá dentro sendo eu”. A artista se demonstrou positiva e disse que o ódio do público por ela iria passar pois as suas reações aconteceram dentro do jogo, não sendo algo que ela faria fora da casa.</p>
Mais você ⁷⁶	24 fev. 2021	 <p>Karol manteve o seu bom-humor e ironia em alguns momentos, mas em um tom mais leve e contido comparado com a entrevista da noite anterior. Ela se desculpou mais uma vez com o público e iniciou a conversa dizendo que “[...] essa vilã que surgiu dentro de mim no programa não é real aqui do lado de fora. [...] Eu não teria chegado até aqui sendo uma pessoa má e injusta” (CONKA, 2021).</p>

⁷⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/3JQOiFn>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁷⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/3x5OQja>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

<p>A Eliminação (Multishow)⁷⁷</p>	<p>25 fev. 2021</p>	 <p>Karol reassistiu as suas principais polêmicas no <i>reality</i> e explicou o contexto de alguns questionamentos dos apresentadores. Em momentos pontuais, ela se demonstrou um pouco desconfortável em rever algumas cenas e responder perguntas. Uma das apresentadoras insinuou que a artista “gosta” de holofotes e que ela deveria estar feliz em ter entrado para a história do programa com o recorde de rejeição, Conká prontamente nega e diz que gostaria de ter entrado para a história de outra forma. A artista também foi submetida a ler alguns comentários de usuários do twitter e respondê-los.</p>
<p>Domingão⁷⁸</p>	<p>28 fev. 2021</p>	 <p>Karol se desculpou com o público novamente e disse que apesar de estar sofrendo, não iria aparecer chorando e “definindo” nas câmeras. A <i>rapper</i> também criticou os usuários da internet que pediam empatia e que a crucificaram pelas suas atitudes, mas que, aqui fora, estavam sendo hostis com ela e propagando discurso de ódio. Conká também frisou que teve momentos bons no programa e que aqueles comentados pelo público não eram únicos: “Os recortes, as coisas que vão para internet, [...]</p>

⁷⁷ HUMOR MULTISHOW. Karol Conká CANCELA atitudes de Projota e de Arthur e dá uma passada de pano INUSITADA | BBB21. Youtube: Humor Multishow, 25 fev. 2021. (4 min 24 seg.). Disponível em: <<https://bit.ly/3RG9ShQ>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁷⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/3DRVMnT>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

		maximizam muito. A impressão que dá é que eu passava o tempo inteiro naquele <i>mood ali</i> " (CONKA, 2021).
Fantástico ⁷⁹	28 fev. 2021	 <p>“Abusos psicológicos, <i>bullying</i> e mentiras, os principais alvos foram os participantes Lucas, Carla e Juliette”, diz uma das chamadas do programa. A entrevista aconteceu no estúdio dela e essa foi a primeira entrevista, até então, em que Karol chorou em frente às câmeras. Ela comenta que a vida a obrigou a sempre parecer ser forte por ser uma mulher negra e conta sobre algumas cicatrizes familiares e a rejeição que sofria na escola e em alguns relacionamentos. A <i>rapper</i> novamente pede perdão ao país pelas suas atitudes: “[...] quantas pessoas já passaram por essa onda de cancelamento e as suas carreiras não foram canceladas? Agora acabou o jogo, deixa ela viver a vida dela, não ameacei ninguém de morte” (CONKA, 2021). No fim da entrevista, são citadas as ameaças que os seus familiares sofreram durante a sua participação no Big Brother Brasil.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Todavia, o primeiro lançamento da artista após o recorde de rejeição não foi uma música, mas, sim, uma série documental produzida pelo Globoplay intitulada *A vida depois do tombo*⁸⁰ (uma clara referência ao seu maior hit *Tombei*). Lançada oficialmente em 29 de abril de 2021 e dividida em quatro episódios, a série acompanha Karol nos seus primeiros vinte e cinco dias fora do Big Brother Brasil 2021 e conta com entrevistas da cantora, familiares e assessores.

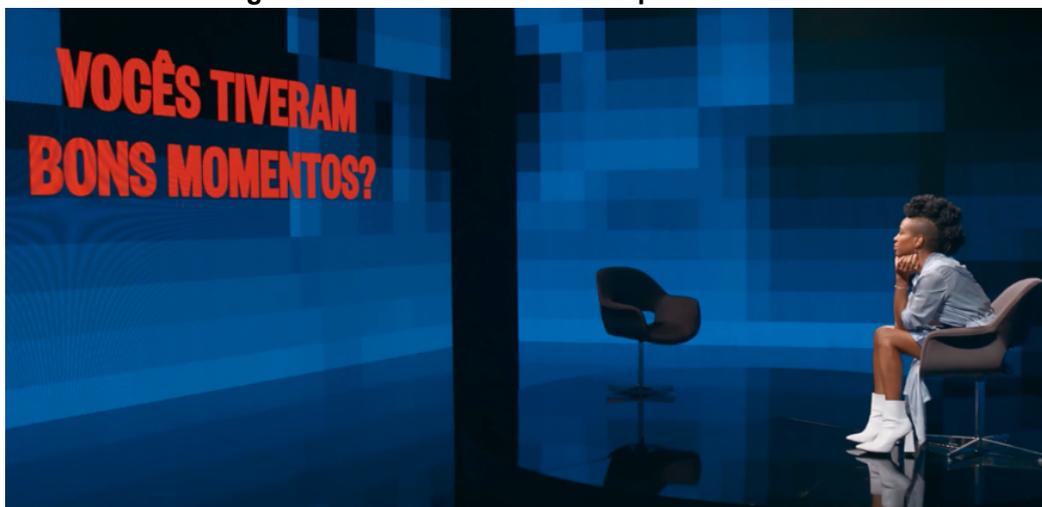
A série se desenvolve por meio de uma alternância entre depoimentos, momentos da vida real e um formato de entrevista em que Karol está ao centro de

⁷⁹ Disponível em: <<http://bit.ly/3lwWsRI>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁸⁰ GLOBOPLAY. *A vida depois do tombo*. [Série de TV]. Direção de Patrícia Carvalho e Patricia Cupello. Rio de Janeiro: Globoplay, 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/3lAmBzD>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

uma sala escura, cercada de telões, revendo cenas da sua participação no *reality* e respondendo perguntas diretas.

Figura 13 — Karol em “A vida depois do tombo”



Fonte: Globoplay (2021).

O primeiro episódio, chamado de *Cancelamento*, mostra Karol retornando para sua casa, em São Paulo, e sendo recebida pela família. Em alguns momentos, também são exibidas algumas mensagens de ódio que ela recebeu nas mídias sociais e as manchetes dos jornais que apontavam o declínio da sua carreira artística. Advogados, empresários e assessores deram os seus depoimentos. A *rapper* disse que entrou no programa com o objetivo de ganhar dinheiro e dar mais visibilidade ao seu trabalho, mas que, no fim, acabou expondo um outro lado seu. No fim desse episódio, é evidenciada a relação de Conká com Bil e ela se desculpa inúmeras vezes com o ex-participante.

O segundo episódio, *Realidade*, mostra os bastidores da participação da artista nos programas televisivos da TV Globo e as suas conversas com os seus assessores a respeito da forma como ela deveria se posicionar perante a imprensa. A equipe da artista ficou acuada com o seu cancelamento e dispensou diversos funcionários sem o seu consentimento. Em trechos da série ela se demonstrou bastante decepcionada e com um sentimento de abandono na carreira. Karol também rebateu algumas notícias falsas que circulavam na internet sobre as suas perdas financeiras e carreira. Carla Diaz não aceitou participar do documentário e, junto com Juliette, foi o foco do pedido de desculpas de Karol em *Realidade*.

Ruptura é o episódio com maior tempo de duração. Nele, a artista reconhece que só se deu conta da proporção das suas atitudes no Big Brother depois de três dias fora da casa. Essa terceira parte mostra como Karol entrou no rap, os desafios que enfrentou no início da sua carreira, maternidade e a produção do seu primeiro álbum de estúdio, o *Batuk Freak*. Karol recebe Lumena no estúdio e elas assistem e avaliam as suas atitudes dentro do *reality*.

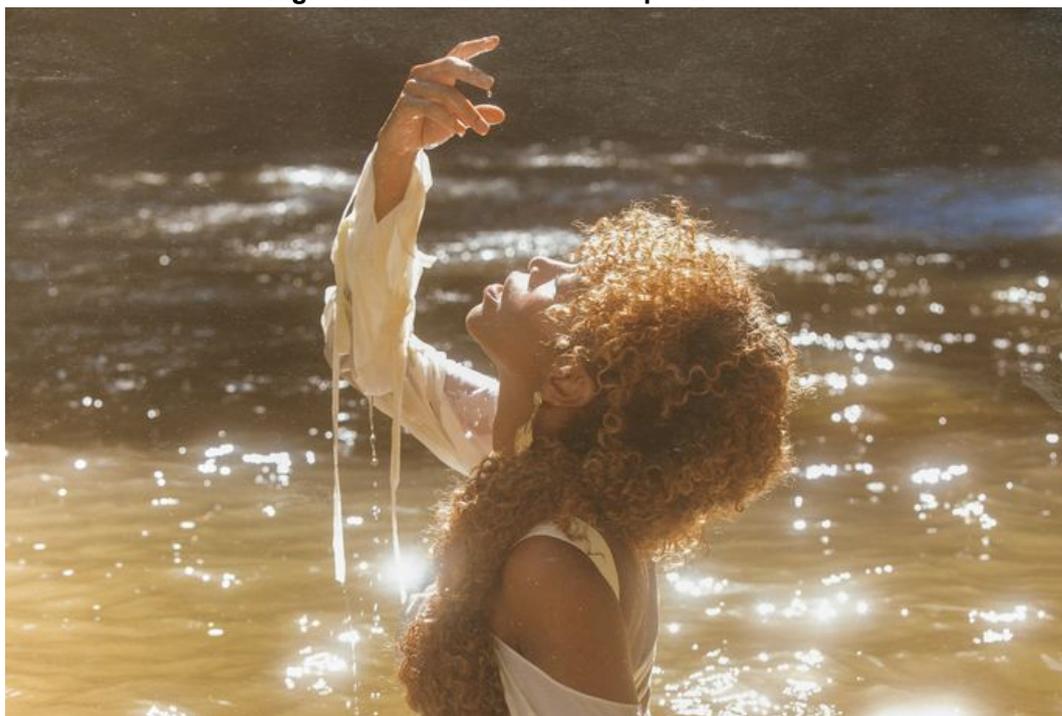
O último episódio, intitulado de *O Pai*, explora os traumas de infância de Conká e a sua relação conturbada com o seu pai, que era alcoólatra. As suas desavenças com Lucas Penteado norteiam as cenas e Karol confessa que Lucas trazia lembranças dolorosas do seu falecido pai, o que acabava despertando nela sentimentos ruins de agressividade. Ele desistiu de encontrá-la para a série, mas deixou um vídeo gravado. Karol pede perdão para ele aos prantos. No fim da série, a *rapper* retorna ao estúdio e canta a sua música, até então, inédita, *Dilúvio*.

*Dilúvio*⁸¹ foi a primeira música lançada pela artista após a sua saída, no dia 5 de maio de 2021, logo após a final do Big Brother Brasil. Segundo a *rapper*, a canção já estava escrita antes do confinamento, mas, apesar disso, definiu perfeitamente o momento ao qual ela estava enfrentando. No refrão, Karol (2021) canta “[...] só mais um dia de luta, depois o dilúvio”. O videoclipe possui um visual intimista e paisagens naturais, todos os figurinos usados por Karol são claros ou em tons pastéis. Com o lançamento do novo single, a artista cresceu 978% em *streamings* e recuperou o número de seguidores que havia perdido com a sua entrada no programa⁸².

⁸¹ KAROL CONKÁ. Karol Conká - Dilúvio (Clípe Oficial) | prod. Leo Justi. Youtube: Karol Conká, 11 maio 2021. (3min 43seg.). Disponível em: <<https://bit.ly/3S9xw6l>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁸² G1. Karol Conká cresce 978% em streaming após o lançamento de 'Dilúvio'. G1, 7 maio 2021. Disponível em: <<http://glo.bo/3ISAUa8>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

Figura 14 — Karol no videoclipe de Dilúvio



Fonte: YouTube (2021).

A *rapper* também iniciou uma nova agenda de compromissos na Rede Globo (em canais abertos e fechados) para divulgar o documentário e a sua nova música:

Quadro 3 — Principais programas que Karol Conká participou na Rede Globo depois do lançamento da sua série documental

Programa	Data	Breve descrição da participação de Karol Conká
Saia Justa (GNT) ⁸³	29 abr. 2021	 <p>Karol conversou com as suas ex-colegas de trabalho sobre os acontecimentos do BBB 21 no programa do canal GNT, em que já</p>

⁸³ CANAL GNT. Karol Conká fala sobre rejeição e saúde mental após BBB | Mini Saia | Saia Justa. Youtube: Canal GNT, 29 abr. 2021. (23min 16seg). Disponível em: <<http://bit.ly/3IKZt8I>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

		<p>foi apresentadora no passado. Ao contrário das outras entrevistas dadas até então, a <i>rapper</i> não fez brincadeiras como de costume e não se utilizou da ironia. Ela disse que “[...] não é fácil lidar com a rejeição” e que demorou alguns dias para perceber de fato a gravidade das suas atitudes e que era angustiante sentir que decepcionou milhões de pessoas. Conká comentou sobre o documentário <i>A vida depois do tombo</i> e reconheceu que, naqueles primeiros 25 dias, ainda estava “montada na soberba”, tentando disfarçar a dor que sentia por ter causado mal para as pessoas. Karol também expôs seus momentos de tristeza e falou que sentiu que não poderia se auto cancelar, justamente porque não concordava com o cancelamento.</p>
<p>Encontro com Fátima Bernardes⁸⁴</p>	<p>30 abr. 2021</p>	 <p>Primeira entrevista após a sua eliminação que Karol também cantou, as músicas escolhidas foram <i>Saudade</i> e <i>Desapego</i>. A artista comentou sobre o lançamento do seu documentário e a edição mostrou trechos dele. Assim como na entrevista ao Saia Justa, Karol evitou momentos cômicos e ironias, dizendo que, naquele momento, não conseguia brincar com a situação. Ela também disse que passou muito tempo subestimando o cuidado com a sua saúde mental e que tinha iniciado tratamento psicológico.</p>
<p>BBB 21: A Final⁸⁵</p>	<p>04 mai. 2021</p>	 <p>Karol performou a música <i>Dilúvio</i> sozinha na final do Big Brother Brasil 2021 para os finalistas e <i>Só os loucos sabem</i> com Lucas Penteadado, Projota, Pocah e Rodolffo.</p>

⁸⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/3xzO3HC>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁸⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/3EjiV2F>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

BBB 101 ⁸⁶	08 mai. 2021	 <p>Nessa edição especial do Big Brother Brasil 2021, todos os ex-participantes se encontraram para conversar sobre suas respectivas participações. Ao entrar na casa, Karol disse em tom alegre uma das frases que viriam a ser um de seus bordões mais famosos, usado como meme na internet: “uma nova mulher”. A artista cumprimentou seus ex-colegas em tom bem-humorado e relembrou o momento em que disse que não tinha medo do cancelamento, concluindo que, no fim, foi a mais cancelada. Sobre a sua participação, ela refletiu que foi difícil reassistir os episódios e se enxergar nas situações em que vivenciou.</p>
BBB 101: A Eliminação e Prêmios Rede BBB 21 ⁸⁷	09 mai. 2021	 <p>Karol falou sobre a sua performance na final, a música <i>Dilúvio</i> e o documentário <i>A vida depois do tombo</i>, disponibilizado pelo Globoplay. A <i>rapper</i> disse que viveu momentos de profunda tristeza com a rejeição e que cogitou não cantar na final por acreditar que não deveria aparecer mais para o público. A artista também narrou o processo de transformar a dor em arte por meio da canção <i>Dilúvio</i>.</p>

⁸⁶ Disponível em: <<https://bit.ly/3EjhYaB>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁸⁷ GSHOW. No Prêmio #RedeBBB 2021, Karol Conká fala sobre sua experiência pós-jogo: 'A soberba já não combina mais com meu look'. GShow, Rio de Janeiro, 6 maio 2021. Disponível em: <<http://glo.bo/3leN9oU>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

<p>Altas Horas⁸⁸</p>	<p>28 ago. 2021</p>	 <p>Karol performou suas músicas, contou sobre a sua rotina com o cancelamento e o seu foco no novo álbum. A <i>rapper</i> disse que reconhecia plenamente os seus erros e falou dos ataques e ameaças que vinha sofrendo na internet. Além disso, elencou que não chegou a ser hostilizada nas ruas ao precisar sair de casa. Ela aproveitou o momento para agradecer o apoio de toda a sua equipe.</p>
<p>Encontro com Fátima Bernardes⁸⁹</p>	<p>15 out. 2021</p>	 <p>A <i>rapper</i> performou os seus lançamentos, fez um balanço sobre a sua vida depois da saída do BBB e comentou sobre temas gerais como maternidade, educação e um novo romance. Ela, novamente, disse o quanto ficou decepcionada consigo mesma pelas suas atitudes no passado.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Karol foi retornando aos poucos para as mídias sociais e lançou a série *Vem K Cuidar da Mente* no seu Instagram. Os episódios tratavam de assuntos como ansiedade, pandemia e relações raciais e contaram com a presença de especialistas e profissionais da saúde. A série ainda não teve uma segunda temporada. Além dos

⁸⁸ MÚSICA MULTISHOW. Karol Conká no BBB, PEDRO SAMPAIO no TVZ e despedida de Gloria Groove! 🥺 | TVZ Gloria Groove. Youtube: Música Multishow, 6 maio 2022. (16min. 48 seg.). Disponível em: <<http://bit.ly/3S9lclA>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁸⁹ Disponível em: <<http://bit.ly/3XQ70k8>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

programas na televisão mencionados acima, ela também participou de alguns podcasts famosos no país, como: +1 Pod⁹⁰ (com Whindersson Nunes), Mano a Mano⁹¹ (com Mano Brown), Podpah⁹² e De frente com Blogueirinha⁹³. Em todos eles, Karol contou sobre a sua participação no Big Brother Brasil, reconheceu os seus erros, falou sobre o seu processo de terapia e a sua vivência do cancelamento enquanto mulher negra, sempre de forma bem-humorada. Um dos apresentadores, Mano Brown, chegou a falar para Karol:

Vendo você falar assim, fico com a impressão de que você abraçou um pouco do que falam de você. Eu não te julgo, mas eu não sei se as pessoas estão merecendo você pedir tanto perdão, porque qualquer pessoa, negra, branca, artista, desempregado ou advogado agiria de forma aflorada nas mesmas condições que você. (BROWN, 2021).

Nessa mesma entrevista, a *rapper* diz que enxerga o cancelamento como “[...] a maior experiência que eu já vivi na minha vida, para me provar que a arte resiste, que a arte muda tudo”. Inclusive, houve outros lançamentos musicais da artista no decorrer do ano, que viriam a compor o álbum *Urucum* (lançado posteriormente em 2022): *Mal nenhum*, *Subida e Louca* e *Sagaz*. Esta última, era para ter sido lançada durante a sua permanência no Big Brother Brasil, a artista inclusive chegou a cantar a música algumas vezes na casa, mas devido à repercussão negativa de sua passagem pelo programa, Karol descartou a canção em um primeiro momento. Em dezembro de 2021, a *rapper* também participou da música *Tormento* de Cleo e Azzy.

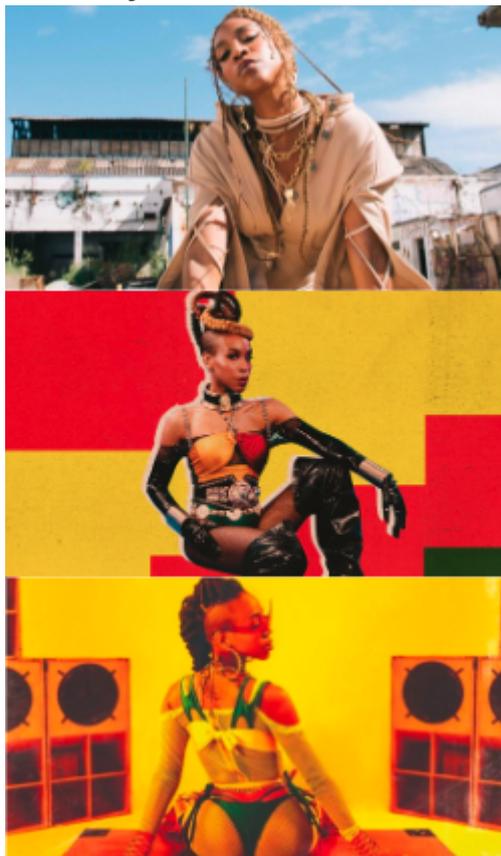
⁹⁰ WHINDERSSONNUNES. + UM POD | KAROL CONKÁ. Youtube: whinderssonnunes, 6 ago. 2021. (135min 59 seg.). Disponível em: <<http://bit.ly/3IF4fxF>>. Acesso em 07 de jan. 2023.

⁹¹ Disponível em: <<https://spoti.fi/3InHTPY>>. Acesso em 07 de jan. 2023.

⁹² PODPAH. KAROL CONKÁ - Podpah #236. Youtube: Podpah, 24 set. 2021. (159 min. 21 seg.). Disponível em: <<http://bit.ly/3KifOfo>>. Acesso em 07 de jan. 2023.

⁹³ BLOGUEIRINHA. DE FRENTE COM BLOGUEIRINHA 01: KAROL CONKA. Youtube: Blogueirinha, 21 out. 2021. (59 min 40 seg.). Disponível em: <<http://bit.ly/3XNDbk7>>. Acesso em 07 de jan. 2023.

Figura 15 — Lançamentos musicais de Karol em 2021



Fonte: YouTube (2021)

A primeira parceria comercial de Karol Conká com uma marca após a saída do BBB 21 foi com a HBO Max na divulgação do filme *O Esquadrão Suicida*. Nele, a *rapper* interpretou uma personagem inspirada em Amanda Waller — papel de Viola Davis no filme — e escolheu os integrantes do novo esquadrão, além de recriar os seus principais bordões do *reality* de forma bem-humorada. No dia de lançamento do anúncio, a hashtag #Mamacita esteve entre os tópicos mais discutidos entre os internautas no Twitter⁹⁴.

⁹⁴ SALLES, Debora. Karol Conká: “BBB alterou minha relação com as marcas. Visibilidade aumentou”. *Metrópoles*, 15 set. 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/3ldNY19>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

Figura 16 — Karol Conká para HBO Max



Fonte: HBO Max (2021).

Em entrevista para o Metrôpoles⁹⁵ ela também comentou como estava sendo a sua relação com as marcas naquele momento:

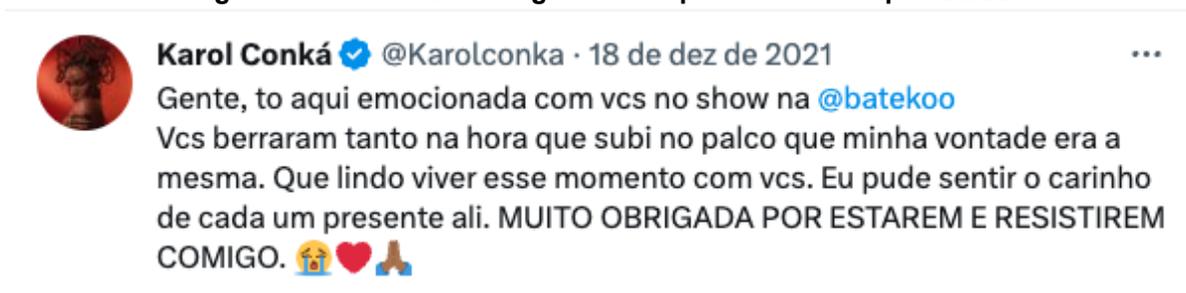
Minha passagem pelo BBB e o processo de autorrevisão e autoconhecimento que tenho vivido, desde então, seguramente alterou minha relação com as marcas e eventuais parcerias comerciais que eu venha a fazer. Hoje, tudo o que faço repercute mais publicamente para o bem e para o mal e, com esse aumento de visibilidade, cresce minha responsabilidade sobre marcas e produtos com os quais me associo. A questão da saúde mental e do cuidado psíquico se tornaram temas aos quais sou associada, então, aquela Karol Conká empoderada, assertiva e sarcástica pré-BBB somou-se uma Karol mais reflexiva, consciente e cuidadosa consigo e com o entorno, o que, na minha visão, só amplia a gama de oportunidades de parcerias em projetos comerciais que prezam por esses valores também. (CONKA, 2021).

Então, foi em 18 de dezembro de 2021 que Karol também retornou aos palcos, na Batekoo⁹⁶, no Rio de Janeiro. A festa possui grande importância política e cultural para jovens negros da periferia, e a *rapper* fez questão de agradecer pela receptividade no Twitter:

⁹⁵ SALLES, Debora. Karol Conká: “BBB alterou minha relação com as marcas. Visibilidade aumentou”. Metrôpoles, 15 set. 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/3ldNY19>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

⁹⁶ Maior festival e plataforma de entretenimento, cultura e informação feita por e para juventude urbana, negra e LGBTQ+ do Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/3ljLSNr>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

Figura 17 — Karol Conká agradece ao primeiro show após BBB21

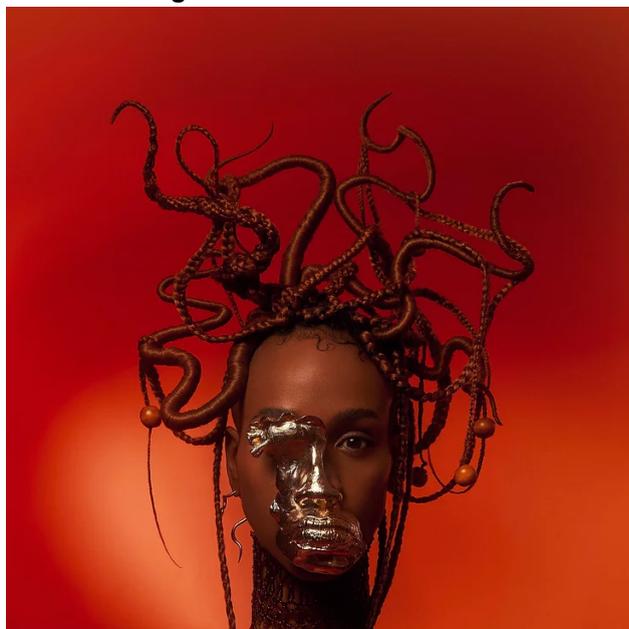


Fonte: Twitter (2021).

1.5 “Uma nova mulher”: o retorno para os palcos e programas de TV

Urucum foi lançado oficialmente no dia 31 de março de 2022. O disco conta com 11 faixas, dentre elas, 8 inéditas (além das outras canções lançadas anteriormente). Em entrevista para a revista Eolor⁹⁷, Conká explicou o nome do álbum, que faz referência ao fruto vermelho que nasce da árvore *Bixa orellana*. A capa do álbum faz uma referência à Medusa. Segundo ela, a intenção era que as pessoas olhassem e parassem para refletir. Além disso, o adereço de ouro simboliza as diferentes camadas da artista.

Figura 18 — Álbum Urucum



Fonte: Jonathan Wolpert (2022).

⁹⁷ ANTUNES, Arthur. Karol Conká apresenta 'Urucum', seu intenso álbum de estúdio; entenda o conceito do projeto. 1 abri. 2022. Eolor, Disponível em: <<http://bit.ly/41awtaQ>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

A *rapper* também comentou, em outra ocasião, sobre o processo de produção das faixas⁹⁸:

Naquele momento, o que eu tinha? A minha música, a minha verdade. Precisava entender porque eu me coloquei naquela situação e o que precisava para sair dela. Mergulhei na verdade. Era muita dor, muita angústia, porque eu cheguei a acreditar no que a mídia e as redes sociais diziam de mim. Mas essas canções, assim como a terapia, me trouxeram pro real, pro que eu sou. O álbum reflete esse recolhimento, esse processo de cura. Consegui fazer as pazes com a vulnerabilidade. Porque cresci pensando: “Sou mulher preta, não posso ser vulnerável”. (CONKA, 2022).

Dias antes, a artista também liberou a canção *Paredawn*, que não faz parte do álbum e não possui videoclipe. A música faz alusões diretas ao que a artista viveu no Big Brother Brasil: “Tirei férias por um mês/entrei no BBB, causei, pirei (causei, pirei)/ mas não era a intenção/ queimar meu filme na televisão (televisão)/ até fiquei na pior/ depois de refletir, fiquei melhor (fiquei melhor)/entendi minha lição” (CONKA, 2022).

A artista também voltou a marcar presença em alguns programas da grade da rede Globo (quadro a seguir):

Quadro 4 — Principais programas que Karol Conká participou na Rede Globo em 2022/2023

Programa	Data	Breve descrição da participação de Karol Conká
TVZ (Multishow) ⁹⁹	06 mai. 2022	 A photograph of Karol Conká performing on stage. She is wearing a white sleeveless top and has her hair styled in braids. She is holding a microphone and smiling. The background features a blue and pink color scheme. Text overlays include 'MULTISHOW AO VIVO' and '#TVZGloriaGroove'.

⁹⁸ AFROPUNK. ÀTTØØXXÁ & KAROL CONKÁ. Disponível em: <<https://bit.ly/3Z5b3tS>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

⁹⁹ MÚSICA MULTISHOW. Karol Conká no BBB, PEDRO SAMPAIO no TVZ e despedida de Gloria Groove! 🥰 | TVZ Gloria Groove. Youtube: Música Multishow, 6 maio 2022. (16min. 48 seg.). Disponível em: <<http://bit.ly/3S9IcIA>>. Acesso em 30 de dez. 2022

		<p>Karol cantou alguns dos seus sucessos, comentou de forma bem-humorada sobre o seu cancelamento e contou algumas histórias leves da sua vida pessoal em conversa com Gloria Groove e Pedro Sampaio.</p>
Música Boa (Multishow) ¹⁰⁰	12 dez. 2022	 <p>A participação da <i>rapper</i> foi somente musical, ela performou seus maiores sucessos e outras músicas junto com Luisa Sonza, Falamansa, Gina, Hiran e Gloria Groove.</p>
Altas Horas ¹⁰¹	14 jan. 2023	 <p>A <i>rapper</i> performou <i>Tombei</i> e <i>Louca</i> e <i>Sagaz</i>. Conká conversou com as outras convidadas (todas ex-participantes das últimas edições do Big Brother Brasil) sobre as suas experiências no confinamento de forma bastante bem-humorada. A artista refletiu sobre o seu momento atual, disse estar bem, com a terapia em dia e que desenvolveu autocuidado consigo mesma.</p>

¹⁰⁰ MÚSICA MULTISHOW. Luísa Sonza e Karol Conká - A Queda (Gloria Groove) | Música Boa Ao Vivo | Música Multishow. Youtube: Música Multishow, 4 dez. 2021. (3 min. 4 seg.). Disponível em: <<http://bit.ly/3KehQ02>>. Acesso em 30 de dez. 2022.

¹⁰¹ Disponível em: <<http://bit.ly/41iV8Km>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

<p>Encontro com Patrícia Poeta¹⁰²</p>	<p>20 jan. 2023</p>	 <p>Karol Conká performou alguns dos seus hits, fez uma homenagem à Elza Soares, analisou a edição atual do BBB com outros convidados e declarou a sua torcida para uma das participantes. De forma bem-humorada, ela comentou sobre o cancelamento que sofreu e respondeu os comentários do público nas mídias sociais que pedem que ela retorne para o programa: “Que feio, pedindo a volta de atitudes que reprovaram, Deus está vendo! Eu estou bem de olho nessa hipocrisia” (CONKA, 2021).</p>
--	---------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

O ano de 2022 também foi marcado pelo retorno definitivo da artista aos palcos, com shows da Turnê *Urucum* e participações em festivais. A *rapper* participou de outros podcasts famosos, como o *Poddelas*¹⁰³, *Inteligência Ltda.*¹⁰⁴, *PodDarPrado*¹⁰⁵ e *Match o Papo*¹⁰⁶. Nessas entrevistas, Karol falou sobre carreira e vida pessoal: o cancelamento foi citado como uma etapa da sua vida, mas não foi mais o tema principal dessas conversas. Também foi nesse ano que Karol Conká se consolidou como uma das figuras mais memoráveis do Big Brother Brasil 2021 por conta de *memes*¹⁰⁷ que foram criados por usuários do *Twitter* durante a sua participação¹⁰⁸.

¹⁰² Disponível em: <<https://bit.ly/3xSaZCd>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

¹⁰³ POD DELAS. KAROL CONKÁ - PODDELAS #132. Youtube: Pod Delas, 20 abr. 2022. (180 min.). Disponível em: <<http://bit.ly/3Eok5Ks>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

¹⁰⁴ INTELIGÊNCIA LTDA. KAROL CONKÁ - Inteligência Ltda. Podcast #469. Youtube: 25 abr. 2022. (175 min.). Disponível em: <<http://bit.ly/3YKtGn6>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

¹⁰⁵ GABI PRADO. Karol Conká - PodDarPrado #48. Youtube: Gabri Prado, 23 jun. 2022. (208 min.). Disponível em: <<http://bit.ly/3kl5wQS>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

¹⁰⁶ TINDER BRASIL. Karol Conká | Match a Mamacita. Youtube: Tinder Brasil, 1 nov. 2022. (87 min.). Disponível em: <<http://bit.ly/3SccMv6>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

¹⁰⁷ Segundo Junqueira (2016), os *memes* consistem em uma das mais divertidas possibilidades de interação na atual dinâmica virtual e os autores contemporâneos que se dedicam aos estudos do meme, o compreendem, de forma ampla, como uma ideia que é repassada adiante e que se propaga por imitação.

¹⁰⁸ BIG BROTHER BRASIL. KAROL CONKÁ E OS MEMES: QUALQUER COISA ME BOTA NO PAREDAWN, LÍNGUA DE CHICOTE E MAIS!! 🤪 | BBB 21. Youtube: Big Brother Brasil, 21 jul. 2022. (3 min.). Disponível em: <<http://bit.ly/3SdPoxc>>. Acesso em 29 de jan. 2023.

Figura 19 — Exemplos de memes de Karol Conká replicados por internautas



Fonte: Twitter (2021)

A sua participação no programa Altas Horas em 14 de janeiro de 2023 (conforme mostrado no quadro acima) gerou uma enorme repercussão com comentários positivos que a colocavam como uma das participantes mais marcantes que já passaram pelo *reality*:

Figura 20 — Repercussão participação Karol Conká no Altas Horas



Fonte: Twitter (2021).

Tanto no Big Brother Brasil 2022 quanto na edição atual (2023), participantes favoritos do público (e que não sofreram cancelamento) foram apelidados com nomes derivados de Conká, como é o caso de Nayara Azevedo, a “Nanacita” e Fred Nicácio, o “Fred Conqueixo”. Karol, inclusive, foi às redes e fez um desabafo, falando que apesar de se divertir com alguns memes e situações do passado, não achava certo que alguns erros seus cometidos no programa fossem tratados como aceitáveis ou engraçados depois de alguns anos.

Figura 21 — Karol Conká comenta sobre seus memes



Fonte: Twitter (2021).

Em fevereiro de 2023, Karol revelou no podcast Venus¹⁰⁹ que durante o seu cancelamento não saiu de casa por 7 meses, desenvolveu síndrome do pânico e teve pensamentos suicidas em diversos momentos. Sentimentos como vergonha, remorso, autopiedade e raiva de si mesma foram trabalhados em terapia. Assim como em todas as entrevistas comentadas até o momento, Karol reconheceu as suas atitudes erradas no programa, mas também criticou o ódio coletivo que sofreu e quem acredita que ela não possa ter mudado e refletido sobre as suas atitudes:

¹⁰⁹ VENUS PODCAST. KAROL CONKÁ - Venus Podcast #403. Youtube: Venus Podcast, 15 fev. 2022. (113 min.). Disponível em: <<https://bit.ly/3Ep7SFo>>. Acesso em 28 de fev. 2023.

O ódio coletivo ele fala mais sobre as pessoas do que sobre a gente né. E aí eu vi que mais do que eu que precisava de ajuda, as pessoas que me atacavam estavam precisando também. Então eu acabei tendo por elas o que elas não tiveram por mim, pitadas de compaixão. [...] Ninguém nunca deve ser reduzido a um fragmento, por um momento idiota. É assim que eu me vejo, eu me vi tendo momentos idiotas, consigo falar hoje tranquilamente, sem raiva de mim mesma, que eu fui babaca. [...] Mas eu também entendo as pessoas que se sentem confortáveis em acreditar que eu sou uma pessoa podre, porque para elas é mais confortável, isso diz muito sobre os fragmentos delas, se uma pessoa não é capaz de acreditar que quem erra não possa melhorar, aí ela está dizendo muito sobre ela também. Ela não acredita em si. (CONKA, 2021).

2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, que evita quantificações e tem como enfoque principal a interpretação de realidades sociais (BAUER; GASKELL, 2008). Para Flick (2004, p. 17), a relevância desse tipo de pesquisa para os estudos das relações sociais “[...] deve-se ao fato da pluralização das esferas da vida”, a rapidez como ocorrem as mudanças sociais e a decorrente diversificação dessas esferas confrontam constantemente pesquisadores quanto a novos contextos e perspectivas sociais.

[...] Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. [...] Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Na pesquisa qualitativa, a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc. (GOLDENBERG, 2004), pois as metodologias qualitativas derivam da convicção de que a ação social é fundamental na configuração da sociedade (HAGUETTE, 1992). Apropriamo-nos das incursões metodológicas apresentadas por Johnson (2010) no que tangencia pesquisa qualitativa mediada por computador e na sua definição de “campo *online*”.

A noção de campo *online* proposta pela autora é apontada como distinta daquela utilizada tradicionalmente pela antropologia, em que o campo sempre significou um espaço físico, distante geograficamente da realidade do pesquisador, uma cultura exótica, fronteiras delimitadas. Para Johnson (2010), o conceito tradicional de “campo” não se aplica no âmbito *online*, pois, nesse campo, estamos à procura das dinâmicas das relações, interações e conexões, processos que não podem ser regulados por pesquisadores ao chegar no campo de pesquisa. Por conseguinte, o campo *online* é um espaço desterritorializado, pois há novas formas sociais de ser e estar acontecendo o tempo inteiro e é onde os métodos de pesquisa devem ser deslocados, adaptados e, até mesmo, inovados.

No ambiente *online*, o desenvolvimento e a adaptação criativa dos métodos tradicionais de coleta de dados partem do bom senso dos pesquisadores, como apontado por Johnson (2010), o campo *online* contém novos espaços sociotécnicos que exigem estratégias metodológicas adaptáveis, de acordo com necessidades inseridas em contextos particulares. Para Johnson (2010), as observações de espaços *online* como técnica de pesquisa para o avanço no conhecimento do mundo social “[...] podem ser divididas em duas grandes dimensões: 1) o grau no qual o pesquisador participa no ambiente sob investigação; e 2) o grau no qual a observação é encoberta” (JOHNSON, 2010, p. 60).

No campo *online*, além das observações, as entrevistas foram as outras técnicas que sustentaram a nossa pesquisa. Alonso (1995) e Sierra (2019) compreendem que a técnica da entrevista pode ser entendida como um processo de comunicação aberto, uma conversa entre duas ou mais pessoas, para um propósito expresso. Alonso (1995), Cáceres (1997) e Sierra (2019) consideram que a entrevista é um instrumento eficaz de grande precisão na medida que se fundamenta na inter-relação humana, o que proporciona um excelente instrumento heurístico para combinar os enfoques práticos, analíticos e interpretativos implícitos em todo processo de comunicação. A partir de uma perspectiva estrutural, o entrevistador e o entrevistado são os atores participantes do processo de comunicação na entrevista. O entrevistado se constitui em um sujeito ativo da comunicação, pois é a fonte principal de informação e, assim, o emissor/investigador tem uma função diretiva do desenvolvimento da conversa por “[...] conhecer os objetivos, fins e até as técnicas da entrevista em questão”¹¹⁰ (SIERRA, 2019, p. 306, tradução nossa).

Sobre a delimitação conceitual de entrevista aberta ou qualitativa, Sierra (2019) distingue dois tipos de investigação: a entrevista em profundidade e a entrevista enfocada (ou semiestruturada). Para o autor, ambos tipos de entrevista operam tecnicamente de modo similar. A entrevista em profundidade tem um carácter holístico, no qual o objeto de investigação está constituído pela vida, experiências, ideias, valores e estrutura simbólica do entrevistado. Já na entrevista enfocada, existe predeterminado um tema o foco de interesse, sobre o qual se orienta a conversação e a escolha da pessoa alvo da entrevista. Assim, para Sierra

¹¹⁰No original “[...] conocer los objetivos, fins e incluso las técnicas de la entrevista en cuestión”.

(2019), o mais correto é falar de entrevista aberta ou qualitativa, para incluir a entrevista em profundidade e a entrevista enfocada como duas variantes diferentes dessa técnica qualitativa, junto com outras modalidades importantes como a técnica de entrevista grupal, a biografia assistida ou a técnica Delphi. Para Alonso (1995), as entrevistas abertas também podem servir aos grupos de discussão, pois neste último, o que fazemos são sempre representações coletivas, não individuais. O autor também irá apontar a importância da reflexividade, pois é o trabalho de reflexão e decisão do pesquisador sobre o trabalho que está sendo feito que irá refletir diretamente no resultado da investigação.

Apropriamo-nos, aqui, das entrevistas enfocadas, mas utilizamos a nomenclatura adotada por Duarte (2006), denominando-as como semiabertas. Duarte (2006) destaca que a principal vantagem desse tipo de entrevista é permitir que os pesquisadores realizem comparações de respostas e articulações de resultados, possibilitando a sistematização das informações fornecidas pelos informantes. Essas entrevistas partem de questionamentos essenciais apoiados em teorias e hipóteses que orientam a pesquisa (DUARTE, 2006), assim como fizemos aqui.

Mesmo com o retorno progressivo das atividades presenciais, optamos por realizar essas entrevistas *online*. Com a pandemia de covid-19, as coletas de dados online passaram a ser um dos únicos cenários possíveis para dar continuidade às pesquisas que necessitavam de entrevistas (SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI, 2020). Nesse cenário, Schmidt, Palazzi, Piccinini (2020) realizaram um minucioso levantamento nos principais repositórios mundiais a fim de refletir sobre as potencialidades e desafios desse tipo de coleta de dados. Com base nessas análises, as entrevistas online, segundo os autores, possuem como ponto forte:

(1) maior abrangência geográfica, com inclusão de pessoas de diferentes locais; (2) economia de recursos financeiros e redução de tempo na coleta de dados, pois não há necessidade de grandes deslocamentos; (3) maior segurança de participantes e pesquisadores, frente ao contexto de pandemia; (4) possibilidade de investigar tópicos sensíveis, pois os participantes não estão face a face com os pesquisadores e nem em locais públicos, como universidades e hospitais; (5) acesso a grupos socialmente marginalizados e estigmatizados, comumente mais reticentes à exposição. (SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI, 2020, p. 962).

Schmidt, Palazzi, Piccinini (2020) também apontam que o nível de conexão entre entrevistador e entrevistado em entrevistas *online* por videoconferência é bastante similar às entrevistas realizadas presencialmente, possivelmente por conta dos recursos de áudio e vídeo das plataformas digitais. Todavia, os pesquisadores também apontam os desafios desse tipo de coleta, como: a importância de não estender a duração, visto que o uso dessas tecnologias podem causar fadiga nos participantes; a garantia da confiabilidade e da segurança da rede de internet e dos equipamentos, além de assegurar que o ambiente esteja silencioso, a fim de assegurar o mínimo de interrupções para ambas as partes; o processo de escolha da plataforma, considerando a segurança, necessidades do estudo, custo-benefício e consequente familiarização do entrevistado com o aplicativo/site; e a limitação dos participantes quanto ao acesso à internet e a equipamentos para participarem de uma coleta de dados *online*.

2.1 Procedimentos Empíricos

Para explorar o cancelamento e a relação dos fãs da artista com o fenômeno ocorrido no *reality show*, buscamos por esses indivíduos por meio de um perfil no *Twitter*. LOPES *et al.* (2021, p. 129) apontam que “[...] os usos das mídias digitais como segunda tela na recepção de programas de TV se tornou um hábito do telespectador brasileiro”, segundo apontam pesquisas, 95% dos brasileiros com acesso à internet têm essa atividade incorporada na rotina (AGÊNCIA BRASIL, 2018)¹¹¹.

No twitter, por exemplo, esse processo [de recepção] se mostra, dentre outras formas, simultâneo ao ato do receptor consumir conteúdos de algum meio de comunicação tradicional. Indivíduos assistem aos programas televisivos, ouvem rádio, estão no cinema, leem jornais impressos ou digitais e comentam sobre isso nesta rede social online. Podem ainda compartilhar links, buscar mais informações com seus pares ou, mesmo, tornarem-se parte do grupo que faz as notícias da mídia massiva circularem na web. (PIENIZ, 2015, p. 214).

Optamos por utilizar o *Twitter* por compreendermos que as conversas

¹¹¹ VALENTE, Jonas. Pesquisa diz que 95% dos internautas navegam na web enquanto veem TV. Agência Brasil, 15 maio 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3Kp2C4R>>. Acesso em 30 de abril. 2022.

geradas no âmbito do *BBB 21* aconteceram em sua grande maioria¹¹² nessa rede social, mas assim como Pieniz (2013), entendemos o Twitter como uma amostra das possibilidades disponíveis quanto às mídias sociais contemporâneas. Além disso, entendemos que as discussões levantadas nesta pesquisa podem ser úteis para pensarmos outros espaços em suas especificidades.

Para coleta da amostra, criamos uma conta com o nome de “Luiz Castro” e optamos por deixar na descrição que se tratava do perfil de um pesquisador, por questões éticas, juntamente com o link para o *Currículo Lattes* (para transmitir credibilidade e comprovar a existência do investigador). Ademais, acreditamos que essa é uma forma justa de apresentação, considerando que esses indivíduos foram fundamentais para a presente pesquisa e mereciam saber quem era, de fato, o pesquisador com quem estavam conversando.

O perfil pessoal do pesquisador no *Twitter* também não foi utilizado em nenhum momento, justamente para que não houvesse interferências no contato com os fãs da artista. O objetivo era que os futuros entrevistados não tivessem acesso a opiniões, manifestações ou algum tipo de interação pessoal que não fosse relacionada com o objeto de pesquisa.

Figura 22 — Perfil de pesquisador no Twitter



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

¹¹² ALVES, Soraia. Com mais de 380 milhões de mensagens no Twitter, BBB 21 bate novo recorde na plataforma. Social Media. B9, 5 maio 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3wcCHcy>>. Acesso em 30 de abril. 2022.

A partir da criação da conta, começamos a seguir fãs clubes, perfis exclusivamente dedicados à Karol Conká e usuários com *tweets* que contivessem mensagens de admiração para a artista¹¹³. Esse tipo de observação de campo é classificado por Johnson (2010) como observação aberta e não participativa e utilizamos, aqui, o método obstrutivo¹¹⁴. Nesse caso, a função do pesquisador abstém-se da participação do processo sob observação.

Em seguida, trocamos mensagens com os usuários detentores desses perfis e selecionamos alguns deles para conversar em entrevistas online.

Figura 23 — Mensagem enviada no primeiro contato com os usuários

Olá, tudo certo? Me chamo Luiz Castro e sou mestrando em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa acadêmica com fãs da Karol Conká e acredito que a sua participação seria muito interessante. Você teria disponibilidade para realizarmos uma entrevista online? :D



qua, 1:02 AM

Fonte: Acervo pessoal dos autores

Ao todo, foram entrevistados 11 fãs. A escolha por esse número se deu por considerarmos a quantidade suficiente para as respostas que buscamos com a investigação, assim como para posteriores análises. Por se tratar de uma pesquisa desenvolvida em um mestrado acadêmico, também compreendemos que possuímos limitações quanto ao tempo de conclusão dela. Para Bauer e Gaskell (2008, p. 70) “[...] mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada”.

¹¹³ Essa foi uma estratégia adotada por nós com a intenção de garantir que a amostra entrevistada de fato se identifique enquanto fãs da artista. 3 entrevistados foram indicações de outros fãs. Também reforçamos o recorte nas mensagens enviadas para esses perfis convidando-os para a entrevista.

¹¹⁴ Johnson (2010) divide os métodos de coleta de dados em pesquisa mediada por computador em não-obstrutivos e obstrutivos: enquanto nos não-obstrutivos os participantes não sabem que estão sendo observados, no segundo tipo, os participantes estão cientes das suas respectivas participações na pesquisa.

A realização das entrevistas *online* fez com que conseguíssemos contar com a participação de fãs alocados em diferentes regiões do país, sem a necessidade de realizarmos algum recorte por região derivadas de limitações do pesquisador. Os roteiros semiestruturados, além de possibilitarem a realização de comparativos entre as conversas a fim de compreender as nuances frente a um tema específico (o cancelamento de uma celebridade no *BBB 21* a partir de uma perspectiva de fãs), também serviram para que conseguíssemos dar conta de responder os quatro objetivos específicos que traçamos: 1) identificar as práticas de recepção dos fãs no Big Brother Brasil 2021; 2) identificar as posturas adotadas nos ambientes transmidiáticos durante a participação da Karol Conká; 3) verificar se houve ou não o cancelamento; e, por fim, 4) identificar o posicionamento desses fãs após o cancelamento da artista no *reality*.

Todavia, como citado anteriormente, as biografias que se debruçam frente à discussão sobre cancelamento destacam o caráter coletivo do fenômeno e a necessidade desse coletivo para que haja a tentativa do apagamento de alguém. Acreditamos que será de grande valia, para a nossa pesquisa, a análise desse fenômeno a partir das perspectivas individuais dos sujeitos.

Com a finalidade de enriquecer e contextualizar a pesquisa, acreditamos que seja imprescindível apresentar a inserção no campo. Após seguir os perfis e enviarmos as mensagens, recebemos respostas de aproximadamente 50%¹¹⁵ dos usuários. Poucos não se identificaram enquanto fãs, mas perfis que se identificaram, de modo geral, mostraram-se receptivos e animados em falar sobre a sua ídola.

Alguns fãs preferiram combinar os horários das entrevistas pelo WhatsApp¹¹⁶, enquanto outros optaram por um e-mail em forma de convite na agenda com o *link* da entrevista. Quanto ao espaço geográfico, conversamos com sujeitos de diversas regiões e cidades do Brasil, mas não tivemos a intenção de ter um *corpus* geograficamente representativo, pela especificidade exploratória e experimental da investigação.

Todos os entrevistados são permeados por algum marcador social da diferença. Para Libardi (2019), as discussões sobre marcadores sociais da diferença são úteis para a Comunicação. Isso porque, desde a consolidação dos

¹¹⁵ Levantamos 41 perfis, cerca de 20 responderam.

¹¹⁶ Mídia social de mensagens instantâneas.

Estudos Culturais, nós entendemos a ligação entre os processos de comunicação e a produção de posicionamentos ideológicos variados, que compreendem diferentes naturezas de representações. O autor destaca aquelas baseadas nas concepções preponderantes de gênero, sexualidade, classe, raça, geração, entre outros. Os estudos de audiência, por se voltarem aos indivíduos e seus discursos sobre a mídia, podem se tornar mais ricos à medida que consideram a forma como esses marcadores afetam as experiências de recepção.

Todos compareceram no dia e horários combinados previamente e não tivemos desistências (apenas pedidos de adiamento do dia e de horário). Não revelamos, para os entrevistados, o enfoque da pesquisa no cancelamento logo de início, porque queríamos que esses fãns nos contassem sobre as suas experiências, sentimentos e percepções da forma mais natural possível. As entrevistas aconteceram em dias e horários variados: manhã, tarde e noite e em uma única semana, pois, assim que abordamos esses perfis, eles responderam que tinham disponibilidade imediata. Todos os nomes dados aos entrevistados são fictícios, a fim de preservarmos as suas identidades e particularidades. Pedimos consentimento para o uso das entrevistas e posteriores gravações, visto que a plataforma utilizada, o *Google Meeting*¹¹⁷, também envia uma notificação de autorização aos convidados no mesmo instante em que é pedida a permissão para gravar. Apenas um participante não se sentiu confortável em abrir a sua câmera na videochamada.

Após a conclusão das entrevistas, fizemos as transcrições delas com o objetivo de partirmos para a análise de conteúdo. Bardin (2011) categoriza esse tipo de análise em três esferas cronológicas: a) a pré-análise; b) a exploração do material coletado; c) o tratamento das informações, a interferência e a interpretação do pesquisador.

[a análise de conteúdo] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

¹¹⁷ Plataforma de comunicação por vídeo do Google.

Ao explorarmos o material, utilizamos o software *Nvivo*¹¹⁸ para nos auxiliar na codificação desses dados. O propósito foi o de gerar nuvens e matrizes a partir do material coletado para, posteriormente, sintetizarmos e selecionarmos os resultados obtidos, interpretando-os a partir do referencial teórico.

¹¹⁸ O NVivo é um *software* utilizado para análise de dados qualitativos, que integra as principais ferramentas para trabalhar com texto, áudio, vídeo, e-mail, imagens, folhas de cálculo, questionários online, informação de sites e redes sociais, entre muitos outros.

3 ESTUDOS DE FÃS E AUDIÊNCIAS

Toaldo e Costa (2017), ao analisar os estudos de fãs no âmbito da recepção e do consumo midiático, para traçar um estado da questão na última década, apontam o crescimento exponencial das pesquisas relacionadas a fãs no Brasil. Entretanto, as autoras enfatizam que esse crescimento é recente, visto que os primeiros estudos ocorreram a partir dos anos 2000, quando tivemos os primeiros artigos publicados em eventos acadêmicos nacionais de comunicação, juntamente com a primeira dissertação defendida sobre fãs¹¹⁹. De acordo com as pesquisadoras, esses estudos, em um primeiro momento, destacam-se pelo interesse a respeito das características dos fãs enquanto consumidores de produtos culturais e midiáticos, assim como os seus processos de produção no âmbito da cibercultura. Em um segundo momento, esses estudos passam a oferecer um panorama de como os fãs se relacionam com os produtores, como estes se relacionam com os fãs e como os fãs se relacionam entre si. Essas últimas pesquisas, inclusive, reivindicam uma formação teórica nacional, seja por concluírem que há nuances no contexto do que é ser fã dentro e fora do Brasil, seja pela necessidade de vincular uma teoria fundamentalmente internacional com o cenário latinoamericano — justamente pelos próprios questionamentos que esse cenário reivindica.

Assim como Toaldo e Costa (2017), Amaral e Carlos (2016) também buscaram traçar o estado da questão a respeito dos estudos de fãs no Brasil, a partir da produção científica brasileira em congressos e eventos da comunicação entre os anos 2000 e 2014. As pesquisadoras apontam o crescimento desses estudos no que tange às temáticas e objetos empíricos. Naquela época, foram identificados dois eixos temáticos predominantes nessas pesquisas: 1) a relação dos fãs com as mídias, com enfoque no engajamento, participação, interação, práticas e nas produções; e 2) cultura e fandom, comunidades e aspectos culturais e identitários dos fãs. A investigação também apontou para uma carência de diferentes abordagens temáticas e epistemológicas nesses estudos.

No panorama internacional, pesquisadores como Storey (2009) e Jenson (1992) apontam que os estudos sobre fãs, até a década de 90, eram relativamente

¹¹⁹AMARAL, Adriana da Rosa. Tão longe, tão perto: uma análise da imagem do U2 e dos laços de socialidade dos seus fãs gaúchos na internet. 2002. 185 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

escassos. Storey (2009) enfatiza que, talvez, os fãs sejam a parte mais visível do público no que tange aos textos e práticas populares, juntamente com subculturas juvenis, e, por isso, conseqüentemente, nos últimos anos têm recebido cada vez mais a atenção dos estudos culturais.

De acordo com Jenson (1992), até os anos 70, esses estudos geralmente travavam paralelismos entre celebridades e a fama, compreendendo os fãs como um resultado das celebridades, ou seja, a definição de “fã” era formulada e baseada em uma resposta ao sistema das grandes estrelas, sem entender o *fandom* como um fenômeno social e cotidiano, “[...] a passividade é atribuída ao fã — eles são vistos como resultantes do sistema encantado de celebridades da modernidade, mediante a mídia de massa”¹²⁰ (JENSON, 1992, p.10, tradução nossa). Os limites estabelecidos pela barreira entre o pesquisador e o objeto de estudo proporcionaram um entendimento deturpado das práticas de consumo desses indivíduos, corriqueiramente apresentados como os perigosos “outros” na modernidade. Tradicionalmente, os fãs eram tratados de duas maneiras: ridicularizada e patologizada, enquanto “nós” somos sãos e respeitáveis; “eles” são ou obcecados ou histéricos (STOREY, 2009). Isso pode ser observado na forma como “[...] o *fandom* é atribuído às atividades culturais do público popular, enquanto grupos dominantes dizem ter interesses culturais, gostos e preferências ¹²¹” (STOREY, 1996, p. 223).

A compreensão do fã resultante dessas pesquisas precursoras é fruto de uma tensão entre a ânsia de investigar essas práticas de consumo sob uma perspectiva diferente (em linha com a proposta dos Estudos Culturais) e a influência que essas pesquisas sofreram da Teoria Crítica da escola de Frankfurt, em que o fã era entendido como o receptor manipulável e passivo. Entretanto, ainda que seja inegável a importância dessas pesquisas pioneiras na inserção dos fãs nos estudos de comunicação, elas raramente eram acompanhadas de um esforço teórico e empírico de compreender as práticas e os discursos que permeavam esses consumidores.

¹²⁰No original: "The fan is understood to be, at least implicitly, a result of celebrity - the fan is defined as a response to the star system. This means that passivity is ascribed to the fan – he or she is seen as being brought into (enthralled) existence by the modern celebrity system, via the mass media".

¹²¹No original: "Fandom is what 'other people' do. This can be seen clearly in the way in which fandom is assigned to the cultural activities of popular audiences, whilst dominant groups are said to have cultural interests, tastes and preferences".

A consolidação dos estudos culturais na Inglaterra contribuiu significativamente para a mudança na posição que o fã ocupava nas pesquisas que se dedicavam a estudar a cultura de massa até então (MONTEIRO, 2005). Constituindo-se como um projeto político e teórico, os estudos culturais concentraram-se “[...] em torno da emergência de várias subculturas que pareciam resistir a alguns aspectos da estrutura dominante de poder” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 36). Tratando da importância dos estudos dos produtos e dos meios de comunicação de massa, que passaram a ser observados não somente como entretenimento (*ibid.*), os pesquisadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) também começaram a se atentar para a temática da recepção juntamente com a quantidade e a complexidade dos consumos midiáticos.

Depois de um período de preocupação com análises textuais dos meios massivos, tais estudos de audiências começam a ser desenvolvidos como uma tentativa de verificar empiricamente tanto as diversas leituras ideológicas construídas pelos próprios pesquisadores quanto às posições assumidas pelo receptor. Porém, é na segunda metade dos anos 80 e já não mais circunscrito às investigações do CCCS, que se nota uma clara mudança de interesse do que está acontecendo na tela para o que está na frente dela, ou seja, do texto para a audiência. (ESCOSTEGUY, 2001, p. 37).

Enquanto na Inglaterra as investigações do CCCS se preocupavam em articular a recepção com outras etapas do processo comunicacional, nos Estados Unidos, os Estudos Culturais eram “unilaterais demais”, como destacado por Kellner (2001), pois tendiam a dar ênfase excessiva aos textos culturais e à recepção do público:

Essa ênfase no texto/público, porém, deixa de lado muitas mediações que devem fazer parte dos estudos culturais, incluindo análises do modo como os textos são produzidos no contexto da economia política e do sistema de produção da cultura, e o modo como o público e sua subjetividade são produzidos pelas várias instituições, práticas e ideologias sociais. (KELLNER, 2001, p. 56).

Nesse contexto, os fãs eram investigados, comumente, como um tipo de receptor privilegiado a partir da lógica da cultura da mídia, com liberdade para remodelar os textos das mensagens seguindo afetos e interesses próprios. Kellner

(2001, p. 56) propõe, então, que se incorporasse, aos estudos da cultura de mídia, “[...] o projeto de análise das complexas relações entre textos, públicos, indústrias da mídia, política e contexto sócio-histórico em determinadas conjunturas”. E é nesse cenário, concomitante às pesquisas relacionadas aos estudos sobre audiências, que as investigações a respeito dos fãs tomam forma a partir de discussões relacionadas às práticas e às produções desse grupo, seu relacionamento com grandes produtores de conteúdo e sua organização como comunidade (TOALDO; COSTA, 2017). Com isso, uma nova tradição nos estudos sobre fãs é instaurada, cujo intuito era legitimar essas pesquisas e problematizar os estigmas que perpassavam esses sujeitos e as suas práticas (GRAY; SANDVOSS; HARRINGTON, 2007). Paralelamente, os estudos sobre fãs também entraram na listagem temática dos estudos de comunicação nessa mesma época:

A partir dos anos 1980, embora com manifestações esporádicas anteriores, os estudos sobre fãs e suas comunidades (o fandom) entraram na agenda dos estudos de Comunicação. De modo mais amplo, estruturaram-se a partir dos estudos de cultura da mídia (popular culture) e de recepção levados a efeito por pesquisadores associados, de maneira mais próxima ou mais distante, aos chamados “Estudos Culturais”. (AUXILIO; MARTINO; MARQUES, 2013, p. 112).

A invenção da internet, e sua posterior potencialização, intensificou o uso de produtos midiáticos pela cultura dos fãs, tornando-a “[...] maior, mais barulhenta, menos definida e mais excitante do que jamais foi” (COPPA, 2006, p. 57 *apud* HABCKOST, 2020, p. 22). Com a oferta de novas tecnologias que foram apropriadas pelos fãs, há uma aproximação deles com os seus pares e uma consequente progressão do potencial criativo. Henry Jenkins é considerado um dos principais precursores acadêmicos dessa onda, com a sua obra *Invasores do Texto*, publicada em 1992.

O termo “invasores”¹²² é uma apropriação de um conceito explorado anteriormente por De Certeau (1994), que denominava a leitura ativa uma espécie de invasão, uma produção silenciosa, em que os consumidores trabalhavam constantemente na “fabricação” de novos significados. Em sua obra, Jenkins (2015), além de trabalhar com a ideia de invasão e ressignificação, também reflete acerca da produção silenciosa citada por De Certeau (1994), enfatizando que é mediante o

¹²² No original: "Porchers".

consumo que os fãs constroem os seus próprios meios de produção e criam novas culturas e significados. O conceito de “resistência”, conseqüentemente atrelado a uma “subcultura”, não é considerado pelo pesquisador como suficiente para a discussão do papel atual do fã (JENKINS, 2007). É nesse espectro que temos uma visão do fã menos “[...] cercada de estigma social, ocultado devido ameaças legais, e comumente retratados como cabeças ocas” (JENKINS, 2015, p.1).

Para Vilela (2017), ainda que as novas pesquisas tenham se afastado dos princípios de resistência e subcultura, ainda há certa dificuldade em conceber uma definição precisa acerca da atividade do fã. Segundo Hills (2002):

Todo mundo sabe o que é um “fã”. É alguém que é obcecado por uma estrela em particular, celebridade, filme, programa de TV, banda; alguém que pode produzir uma grande quantidade de informações acerca do seu objeto de *fandom*, e pode citar seus textos, poemas, capítulos e versos favoritos. Os fãs muitas vezes são extremamente articulados e interpretam textos da mídia de diversas formas interessantes e inesperadas¹²³. (HILLS, 2002, p. VIII, tradução nossa).

Hills (2002) enfatiza que a condição de fã compreende indispensavelmente apego, afeto e em alguns casos paixão. As especificidades do fã estão ligadas ao seu envolvimento com o objeto e com o universo dele por meio da produção de conteúdo (LOPES, 2015).

Ser um fã não é assumir uma identidade singular, mas abraçar uma performance ao participar de atividades específicas em determinados grupos de interesse, com diferentes níveis de engajamento, constituindo uma malha de interação recíproca entre produção, produto e recepção. (DUTTON et al., 2011 *apud* LOPES, 2015, p. 20).

Sandvoss (2013, p. 9), por sua vez, possui uma definição parecida para a figura do fã: “[...] aquele com o engajamento regular e emocionalmente comprometido com uma determinada narrativa ou texto”. Esses textos, para o autor, transpassam diferentes mídias, tais como filmes, músicas, programas de televisão e

¹²³ No original “Everybody knows what a ‘fan’ is. It’s somebody who is obsessed with a particular star, celebrity, film, TV programme, band; somebody who can produce reams of information on their object of fandom, and can quote their favoured lines or lyrics, chapter and verse. Fans are often highly articulate. Fans interpret media texts in a variety of interesting and perhaps unexpected ways.”

livros, ou textos populares mais abrangentes, como ícones, times esportivos e estrelas populares variadas (como atletas, músicos e atores).

Os fãs se apropriam dos textos da mídia para produzir significados pessoais, conectados aos seus anseios, desejos e experiências, conseqüentemente, tornam-se a audiência mais ativa, o público mais fiel, pois se dedicam a procurar e trocar materiais e elementos a respeito de um filme, seriado ou artista. Segundo Jenkins (1992), no caso dos fãs, o consumo gera produção. Então, é importante enfatizar que essas atividades não estão ligadas ao lucro, o que, conseqüentemente, elimina uma possível desavença simbólica entre fãs e produtores, a dedicação aos objetos de adoração são marcas por paixão e prazer individual. A questão da produtividade, inclusive, é a principal dissemelhança entre a audiência comum e os fãs.

Nesse sentido, Grossberg (1992, p. 63) explica que “[...] é na cultura de consumo que a transição de consumidor para fã se efetua. É a partir daí que buscamos a construção de nossas identidades, porque não há outro espaço disponível para isso¹²⁴”. A produção cultural dos fãs também é uma discussão presente nas pesquisas de Hills (2002) e Fiske (1992). Este último lembra que:

Fãs produzem e circulam entre si textos que são geralmente feitos com valores de produção tão altos quanto aos da cultura oficial. As diferenças-chave entre as duas são mais econômicas do que em termos de competências, já que os fãs não escrevem ou produzem seus textos por dinheiro; na verdade, sua produtividade lhes custa dinheiro¹²⁵. (FISKE, 1992, p. 39, tradução nossa).

Uma das particularidades das comunidades de fãs, chamadas de *fandom*, é a “[...] habilidade de transformar a reação pessoal em interação social, a cultura espectral em cultura participativa” (*ibid.*, 2006, p.41). O *fandom* é “[...] um veículo para grupos subculturais marginalizados (mulheres, jovens, gays e além) para abrir espaço para seus consentimentos culturais dentro das representações dominantes” (*ibid.*, p. 40). O pesquisador considera que o *fandom* possui o poder de transformar

¹²⁴ No original "It is in consumer culture that the transition from consumer to fan is accomplished. It is here, increasingly, that we seek actively to construct our own identities, partly because there seems to be no other space available".

¹²⁵ No original "Fans produce and circulate among themselves texts which are often crafted with production values as high as any in the official culture. The key differences between the two are economic rather than ones of competence, for fans do not write or produce their texts for money; indeed, their productivity typically costs them money".

a cultura de massa em cultura popular, justamente por conseguir se apoderar de textos midiáticos e modificá-los de forma que sirvam a diversos interesses.

Essa compreensão do *fandom* como uma forma de resistência e de contestação cultural também é observada por Hills (2002), pois, ao permitir que códigos e modos de vida marginalizados não apenas alcancem visibilidade, mas produzam estranhamento e uma certa tensão com disputas simbólicas por meio de práticas contra-hegemônicas, identificar-se como “fã”, nesse contexto, é se associar com práticas de baixo prestígio social, enxergadas, muitas vezes, como bobas e desnecessárias pelo senso comum.

3.1 Fãs e as emoções

Jenkins (1992) também aponta que, na esfera dos fãs, há um circuito de fascínio, adoração, frustração e antagonismo:

A resposta dos fãs geralmente envolve não apenas a fascinação ou adoração, mas também a frustração e o antagonismo, e essa é a combinação de duas respostas que motiva o seu engajamento ativo com a mídia. Em virtude do constante fracasso das narrativas populares em satisfazer seus fãs, eles precisam oferecer resistência, tentando articular para eles mesmos outras possibilidades narrativas não realizadas dentro dos trabalhos originais. Por conta de seu constante fascínio pelos textos, os fãs não conseguem se distanciar deles, mas preferem tentar encontrar formas de salvar seus interesses e a si mesmos¹²⁶. (JENKINS, 1992, p. 24, tradução nossa).

Para Lopes (2015) é justamente a relação emocional e o envolvimento com o objeto que diferencia o fã de um mero espectador. Isso significa que quanto maior for o envolvimento desse espectador-fã, mais ele irá se interessar em se aprofundar na narrativa e em participar de comunidades de fãs criadas ao redor dos produtos midiáticos. Segundo Freire Filho (2013), há uma indissociação entre a figura do fã e investimento afetivo e emocional, pois “[...] são as emoções, de fato, que conferem tom, dinamismo, colorido e significados às interações e aos projetos humanos,

¹²⁶ No original "The fans' response typically involves not simply fascination or adoration but also frustration and antagonism, and it is the combination of the two responses which motivates their active engagement with the media. Because popular narratives often fail to satisfy, fans must struggle with them, to try to articulate to themselves and others unrealized possibilities within the original works. Because the texts continue to fascinate, fans cannot dismiss them from their attention but rather must try to find ways to salvage them for their interests".

servindo, em certas circunstâncias, como catalisadoras de mobilizações coletivas (...)” (FREIRE FILHO, 2013, p. 2). Essas relações emocionais são compartilhadas entre as comunidades de fãs e mobilizam a produção de novos sentidos.

Assim como Lucas (2018), iremos nos apropriar das incursões teóricas e empíricas de Freire Filho (2017) a respeito das emoções e das comunidades emotivas para discutir a respeito do *fandom*. O pesquisador propõe uma análise cultural e política das emoções e se afasta das concepções que as consideram entidades naturais, componentes elementares da nossa constituição biológica ou reações instintivas que foram conquistadas no decorrer do processo evolutivo humano. Por conseguinte, o autor recorre a Potkey (2007) para assinalar que as emoções são compreendidas, demonstradas e julgadas a partir de contextos linguísticos, trajetórias biográficas, produtos históricos, práticas e performances construídas socialmente.

Emoções ou paixões não são, simplesmente, componentes constantes da psicologia e da fisiologia humana, mecanismos inatos. Elas são configuradas, também, por histórias: a história particular de cada indivíduo e a história cultural de cada termo referente à emoção. (...) [O] que uma determinada pessoa ama ou amará depende, em primeiro lugar, do que uma comunidade convencionou denominar amor (distinguindo-o, por exemplo, de opostos possíveis como “luxúria” ou “amizade”), sendo condicionado, ainda, pelo que aquela comunidade permite ou proíbe, o que uma cultura concebe como íntimo ou inimaginável, no que concerne aos objetos e às expressões do amor. (POTKAY, 2007, p. VII *apud* FREIRE FILHO, 2017, p. 65).

À luz da filósofa estadunidense Jaggar (1989 *apud* FREIRE FILHO, 2017), o pesquisador aponta que nem sempre os indivíduos vivenciam emoções consideradas convencionalmente aceitáveis, isso porque a hegemonia que a sociedade exerce na composição emocional das pessoas não é total. Os indivíduos que experienciam essas emoções classificadas como inaceitáveis podem sentir-se confusos e incapazes de nomear a sua experiência e, conseqüentemente, duvidarem de suas sanidades.

A pedagogia das emoções efetuada por instituições como a família, a escola e a mídia sanciona movimentos de aproximação e de afastamento social, apresentando – desde a infância – determinados tipos de indivíduos, experiências e ambientes como sendo,

intrinsecamente, amáveis, temíveis, repulsivos ou odiosos, dignos de compaixão ou merecedores de desprezo, fontes de alegria ou de infelicidade. Qualquer desvio significativo no que tange às orientações emocionais pode ser identificado como transtorno que exige vigilância, castigo, psicoterapia ou outra modalidade de tratamento médico. Para aqueles que se alinham às diretrizes afetivas, são anunciadas variadas recompensas no âmbito subjetivo, doméstico, profissional ou celestial. (FREIRE FILHO, 2017, p. 68).

Entretanto, tais “emoções fora da lei” podem suscitar uma nova percepção a respeito de determinado assunto ou contexto, diferente daquela retratada sob as óticas convencionais. Assim, essa nova percepção pode culminar em indícios de que alguma coisa está incorreta na maneira como alguns fatos são construídos.

Os discursos, sejam eles convergentes ou divergentes entre si, que delineiam as experiências e orientam a expressão das emoções de grupos sociais específicos contidos dentro de um contexto, local e período histórico específico, podem ser captados de fontes variadas, como:

[...] Sermões e discursos políticos; artigos acadêmicos e publicações de divulgação científica; livros de etiqueta e colunas de revistas femininas; literatura infantil e guias de aconselhamento parental; manuais profissionais e obras didáticas; códigos de ética e documentos jurídicos; filmes e romances populares – entre outras formas e produtos culturais que oferecem modelos de personalidade, auto apresentação e performance social em que se destaca a importância da regulação de estados e de posturas emotivas. (FREIRE FILHO, 2017).

Os mecanismos culturais de regulamentação oferecem técnicas e conselhos que possibilitam a potencialização de algumas emoções e a contenção de outras, em concordância com diversas finalidades — honra, disciplina, produtividade etc. Freire Filho (2017) aponta, inclusive, que a insegurança frequente quanto à demonstração pública de emoções é fruto da forma como lidamos com expectativas sociais antagônicas em certas situações.

Utilizando como exemplo empírico a raiva, Freire Filho (2013) aponta a complexidade das emoções quanto às suas mais variadas razões, fontes, significados e efeitos. Segundo ele (FREIRE FILHO, 2013, p. 17), pesquisar sobre as manifestações dessas emoções no ambiente online “[...] pode fornecer pistas bastante concretas acerca dos valores, das identidades e das práticas que

diferentes grupos ou comunidades sentem que é importante, atualmente, conservar ou modificar”.

A internet sobressai, na atualidade, como o mais prodigioso arquivo e tribunal de experiências e de manifestações emocionais – controversas, proscritas ou legitimadas socialmente. Facebook, YouTube, blogs e comunidades online abarcam narrativas, performances, flagrantes e testemunhos emotivos de diferentes atores e grupos sociais: cidadãos indignados e militantes revoltados (Freire Filho, 2015); consumidores desiludidos e enfurecidos (Id., 2014); crentes fervorosos e fiéis intransigentes; jornalistas coléricos ou condoídos; minorias vilipendiadas; fãs e antifãs adolescentes (Id., 2013); casais apaixonados; ex-parceiros amorosos que clamam por vingança; celebridades eufóricas ou engajadas; pacientes com doenças graves, em estágio terminal ou em momento de “superação”; vítimas de abuso sexual, assédio moral, negligência afetiva, bullying escolar, bullying corporativo etc. (FREIRE FILHO, 2017).

Uma vez que as dinâmicas, expressões e performances emotivas são constituídas por estruturas sociais e relações de poder (FREIRE FILHO, 2017), as relações emocionais e o envolvimento dos fãs assumem um caráter importante para pensarmos no nosso objeto de pesquisa, pois é justamente nesse âmbito que os fãs da Karol Conká se encontraram frente às práticas de cancelamento. Corroboramos com as discussões suscitadas acima por alguns autores (SANDVOSS, 2013; HILLS, 2002; LOPES, 2015), que tratam os fãs como produtores culturais e destacam o envolvimento emocional no processo de consumo.

Freire Filho (2013) aponta que os fãs demandam que os seus ídolos estejam genuinamente conectados com os seus próprios sentimentos ao compor músicas, dar entrevistas, fazer confissões, shows e videocliques. Para Hinerman (1992), os fãs não só se identificam com a personalidade, características e valores dos seus artistas como também tendem a ter expectativa de que alguns dos aspectos das suas personalidades e dos seus próprios ritos, características e valores sejam compartilhados.

3.2 Fãs, Big Brother Brasil e recepção transmidiática

O produto Big Brother, de acordo com Campanella (2007), mesmo sendo transmitido em um canal de TV aberta, não pode ser visto apenas como um mero

programa de televisão. Para o autor, precisamos considerar que ele é, sim, um programa televisivo, visto que é transmitido em TV aberta, TV paga, *pay-per-view*, *streaming* e mídias sociais. Além de ser uma fonte extremamente rentável por intermédio de cotas publicitárias para a TV Globo, a sua exibição em múltiplas plataformas possibilitou a expansão de fontes variadas de receita. Entretanto, o programa também inspirou a criação de inúmeros fóruns, blogs e comunidades, onde ocorrem discussões relacionadas a rotina dos participantes na casa, o destino dos seus ex-participantes e demais assuntos relacionados ao programa.

Campanella (2007) destaca as diferentes nuances das experiências dos espectadores quanto aos graus de edição e mediação. Na versão veiculada na TV aberta, por exemplo, a direção do programa privilegia a criação de uma coerência narrativa dentro do cotidiano dos integrantes para a televisão, realizando cortes e edições. O pesquisador ainda aponta a forte influência da teledramaturgia nacional na construção da linguagem utilizada para apresentar e reforçar as tramas desenvolvidas no cotidiano da casa (conspirações, romances, amizades, etc). Todavia, essa lente da direção perante os acontecimentos gera discussões entre os fãs em grupos na internet. A apresentação da subjetividade de determinado participante, assim como as suas principais motivações, dependem da mídia, ou da combinação de mídias, que são utilizadas pela audiência nos seus momentos de recepção do programa. A audiência tem acesso a uma gama de situações que auxiliam na construção desses participantes como personagens. Nas pesquisas desenvolvidas pelo pesquisador, foi observado que a falta de homogeneidade nas narrativas dos participantes decorrente da multiplicidade de plataformas despertou grandes polêmicas relacionadas à compreensão e à interpretação dos acontecimentos no programa.

O fato de cada uma das mídias oferecer um diferente tipo de acesso à rotina dos participantes dificulta a percepção do Big Brother como um texto fechado. “No caso deste produto multiplataforma, a dificuldade em se atingir um denominador comum quanto à sua compreensão se dá pelas diferentes formas que este pode adquirir dependendo da(s) mídia(s) utilizada(s) no processo de recepção” (CAMPANELLA, 2007, p. 5). Outra variável que deve ser levada em consideração ao observarmos as tensões presentes nas relações entre produtores, conteúdos e audiência é a “propriedade” do *reality*. A transmissão do Big Brother Brasil em

diferentes plataformas, aliada às possibilidades de interferência do público no rumo do programa por meio das votações, proporcionaram aos espectadores uma sensação de controle sem precedentes. Embora esse processo de transmediatização renda mais proximidade do espectador com o programa e fontes extras de receita, Campanella (2010, p.148) chama atenção para o fato de que esse processo “[...] simultaneamente gera inúmeras tensões pela sua disparidade com o resumo editado pela Rede Globo.

É no âmbito transmidiático do Big Brother Brasil que aterrissamos a nossa discussão acerca da recepção dos fãs da Karol Conká e as suas emoções, a fim de cumprir os objetivos da pesquisa. Amparadas pela perspectiva de Canclini (1993) acerca do consumo cultural, Toaldo e Jacks (2013) apontam que, em geral, os estudos de recepção:

[...] estão mais preocupados com a relação estabelecida pelos receptores com determinados gêneros e programas, na busca de interpretação e produção de sentido, embora possam ser estudos contextualizados nas práticas cotidianas, o que inclui as midiáticas, para dar suporte às interpretações. (TOALDO e JACKS, 2013, p. 7).

De acordo com Rosengren e Jensen (1997), os estudos de recepção são aqueles que dissertam acerca dos públicos e dos conteúdos (uma investigação dos conteúdos por parte do público) com base em dados qualitativos e empíricos, como nos propomos a fazer aqui. Os pesquisadores continuam:

Ao mesmo tempo que produzem dados empíricos sobre o público por meio de observações intensivas e de enquetes, as análises de recepção recorrem a métodos qualitativos quando devem comparar aqueles dados que se referem aos públicos com aqueles que se referem aos conteúdos. Seu objetivo imediato é apreender o processo de recepção antes de ver como este afeta os usos e os efeitos dos conteúdos midiáticos¹²⁷. (ROSENGREN e JENSEN, 1997, p. 343, tradução nossa).

A recepção no espaço de múltiplas plataformas, como acontece no Big Brother Brasil e com os materiais da artista Karol Conká, é situada por Lopes (2011) como “recepção transmidiática”. Esse novo tipo de recepção está preocupado em

¹²⁷ No original: "Al mismo tiempo que producen datos empíricos acerca del público a través de observaciones intensivas y de encuestas, los análisis de recepción recurren a métodos cualitativos cuando deben comparar aquellos datos que se refieren a los públicos con aquellos que se refieren a los contenidos. Su objetivo inmediato es aprehender el proceso de recepción, antes de ver cómo éste afecta los usos y los efectos de los contenidos mediáticos".

explorar a complexidade que vem se engendrando no processo de comunicação, tendo como premissa o desenvolvimento tecnológico e as consequentes interações dos sujeitos com diferentes mídias, consumindo o mesmo produto, como é o caso do Big Brother Brasil. Para Lopes (2011, p. 311), “[...] certamente os textos dos novos meios colocam desafios específicos, pois eles são freqüentemente de natureza multimodal, hipertextual e efêmera”. Há uma inquietação com os textos inéditos produzidos no ambiente digital, principalmente na percepção de como esse consumo digital se integra e interage com tudo aquilo que é recebido pela audiência por intermédio dos produtos midiáticos que circulam na televisão.

No ambiente transmidiático, parece que as pessoas se envolvem progressivamente mais com conteúdos — grupos musicais, telenovelas, times de futebol — do que com formatos ou canais, onde quer que se encontrem, em qualquer meio ou plataforma. Nesse sentido, os estudos de fãs se tornam cada vez mais importantes à medida que as audiências se fragmentam e se diversificam. Quanto mais os meios se tornam interconectados, mais são os conteúdos que, crescentemente, interessam ao fã, que passa a segui-los em todas as mídias, incorporando-os, também, à sua comunicação face-a-face. Isso não quer dizer que a forma não seja importante, visto que, nos estudos de televisão, o conceito de gênero tem sido fundamental para pensarmos a interação texto-leitor (LOPES, 2011, p. 310).

Libardi (2018) enfatiza que, em um contexto de pesquisas que se desenvolveram por décadas e que tem a televisão como meio principal, o consumo convergente ao mesmo tempo que surge gerando dúvidas e anseios, também serve para incentivar a renovação e atualização dos estudos de recepção.

Ao analisar a conversação em rede dos fãs do Big Brother Brasil 2020 no *Twitter*, Habckost (2020) identificou o grande investimento emocional e afetivo por parte deles na discussão de diversos temas, assim como em processos de identificação e reconhecimento, desencadeados pela narrativa dos participantes e pelo programa. Nesse sentido, existe uma longa tradição de trabalhos que analisam as relações afetivas dos fãs com produtos culturais diversos, tais como filmes, livros, séries televisivas, bandas de música, celebridades etc. (FREIRE FILHO, 2013; GRAY et al. 2007; HARRIS & ALEXANDER, 1998; HILLS, 2002; JENKINS, 1992). O que diferencia o Big Brother desses outros produtos é o fato de que esse *reality*

show é explicitamente concebido, tanto em termos de conteúdo, como nas possibilidades de interação oferecidas, de maneira a incrementar tais relações ao máximo. Começando pelo processo de imposição de tarefas aos confinados na casa, passando pela eliminação semanal deles, a participação da audiência é fundamental para o andamento do programa. Em ambos os casos, o público é quem determina o que deve ser feito. Além do mais, ao ajudar em sua construção, o fã o está consumindo simultaneamente, como, por exemplo, por meio de acessos expressivos na página do programa na internet, que são revertidos em receita publicitária para o site (CAMPANELLA, 2007).

3.3 As especificidades do Big Brother Brasil 2021

Renovações no formato são apostas características da emissora e do programa, conforme apontado por Campanella (2007). Outros tipos de competidores já foram escalados para o elenco no passado, como participantes de edições anteriores, famílias e irmãs gêmeas. Conforme discutido anteriormente no primeiro capítulo, desde a vigésima edição do programa, há mais um elemento que precisa ser incorporado nas discussões acerca do Big Brother Brasil: a inclusão de famosos e influenciadores digitais no elenco. Com esse novo formato, houve uma divisão de dois grupos de participantes confinados: Camarote e Pipoca. Assim, essa divisão foi mantida nas edições seguintes.

O primeiro grupo reunia influenciadores digitais, cantores, atores e atletas, convidados a participar do programa pela própria produção; no segundo grupo estavam os “anônimos”, participantes que se inscreveram para entrar na casa do BBB. A entrada de influenciadores digitais no confinamento revela uma percepção da TV Globo de se investir, por meio dessas personalidades, em estratégias de convergência midiática (KARHAWI, 2021, p.6).

Segundo Karhawi (2021), os influenciadores digitais são capazes não só de interferir nas decisões de consumo material de seus públicos, como também podem impactar processos de sociabilidade. Esses sujeitos constroem relacionamentos de confiança por meio de estratégias nas mídias sociais. Em suma, “[...] ser influenciador digital é ser legitimado pelos públicos — incluindo, aí, o próprio

mercado sobre o qual o influenciador fala ou do qual se aproxima. É também reconhecer e desenvolver práticas profissionais específicas” (ibid., 2021, p. 5).

Quando pensamos na relação entre fãs e celebridades, esse cenário tende a ganhar certa complexidade. A principal diferença entre a presente investigação frente às pesquisas desenvolvidas no âmbito do BBB por Campanella (2007), em que o autor investiga os fãs Big Brother Brasil dentro da lógica comercial do programa, é que o novo formato proposto pela TV Globo, discutido por Karhawi (2021), permite que nos debruçemos frente às questões relacionadas aos fãs de uma celebridade, que também podem ser fãs do BBB (ou não).

Em sua tese de doutorado acerca das celebridades, Cornutti (2015) compreende que celebridades são pontos de articulação importantes da sociedade e que devem ser entendidas dentro de um contexto cultural, considerando todo seu aparato de produção e circulação na mídia. Alê Primo (2009) inclusive aponta que uma celebridade não se constrói sozinha, pois ela precisa se vincular a outros produtos e indústrias culturais:

A celebridade não pode ser pensada apenas como pessoa famosa. Trata-se de um complexo construído por uma grande quantidade de profissionais e equipes. A celebridade vincula-se a outras indústrias e produtos culturais, dos quais depende para manter seu sucesso. Hoje, não é possível avaliar o valor de uma celebridade sem sua inter-relação, por exemplo, com a indústria da moda e com periódicos especializados em fofocas. O status de celebridade, portanto, não é uma construção individual, simples consequência de talento próprio. (PRIMO, 2009, p. 8).

Simões (2014), ao explorar o poder de afetação das celebridades, aponta que esses indivíduos impulsionam certos acontecimentos e integram campos que acionam projeções, identificações e contraindicações. Consequentemente, “[...] é observando a emoção que despertam e os sentimentos de que são revestidos que podemos avaliar a força e o grau de celebrização dos famosos” (SIMÕES; FRANÇA, 2020).

Segundo Marcus (2015), o ambiente digital permitiu que os pesquisadores interessados nos estudos de fãs e celebridades tivessem evidências mais claras a respeito do que eles sentem e pensam. Isso porque as plataformas de mídia social estimulam essas manifestações e facilitam o mapeamento desses indivíduos por meio de seus perfis e comunidades. A pesquisadora também defende que a

distinção entre fãs e celebridades se tornou mais difusa à medida que a internet ruiu algumas fronteiras entre as pessoas e a mídia. Uma celebridade, ao se tornar uma usuária de uma mídia social, por exemplo, pode vir a se envolver em atividades semelhantes às quais os seus fãs se envolvem. Da mesma forma que a televisão depende cada vez menos de celebridades profissionais (no caso do Brasil, podemos pensar nos atores globais, por exemplo), mas coopera com seus telespectadores e sua atividade na internet para fazer “estrelas”, as celebridades trabalham em conjunto com o público para aumentar a sua fama nas mídias sociais como usuários astutos, permitindo que elas os molde em toda a sua extensão de onipresença e rapidez (MARCUS, 2015).

Ainda pensando no ambiente digital e nas suas implicações quanto às celebridades, Marcus (2015) propõe alguns questionamos frente a esse cenário:

O Tumblr, Twitter, Facebook e YouTube, GIFs e MP3s, mecanismos de busca, selfies e *reality shows*, com suas capacidades de filtrar e classificar níveis de fama, distribuir imagens e expor a vida privada em público, mudaram qualitativamente o que é ser uma celebridade e como os fãs interagem com celebridades e uns com os outros? Ou essas mídias simplesmente permitem que celebridades e fandom se movam em um ritmo muito mais rápido e em uma escala mais global?¹²⁸ (MARCUS, 2015. p. 2, tradução nossa)

As discussões suscitadas por Marcus (2015) são importantes para situarmos a presente pesquisa. Pensando especificamente no nosso objeto, discutir a respeito de celebridades em *reality shows*, como é o caso do Big Brother Brasil, permite que exploremos um fenômeno, até então, diferente para alguns fãs: acompanhar o seu ídolo 24h por dia na frente das câmeras. Esse acompanhamento é um pouco diferente das lógicas de funcionamento das mídias sociais e do *Meet and Greet*¹²⁹, por exemplo, pois, aqui, o artista não tem o “poder de escolha” em relação ao conteúdo que será acessado pelos seus fãs.

¹²⁸ No original: "Have Tumblr, Twitter, Facebook, and YouTube, GIFs and MP3s, search engines, selfies, and *reality TV*, with their capacities for filtering and ranking levels of fame, distributing images, and exposing private life in public, qualitatively changed what celebrity is and how fans interact with celebrities and with one another? Or do these media simply enable celebrity and fandom to move at a much faster pace and on a more global scale? Can we develop a theory of celebrity that identifies its core structural features while also accounting for historical change?"

¹²⁹ Em tradução nossa, o conceito seria algo como “encontrar e cumprimentar”. Geralmente, fãs pagam grandes quantias, ou participam de sorteios, para ter acesso ao seu ídolo por alguns minutos e tirar uma foto.

4 AFINAL, O QUE É CANCELAMENTO?

Dado o panorama frente aos estudos de fãs, audiências e os seus vínculos emocionais com as celebridades, propomos, aqui, uma discussão a respeito do cancelamento e das suas diferentes manifestações para pensarmos no nosso objeto de pesquisa. A “Cultura do cancelamento” da forma como conhecemos hoje é um fenômeno originado nos Estados Unidos, em meados de 2017, como fruto do movimento #MeToo, em um contexto pautado por denúncias de assédio sexual em Hollywood. O movimento angariou adeptos do mundo inteiro, que protestavam contra essas práticas e exigiam a penalidade aos envolvidos. Para Nguyen (2020, p. 7), “a cultura do cancelamento” é “[...] um crescente fenômeno do ativismo nas redes sociais, que levou muitos sujeitos a promoverem o boicote de diferentes pessoas, empresas e sistemas que estejam em desalinhamento com seus valores sociais”. De acordo com Nakamura (2020, tradução nossa), em entrevista a Jonah E. Bromwich (2020), o fenômeno promove uma espécie de “boicote cultural”, um “acordo” para não amplificar, visibilizar ou financiar uma pessoa cancelada. A pesquisadora ainda aponta que o cancelamento pode ser punitivo em alguns casos, de modo a causar danos severos nas vidas pessoais dos cancelados.

Um exemplo de como o cancelamento começou a ganhar forma aconteceu nos anos de 1980, na Universidade de Stanford, quando alunos e professores, compondo um grupo de aproximadamente 500 pessoas, reuniram-se para pedir a extinção de uma disciplina que continha, em sua súmula, leituras obrigatórias de clássicos, como Shakespeare e Platão. De acordo com os manifestantes, esse conteúdo era responsável pela disseminação de uma visão eurocêntrica, branca e masculina, interligadas com práticas imperialistas e colonialistas (WOLF, 2020). Ainda que o grupo estivesse reivindicando questões pertinentes, Wolf (2020) faz uma crítica a essa manifestação por acreditar que, a partir dela, novas amarras de controle político foram colocadas em instituições que deveriam proporcionar debates relevantes para a sociedade, ao contrário de sucumbir à censura. Com o advento das mídias sociais, era questão de tempo para que essas práticas adquirissem novas formas.

O cancelamento foi idealizado, inicialmente, como uma forma de penalizar figuras públicas por práticas repulsivas e, por vezes, criminosas, mas sem fazer uso

de violência ou discurso de ódio. Todavia, essas práticas incentivadas pelo anonimato que a internet possibilita, algumas vezes, deslocam-se para uma posição de linchamento virtual, ao propor o apagamento total de um indivíduo. Chiou (2020) traz uma reflexão importante a respeito do desdobramento dessa prática nas mídias digitais:

É como se fosse uma faca de dois gumes. A mídia social oferece a possibilidade das pessoas responsabilizarem facilmente alguém por seu mau comportamento e aumenta a conscientização sobre a injustiça. As opiniões a favor da cultura do cancelamento postulam que é semelhante ao ativismo, usando plataformas online para criticar pessoas influentes por promover a intolerância. Por outro lado, a cultura do cancelamento às vezes pode se tornar um vigilantismo digital, pois muitas vezes os defensores do cancelamento de figuras públicas acreditam que eles têm um alto nível moral — eles têm o direito até de depreciar ou humilhar alguém com base no que consideram como politicamente correto. No entanto, essas humilhações públicas em muitas ocasiões podem ser excessivas e se tornam uma maneira de julgamento e rejeição contra qualquer um que tenha um ponto de vista sociopolítico diferente ¹³⁰. (CHIOU, 2020, p. 297, tradução nossa).

Segundo Eve Ng (2020), a *cancel culture* da forma como conhecemos hoje tem como premissa principal retirar qualquer tipo de apoio (sejam *views*, seguidores, compras de produtos, *streaming* etc.) a aqueles acusados de uma ação ou fala problemática e/ou inaceitável. Esse boicote acontece por uma perspectiva de justiça social, associada ao racismo, homofobia, xenofobia, sexismo, bullying, dentre outras questões. Nguyen (2020) enxerga o cancelamento por uma perspectiva de manifestação ativista nas mídias sociais, que acaba por incentivar a promoção de boicote contra pessoas, empresas e instituições desalinhadas com os valores sociais vigentes.

Para Rodrigues (2020, n.p), a cultura do cancelamento funciona como um “[...] acerto público de contas, um pedido de ajustamento de condutas em relação à alguma transgressão social que não passou por um controle adequado nos canais

¹³⁰ No original: "Cancel culture is a double-edged sword. Social media offers a platform for people to easily hold someone accountable for their misbehavior and raises awareness about injustice. Opinions favoring cancel culture posit that it is akin to activism, using online platforms to criticize influential people for promoting bigotry. On the flipside, cancel culture can sometimes become digital vigilantism. Advocates of canceling public figures often believe that they hold the moral high ground—they are entitled even to disparage or humiliate someone on the grounds of political correctness. However, such public shaming on many occasions can be excessive and simply becomes a way of judging and rejecting anyone who holds a different socio-political viewpoint".

tradicionais”. De acordo com Specimille e Barbosa (2020, p. 14), o ato de cancelar pode acontecer dentro de qualquer grupo, seja esquerda, direita, religioso ou acadêmico, pois “[...] basta uma discordância de um determinado discurso dentro do grupo para que isso seja o motivo do ato”.

Entretanto, em entrevista para a revista Carta Capital, o psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Christian Dunker (2020) chama atenção para as nuances do cancelamento e alerta que há um uso um tanto quanto exagerado, mas reforça que esse exagero não necessariamente funciona como uma invalidação:

Há que se distinguir o cancelamento, ato político e estrategicamente bem-posto, do cancelamento autocrático, que produz a sensação de moralismo. Toda vez que cancelo simplesmente porque ‘eu não faria assim’, pressupondo que o outro deva agir exatamente como eu ajo, eu estou indo contra a inclusão, a universalização do diálogo. E, ainda mais grave, ao me retirar do debate, o cancelado pode se beneficiar e criar um ambiente ainda mais tóxico, machista, violento e, portanto, aumentar a coerência identitária do seu grupo, o que seria péssimo. (DUNKER, 2020, s.p.).

Para a antropóloga Izabel Accioly (2020), o cancelamento assume um papel relevante ao responsabilizar os indivíduos pelas suas falas e posturas nas mídias sociais, principalmente, quando se trata de uma celebridade. Todavia, a pesquisadora destaca que as críticas precisam ser respaldadas e não devem se limitar unicamente a um “comportamento de manada”. Segundo Specimille e Barbosa (2020), os maiores alvos são justamente as figuras públicas, artistas e influenciadores, por estarem presentes em um ambiente e exposição em grande escala das suas vidas pessoais para uma grande quantidade de usuários e espectadores, pois é vendendo os seus conteúdos que eles transformam as suas imagens em “mercadoria”. Sendo assim, “[...] estão suscetíveis a críticas e julgamentos de toda a internet, o que gera perda de seguidores, engajamento e até mesmo cancelamento de contratos vinculados a patrocinadores” (SPECIMILLE; BARBOSA, 2020, p. 16).

Contudo, Christian Dunker (2020, n.p.) pontua que nenhuma transformação social acontece sem que tenhamos engasgos e retrocessos: “Como vamos criar uma cultura na internet, completamente nova, sem que apareçam em algum momento transgressões, barreiras, barbáries, excessos? É próprio do novo [...]”.

4.1 O cancelamento enquanto prática

Frequentemente denominada como “cultura do cancelamento”, aqui, trataremos o cancelamento como uma prática cultural, por acreditarmos que, ao utilizarmos a palavra cultura, podemos cair no senso comum e, conseqüentemente, esvaziar um conceito de suma relevância¹³¹. Ainda que não haja uma definição ou consenso teórico a respeito da cultura, ao tratarmos desse conceito, estamos nos referindo a teorias complexas e multidisciplinares transversais com diferentes áreas do conhecimento. Afastamo-nos dessa nomenclatura nesta pesquisa por acreditarmos que o cancelamento não é uma “cultura” para carregar o peso dessa palavra na sua constituição.

Jacks, Toaldo, Oikawa (2016) propõem uma discussão acerca das práticas culturais baseada nos conceitos de De Certeau (1994), que as caracteriza como táticas. O conceito de tática para De Certeau (1994) é considerado como um jogo dos acontecimentos, que são transformados em ocasiões, uma forma dos mais fracos burlarem as estratégias articuladas pelos mais fortes:

Tática como um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias, [...] a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para o transformar em “ocasiões”. [...] Muitas práticas cotidianas são do tipo tática, e uma grande parte das “maneiras de fazer”. (DE CERTEAU, 1994, p. 46).

De Certeau (1994 *apud* JACKS; TOALDO; OIKAWA, 2016) admite a capacidade de resistência dos sujeitos frente ao que é ofertado pela produção cultural considerada “dominante”, os comportamentos são definidos conforme os lugares onde os indivíduos se encontram socialmente, configurados por meio de

¹³¹ Laraia (2001, p. 40) por exemplo, enxerga a cultura como “[...] o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”. Canclini entende a cultura “[...] como parte da socialização de classes e grupos na formação de concepções políticas e no estilo que a sociedade adota em diferentes linhas de desenvolvimento” (1987, p. 25).

“modalidades de ação” ou “formalidades” das práticas de acordo com o lugar/contexto. Todavia, as práticas culturais não se restringem a essas modalidades.

“As maneiras de fazer” e “os modos de emprego” correspondem ao movimento dos sujeitos, que (re)criam formas de agir, com o intuito de se adaptar e de se identificar com os lugares nos quais se encontram, substituindo ou reformulando métodos de agir nos mesmos. As práticas culturais dos consumidores são fruto de um “fazer com”, com a oferta que já existe, mas a sua maneira, de acordo com os seus interesses (DE CERTEAU, 1994 *apud* JACKS; TOALDO; OIKAWA, 2016).

Daí pode-se entender que as práticas culturais são fruto das ações humanas que se configuram e reconfiguram no confronto entre “poderes instituídos” e os sujeitos que, a partir de suas táticas, buscam ajustar-se a seus cenários e circunstâncias. Na sociedade atual, essa reconfiguração ocorre também a partir das possibilidades que surgem com a crescente utilização das tecnologias digitais e a formação de redes telemáticas, as quais potencializam as ações táticas dos sujeitos em um nível planetário. (JACKS; TOALDO; OIKAWA, 2016, p. 7).

Compreendemos que o cancelamento é uma prática resultante da capacidade de resistência dos indivíduos frente à estratégia dominante, no espectro dos valores considerados éticos e/ou morais em determinada cultura.

4.2 Cancelamento, celebridades e fãs

Ao propormos uma abordagem teórica que entende o cancelamento enquanto uma prática cultural, corroboramos com Jacks, Toaldo, Oikawa (2016) ao compreendermos que o ambiente digital tem reconfigurado o panorama sociocultural da contemporaneidade, proporcionando sucessivas trocas de bens simbólicos e processos de compartilhamento de inúmeros componentes da cultura, que resultam em novas práticas culturais:

Esse cenário é marcado profundamente pelo fenômeno da convergência, o qual borra qualquer fronteira até então delimitada entre a produção e a recepção/consumo e os processos localizados entre as duas esferas, permitindo que as práticas produtivas dos

sujeitos ultrapassem a questão da produção de significado que ocorre no ato de consumo, alcançando, ainda, o nível da produção de bens culturais. (JACKS; TOALDO; OIKAWA, 2016, p. 13).

A comunidade de fãs, há algum tempo, já encontrou formas de chamar a atenção dos seus ídolos, no ambiente digital, por conta de comportamentos considerados controversos. Em meados de 2013, com o surgimento do termo *problematic favorite*¹³² (em tradução para o português, “problemático favorito”), os fãs já sabiam que os seus ídolos poderiam ter posicionamentos problemáticos (como falas racistas e homofóbicas, por exemplo). Essas comunidades almejavam equilibrar a admiração pelos seus ídolos e personagens com as críticas relacionadas aos seus comportamentos controversos. Com o tempo, essa expressão foi ganhando cada vez mais notoriedade, resultando até na criação de um perfil na plataforma *Tumblr* intitulado *Your Fave*¹³³ *is Problematic*¹³⁴ (em tradução livre: “seu ídolo é problemático”). Nesse perfil, eram expostas as ações problemáticas de celebridades, como uma espécie de catálogo. Apesar da exposição, a página e os seguidores não induziram um boicote ao indivíduo exposto: a celebridade poderia ter atitudes problemáticas, mas não deixaria de ser o “fave” de determinada comunidade. Naquela época, a ação servia apenas como uma forma de conscientizar os fãs sobre os comportamentos questionáveis dos seus ídolos. Todavia, parte dos usuários acreditavam que havia uma certa banalização de toda a problematização que era exposta nesses fóruns, quase que como dissociar a obra do artista.

O desdobramento dessas práticas de reivindicação aconteceu alguns anos depois, com a *call-out culture*¹³⁵ (em tradução livre: “cultura de chamar atenção”). Essa expressão, que também carrega a palavra “cultura” na sua composição, é classificada por Ahmad (2015) como uma tendência altamente midiaticizada de determinados grupos de responsabilizar publicamente atos e falas opressivas de indivíduos e instituições.

¹³² SCHWARTZ, Dana. Where Were You When You Found Out Your Fave Was Problematic? Culture. Glamour, 23 dez. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3cIRc11>>. Acesso em 01 de agosto. 2022.

¹³³ “Fave” é o termo utilizado em comunidades de fãs para se referir ao artista/ídolo e/ou à personalidade favorita.

¹³⁴ A página ainda está ativa e pode ser consultada em: <https://yourfaveisproblematic.tumblr.com/>. Acesso em 30 abr. 2023.

¹³⁵ Call-out culture: how to get it right (and wrong). Disponível em: <<https://bit.ly/3KK5nzc>>. Acesso em 01 de jul. 2022.

Assim, é à margem desses outros movimentos que articulamos o cancelamento como parte do nosso objeto de pesquisa, pois, ao contrário desses dois primeiros, esse último surge como uma “ação prática”, pois o objetivo aqui não é mais “conscientizar”, mas, sim, “cancelar”, ou seja, apagar, deixando de consumir qualquer produto ligado a esses sujeitos.

4.3 As práticas de cancelamento: consumo e cidadania

Toaldo e Jacks (2013), visando instigar o debate acerca das instâncias de diferenciação do consumo cultural, do consumo midiático e dos estudos de recepção, propõem que pensemos as práticas como parte do consumo cultural. Ao se apropriarem das seis teorias de Nestor Garcia Canclini, elas trazem alguns modelos de discussões sobre as compreensões de consumo do pesquisador:

“o consumo como lugar de reprodução da força de trabalho e de expansão de capital”, “como o lugar onde as classes e os grupos competem pela apropriação do produto social”, “como lugar de diferenciação social e distinção simbólica entre os grupos”, “como sistema de integração e comunicação”, “como cenário de objetivação dos desejos”, “como processo ritual”. (CANCLINI, 1993 *apud* TOALDO, JACKS, 2013, p. 4, destaque das autoras).

Canclini compreende o consumo cultural como “[...] o conjunto de processos de apropriação e usos de produtos nos quais o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso e troca, ou onde ao menos estes últimos se configuram subordinados à dimensão simbólica”¹³⁶ (CANCLINI, 1993, p. 34, tradução nossa). Segundo o pesquisador (CANCLINI, 2005 *apud* TOALDO, JACKS, 2013), o consumo é a dimensão com as maiores capacidades de conseguir explorar aspectos não econômicos da lógica capitalista, como é o caso dos estudos de recepção, apropriação, audiências e usos. Para ele, o consumo não é limitado apenas às trocas de mercadorias, mas torna-se componente de interações socioculturais variadas “[...] produzidas em torno de bens e objetos simbólicos que produzem significados, representam diferenciação, compartilhamento, comunicam escolhas,

¹³⁶ No original: “[...] el conjunto de procesos de apropiación y usos de productos en los que el valor simbólico prevalece sobre los valores de uso y de cambio, o donde al menos estos últimos se configuran subordinados a la dimensión simbólica”.

posicionamentos da situação dos indivíduos no mundo, satisfazem desejos” (CANCLINI, 2005 *apud* TOALDO, JACKS, 2013, p. 5).

Ao propor uma relação entre o consumo e a cidadania, Canclini (2020) aponta que essa relação se dá, principalmente, na descrença dos indivíduos nas instituições políticas, fazendo com que eles procurem exercer a cidadania de outras maneiras. Por conseguinte, ser cidadão não tem relação somente com os direitos reconhecidos pelo aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também diz respeito às práticas sociais e culturais que dão sentido ao pertencimento. Para o pesquisador, os direitos civis e direitos sociais constituem a cidadania, assim como o consumo relaciona-se diretamente com esses direitos, auxiliando na construção da identidade e no processo ritual de diversos grupos culturais. O nosso objetivo nesta pesquisa não é discorrer detalhadamente sobre esses conceitos, mas faz-se necessária uma leve introdução ao entendimento do pesquisador quanto a essas relações para que pensemos na cultura do cancelamento.

Segundo o pesquisador, se anteriormente as formas clássicas de “sermos cidadãos” foram alteradas pelo poder midiático, agora temos uma “reinvenção” dos poderes da cidadania que são atribuídos às redes sociais digitais. No século XX, o liberalismo fez com que os indivíduos acreditassem que a cidadania era algo que se exercia pertencendo a uma comunidade que habitava um território, logo, supunha-se que os direitos eram garantidos por governos, partidos políticos e sindicatos. Essa ideia de cidadania como exercício universal para participar da gestão dos bens comuns passou a ser questionada por conta da exclusão de uma parcela considerável da sociedade que não podia exercê-la (indígenas, mulheres sem direito ao voto etc.), e, nesse cenário, os responsáveis por governar, incapazes de assegurar os direitos, isentaram-se quanto à participação política que os desafia e que faz parte dos seus deveres.

Para Canclini (2020), o avanço da mídia tem resultados divergentes para os cidadãos: expande-se e, ao mesmo tempo, neutraliza-se a participação social. Com o advento da televisão e a retirada da imprensa do centro, criou-se, então, a videopolítica: as regras do espetáculo televisivo reconstruíram o sentido de política, os debates e a formação de opinião foram transferidos das praças e ruas para as telas, e conseqüentemente, os políticos estavam se afastando de seus eleitores e dos palanques dos partidos. A mídia de massa transformou a “tendência do senso

comum global neoliberal”, que transferiu funções-chave dos estados-nação para organizações e corporações internacionais.

O avanço da televisão, o enfraquecimento dos Estados e a descrença nos partidos políticos são três processos que estão entrelaçados, pois a perda de poder para a orientação da vida social de governos e instituições ocorre articulada com um novo pacto entre as indústrias, corporações de comunicação e sociedade. A mídia e, em seguida, as empresas de comunicação digitais tornaram-se mais fortes do que os Estados como agentes transnacionais de intercâmbio cultural (CANCLINI, 2020).

Decepcionados com as burocracias estatais, partidárias e sindicais, os usuários recorreram ao rádio e à televisão para alcançar o que as instituições não prestavam: serviços, justiça, reparações ou cuidados simples. Todavia, Canclini (2020) ressalta que não se pode dizer que a mídia “rasgou” o impacto das demandas sociais e comprometeu as autoridades, pelo contrário, nem sempre as instituições privadas de comunicação são eficazes, mas elas acabam fascinando os indivíduos porque os ouvem, o que transmite a impressão de que não há necessidade de burocracias. No período pré-digital, em estudos sobre os usos do rádio e televisão no final do século passado, descobriu-se que a mídia gerou grupos de cidadãos: grupos de autoajuda, redes de ouvintes, associações de bairro, circuitos de intercâmbio e debate sobre necessidades coletivas, isto é, “microesferas públicas”.

Todavia, com a chegada das mídias sociais, o cenário se repete: diante do descrédito das instituições de governo e de justiça, bem como do rádio e da televisão, incapazes de esclarecer crimes, corrupção e enriquecimentos ilícitos, a mídia é revitalizada — com o poder de suas filmagens e gravações — como testemunha privilegiada e veloz, ocupando o vácuo de credibilidade pública. A mídia substitui a justiça na alegação de culpa, sem se importar de esclarecer que lida com evidências ou simulações. E é nesse cenário que, para Canclini (2020), a função da “justiça” é expandida pelas mídias sociais com outras funcionalidades.

A primeira delas é a redistribuição do microfone e da câmera, o que gera a sensação de que qualquer um está habilitado a atuar como cidadão, denunciante ou eventual juiz. A segunda é uma insegurança constante, ou seja, tornamo-nos inseguros ao mostrar os nossos comportamentos pessoais, pois desde a queda em uma esquina até a entrega e recebimento de subornos, ambos podem ser filmados e

difundidos massivamente. E, por fim, a vulnerabilidade e a impotência dos cidadãos aumentam quando sabemos que as nossas comunicações pessoais podem ser gravadas e expostas a qualquer momento, que a soma dos nossos comportamentos será combinada em algoritmos e que esses cálculos, organizados por forças secretas e globalizadas, usam esses conhecimentos para nos canalizar como “consumidores e cidadãos”.

O pesquisador se apropria das incursões teóricas de Zizi Papacharissi e conclui que a primeira remodelação da cidadania nos tornou “cidadãos mediatizados”, mas a ampliação do espaço social e das interações na internet nos converteram em “cidadãos monitorados”, em que cada um é simultaneamente monitor e *voyeur*. Todavia, Canclini (2020) adianta que a emancipação não virá dessa nova cena de comunicação, pois o problema está nas instituições, elas precisam reconquistar a confiança dos cidadãos: é necessário governar para controlar danos. A transformação das relações entre público e privado no consumo cultural cotidiano representa uma mudança básica nas condições em que deverá se exercer um novo tipo de responsabilidade cívica.

Ao buscar definir essas práticas, o estudo desenvolvido pela agência Mutato (2020) a respeito do cancelamento ratifica as discussões levantadas por Canclini (2020):

Precisamos começar falando que a “cultura do cancelamento” é apenas um novo envelopamento de algo que já conhecemos e experienciamos durante décadas: o linchamento, o boicote, o ódio e a humilhação. Estes comportamentos podem ser observados em sociedades em que o Estado não possui credibilidade ou não se apresenta de forma efetiva, então a população se torna o júri, juiz e executor. (MUTATO, 2020, p. 6).

E é nesse cenário que propomos pensar o cancelamento, como uma prática cultural em que, por intermédio do consumo, os indivíduos buscam exercer essa espécie de justiça. Ao pensarmos especificamente no cenário do nosso objeto, é fato que Karol não cometeu nenhum crime no programa, ainda que tenha tido momentos polêmicos, mas a redistribuição do microfone e câmera, como suscitado por Canclini (2020), potencializa o julgamento dos indivíduos uns com os outros frente às questões éticas e morais. Então, quando vivemos em um país onde o

racismo é uma realidade, esses julgamentos também precisam ser observados e discutidos com as suas especificidades ao tratarmos de pessoas negras.

4.4 Cancelamento e marcadores sociais

Complementando as discussões suscitadas por Canclini (2020), o cientista político Cristiano Rodrigues (2020, n.p) aponta que vivemos em um período acelerado de transformações sociais em diferentes esferas. Essas transformações são fruto da emergência de novos atores políticos e da diversificação gradativa de identidades e demandas por inclusão cidadã, “[...] há uma reivindicação constante de que as sociedades multiculturais apresentem soluções que garantam a representação e a participação das minorias”. Conseqüentemente, para ele, há uma intenção da teoria e prática das democracias de tentar avançar em pautas relacionadas à inclusão política e à ampliação da igualdade.

Segundo Rodrigues (2020), foi a partir dos anos 2000 que os debates acerca da inclusão política e ampliação da igualdade ganharam fôlego nas universidades, movimentos sociais, nas instituições do governo e em fóruns internacionais. Para o pesquisador, dois fenômenos mundiais contribuíram para essas mudanças: o progresso das tecnologias informacionais de comunicação e a popularização dos *smartphones* e das mídias sociais. No cenário brasileiro, também tivemos transformações significativas: a expansão e a democratização do ensino superior, por meio de programas do governo e de políticas de ações afirmativas, o que, conseqüentemente, mudou drasticamente o perfil dos estudantes universitários¹³⁷.

A popularização das redes sociais e a maior presença de negros e mulheres em espaços que anteriormente eram praticamente monopolizados por homens brancos de classe média e alta trouxeram novos contornos para as disputas por inclusão e igualdade. O que se convencionou chamar de cultura do cancelamento é fruto dessas disputas que sempre ocorreram em outros espaços, mas amiúde de cima para baixo. O atual pânico moral e o medo do cancelamento parecem não ter a ver simplesmente com o emprego da estratégia em si, mas

¹³⁷ De acordo com dados de 2019 da ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), 70,2% dos estudantes das instituições públicas de ensino fazem parte de famílias com renda mensal per capita de até um salário mínimo e meio (em 1996 eram 44,3%). Enquanto isso, mulheres e negros (autodeclarados pardos e pretos) correspondem respectivamente a 54,6% e 51,2% dos estudantes (ANDIFES, 2021).

principalmente com o receio de que ela venha a ser democratizada. (RODRIGUES, 2020, s.p.).

Nesse sentido, o cancelamento é entendido como uma espécie de “[...] acerto de contas e um pedido de ajustamento de condutas em relação à alguma transgressão social que não passou por um controle adequado nos canais tradicionais” (RODRIGUES, 2020, n.p). Ocorrências racistas, misóginas, capacitistas e LGBTQIA+fóbicas são disparadamente as que geram mais pessoas canceladas. Ao pensarmos nessas ocorrências, faz-se necessária uma breve incursão a respeito dos marcadores sociais da diferença, a fim de pensarmos nas suas articulações com as práticas de cancelamento.

Para Almeida et al. (2018), discutir a respeito dos marcadores sociais da diferença é designar a maneira como essas diferenças são socialmente construídas e como elas podem compreender implicações que tangenciam hierarquia, assimetria, discriminação e desigualdade. Esses marcadores dizem respeito a questões relacionadas à raça, classe, gênero, sexualidade, território, entre outros. As diferenças socialmente construídas não necessariamente configuram desvantagens ou desníveis de poder, riqueza e prestígio, mas, incessantemente, são destacadas por desigualdades no plano das representações sociais, que fornecem subsídios a posições e relações de exclusão e desigualdade (FRY *apud* ALMEIDA et al., 2018).

Discorrendo especificamente a respeito do marcador social de raça, ao qual Karol Conká faz parte enquanto mulher negra, precisamos discutir sobre as atrocidades que já foram cometidas na história por grupos de indivíduos que tomaram o racismo como premissa: o genocídio de milhões povos originários nas Américas e a eliminação sistemática de milhões de judeus e ciganos durante a Segunda Guerra Mundial. Além do antissemitismo, a conservação de mecanismos de discriminação racial na África do Sul durante o Apartheid nos Estados Unidos, na Europa, em todos os países da América do Sul e também encabeçados por outros lugares do mundo, inclusive pelo Brasil, comprovam que o racismo é um fato que concede à raça a sua verdadeira realidade, que é política e social (MUNANGA, 2009). Entretanto, para além da história, outros fatores são constitutivos da identidade negra, como as religiões, artes, medicina, tecnologias, ciências, educação, visões do mundo etc. (MUNANGA, 2012). “Ser negro” significa, ao

mesmo tempo, cumprir com os propósitos da “raça branca” e resistir àquilo que foi reservado por eles, pois os negros são construídos socialmente como negros (GORDON, 2008).

Ao tratarmos do conceito de raça no âmbito dos estudos culturais, consideramos que em uma sociedade em que impera a supremacia branca, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. Isso porque a força homogeneizadora da identidade tratada como “normal” é diretamente proporcional à sua invisibilidade (SILVA, 2011). Por que nós não escutamos discursos estruturados sobre a identidade branca, masculina, burguesa, heterossexual etc.? Porque brancos, homens, burgueses e heterossexuais são vitoriosos e ocupam constantemente o topo da pirâmide social, política e econômica, desse modo, eles não precisam de uma afirmação política para reivindicar e negociar por um espaço que já está consolidado na sociedade (MUNANGA, 2012).

Para Rodrigues (2020), as discussões acerca do cancelamento demonstram que nem todos os indivíduos possuem ferramentas materiais, simbólicas e culturais para questionar opiniões dominantes, tampouco acesso igualitário às mesmas mídias para a divulgação das suas concepções.

Por essa razão, o pânico moral em relação à cultura do cancelamento é, essencialmente, um misto de projeção e retaliação. Integrantes de grupos sociais que sempre tiveram acesso irrestrito a expressar todo tipo de opinião sem sofrer sanção da opinião pública se sentem acuados diante da rapidez das mudanças sociais e geracionais. (RODRIGUES, 2020, s.p.).

O pesquisador utiliza, como exemplo, o cenário brasileiro, onde, para ele, há uma clara reação dos principais veículos de comunicação frente a esses processos de mudança social e dos debates acerca das manifestações antirracistas que têm reivindicado transformações a nível internacional. Rodrigues (2020) tece as suas críticas especialmente aos grandes números de colunas que criticam os excessos da cultura do cancelamento, quando os mesmos jornais, de acordo com a pesquisa publicada em 2019 pelo Manchetômetro¹³⁸, possuem 96% dos colunistas brancos, dos quais 68% são homens. A mesma pesquisa relevou que *O Estadão* tem apenas 2% de colunistas negros, *a Folha de S. Paulo* tem 4% e *O Globo* tem 10%. Há uma

¹³⁸ CANDIDO, Marcia; VIEIRA, Lidiane; FERES JR., João. Infográfico: Negros nos jornais brasileiros. Manchetômetro, 20 nov. 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/3Yuf3Dr>>. Acesso em 01 de dez. 2022.

crítica nesse sentido para a desconexão entre um discurso vago que defende a pluralidade e a diversidade dos pontos de vista nos espaços sociais com a realidade, que é marcada pela falta de medidas institucionais que viabilizem o direito à ampliação de vozes que se encontram em posições de desigualdade na sociedade.

Evitar o cerceamento do debate, a reificação de posições identitárias autoritárias e prescritivas passa pelo que Cornel West, influenciado por Ralph Ellison, chama de cooperação antagonística, um posicionamento político que considera as diferenças como parte integral da luta por reconhecimento e as articula com lutas redistributivas, contra a injustiça e a desigualdade socioeconômica, sem, entretanto, desconsiderar o caráter eminentemente conflitivo e contingente dessa articulação. Por fim, é importante que não percamos de vista o foco na luta para mitigar os efeitos deletérios da verdadeira cultura de cancelamento: o apagamento histórico das vozes marginalizadas, altas taxas de feminicídio, assassinatos de LGBTQI+, violência policial contra negros, encarceramento em massa, seletividade do sistema de justiça criminal, disparidades de acesso à saúde, educação e trabalho. (RODRIGUES, 2020, s.p.).

A pesquisa desenvolvida pela Mutato (2020), mencionada anteriormente a respeito do cancelamento, trouxe dados e discussões importantes para pensarmos nessas práticas. Como por exemplo, 46% das pessoas canceladas analisadas no estudo, são homens brancos e heterossexuais.¹³⁹ De acordo com a agência, os três maiores motivos que podem gerar um cancelamento estão relacionados a divergências políticas, homofobia e mau caráter. Observa-se, aqui, que o racismo não figura entre as principais motivações de cancelamento para os brasileiros.

O recorte racial e a diferença de tratamento frente a essas práticas com pessoas brancas e negras é explorado em uma pequena parte do estudo, que utiliza, como exemplo, a edição de 2020 do Big Brother Brasil:

¹³⁹ Todavia, acreditamos que há algumas fragilidades na apresentação desses dados, especialmente no que tange a uma abordagem interseccional das informações a seguir: 28% dos cancelados são mulheres, brancas e negras, heterossexuais; 12% homens, negros e brancos, gays; 6% mulheres brancas, lésbicas e bissexuais. Essas pessoas não podem ser classificadas dentro de uma mesma categoria, visto que ocupam posições sociais diferentes. Assim como Libardi (2019), compreendemos a perspectiva da interseccionalidade como fruto dos “marcadores sociais” e da ideia de “articulação”. De acordo com Akotirene (2019), o pensamento interseccional também nos leva a reconhecer a possibilidade de sermos oprimidos e de colaborarmos com certos tipos de violências, por conta da generalização frente às especificidades dos marcadores sociais. Para Akotirene (2019), “[...] nem toda mulher é branca, nem todo negro é homem, nem todas as mulheres são adultos heterossexuais, nem todo adulto heterossexual tem locomoção política, visto as geografias do colonialismo limitarem as capacidades humanas” (AKOTIRENE, 2019, p. 45).

Neste novo BBB20, conseguimos ver muito bem como a militância se comporta perante uma pessoa branca, uma pessoa negra e uma pessoa não branca. Existe uma diferença gritante de quando uma mulher branca e uma mulher negra falam sobre causas sociais, a mulher branca é aplaudida e abraçada, enquanto as mulheres negras são taxadas como chatas e mimizentas. Essa opressão parte da própria bolha da militância e não da oposição. (MUTATO, 2020, p. 24).

As breves discussões apresentadas pela Mutato acerca dos recortes raciais (2020) servem para amparar algumas questões pertinentes à nossa pesquisa: e quando o “cancelado” não se enquadra em uma pessoa que está no topo da pirâmide (como denominado por Munanga), mas, pelo contrário, é uma mulher negra, como a *rapper* Karol Conká? Como podemos elaborar uma discussão acerca das práticas de cancelamento?

Ainda que essa seja uma questão complexa e difícil de dar conta teoricamente, Daniela Gomes (2021), em entrevista para a BBC, aponta a dificuldade que pessoas negras têm em ser tratadas como indivíduos, ou seja, como pessoas que podem cometer acertos e erros. Consequentemente, quando uma figura pública comete algum erro, quem erra é a população negra como um todo. Ela explica que isso remete ao tempo de escravidão e a entrada da população negra na modernidade, que é marcada pela negação de direitos e individualidades. Utilizando especificamente o exemplo da Karol Conká, a autora aponta que, se a *rapper* comete algum erro, as pessoas apontam uma hipocrisia em alguém que não necessariamente é uma ativista.

Outra questão discutida por Gomes (2021) é que os participantes do programa não necessariamente representam um movimento, uma militância, ou o movimento negro, elas estão representando a si mesmos. Karol Conká e Projota, por exemplo, não são ativistas, eles são artistas. Ainda que se espere que, pelo tipo de arte que eles façam, o rap e hip hop, eles sejam coerentes com esses movimentos culturais e políticos, eles ainda são artistas. A pesquisadora também comenta a respeito do peso do cancelamento no Big Brother Brasil 2021 para os participantes negros:

Eu não vi ninguém do meu círculo de militantes dizer que eles estavam corretos. O que a gente tem pontuado é qual é a proporção que isso vai tomar, principalmente quando eles saírem da casa. Porque para nós, negros, não existe segunda chance. Principalmente

mulheres negras, e principalmente mulheres negras, como Karol e Lumena, que tem pele escura. Uma vez que você erra, ele não tem oportunidade novamente. A preocupação não é nem o ato da pessoa que merece, claro, cobrança e responsabilização. A questão é a que ponto isso vai interferir completamente no resto da vida dessa pessoa. Ela é uma moça de 30 e poucos anos, ela pode sair desse programa, assistir as coisas que fez e dizer “o que foi isso?”, procurar ajuda, se desculpar. Mas a gente tem essa oportunidade? A cobrança não vai ser a mesma. (DANIELA GOMES, 2021, s.p.).

A pesquisadora enfatiza que a cobrança em relação a pessoas negras em comparação com pessoas brancas não é a mesma, e cita, como exemplos, os participantes brancos do *reality show* que saíram e estão presos por crimes de pedofilia. Outros foram acusados de estupro, agressão, assédio, racismo e homofobia, mas não tiveram esse nível de rejeição, inclusive, eles são aclamados pelos espectadores.

5 OS FÃS DE KAROL CONKÁ E AS PRÁTICAS DE CANCELAMENTO

Conforme mencionado no capítulo de Estratégia Metodológica, foram entrevistados 11 fãs da *rapper* Karol Conká: quatro deles possuem perfis dedicados à Karol Conká no Twitter, 4 foram encontrados mediante *tweets* que continham mensagens de admiração para a artista e 3 foram indicados por outros fãs. A seguir, iremos descrever os dados coletados para interpretá-los a partir da perspectiva da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Introduziremos as discussões do presente capítulo apresentando os entrevistados e as suas experiências enquanto fãs da artista. Logo em seguida, será apresentado um quadro com uma síntese dessas informações.

Ariel, o primeiro entrevistado, tem 20 anos, mora em São Paulo e trabalha com conteúdo na internet e influência digital. A sua relação com a Karol Conká começou em 2017 por meio do *hit Tombei*, mas, apesar disso, ele considera que, naquele momento, era apenas um admirador do trabalho da artista. Ele passou a se considerar fã após o Big Brother Brasil, motivado pela representatividade que a *rapper* traz consigo e pela superação do cancelamento. Também é fã de outras artistas, motivado pela “autenticidade” delas, todas internacionais: a espanhola Rosalía e as estadunidenses Melanie Martinez e Lana Del Rey.

O meu *boom* com a Karol Conká foi quando ela entrou no Big Brother. Porque quando eu vi que ela tinha entrado, eu falei, gente, não, eu preciso torcer por ela, ela é muito maravilhosa. Então, o que me fez me tornar fã da Karol Conká não foi nem tanto na indústria musical em si, mas foi quando ela saiu do Big Brother. Porque eu me senti próximo, de certa forma, vendo ela fazer tudo aquilo, passar por tudo aquilo e depois dando a volta por cima. Então, eu senti que eu podia ver um ser humano ali. Ser humano que foi julgado, que evoluiu e que hoje em dia tem uma carreira bem bonita aqui fora. [...] Eu acho que ela representa muito bem. Até nas letras das músicas dela, eu sou uma pessoa branca, mas eu admiro muito a determinação que ela tem de trazer representatividade, de ela trazer esse empoderamento feminino e também esse empoderamento como intérprete periférica. [...] Até pela sua personalidade, né? Ela, convenhamos, é um ser humano fantástico. Eu encontrei ela, em questão de dois minutos, eu já estava sorrindo feito bobo, porque ela é muito espontânea, muito carismática. (ARIEL).

Lucas tem 19 anos e reside em Caruaru, Pernambuco. Está desempregado e também começou a ser fã da artista após a participação dela no *reality show*,

motivado principalmente pelas suas canções. É fã de outras artistas, todas nacionais e majoritariamente negras: Ludmilla, Tasha e Trace, Majur e Urias.

Então, eu gosto muito de música, eu conheci a Karol através do BBB e, no BBB, assistindo ela, eu fui ouvir a música dela e, enfim, [...] as músicas me tiraram de uma situação triste e foi aí que eu comecei a me enxergar de fato. [...] A Karol, apesar de ter o título de a mulher mais odiada do país [...], a gente que é fã mesmo, que acompanha ela, sabe que ela é uma pessoa incrível, uma pessoa legal, e sabe a grande artista que ela é, o que ela traz na sua música, ela nos ajuda, principalmente em Dilúvio, que foi uma música que me tocou, e acho que a música fez com que eu tivesse a oportunidade de conhecer a artista que ela é. [...] E eu acho que ela conquistou muitos fãs com isso, [...] então, a música dela é, de fato, o que me encanta por ela. (LUCAS).

A terceira entrevistada, Tatiana, é atriz e comediante e tem 35 anos. Natural de Campina Grande, na Paraíba, atualmente reside no Rio de Janeiro. Assim como os dois primeiros, Tatiana passou a ser fã da Karol Conká depois do Big Brother Brasil, motivada principalmente por um senso de justiça, contra todo o cancelamento sofrido pela *rapper*. Ela é fã de novelas mexicanas e os seus ídolos consequentemente são mexicanos: Thalía, Gaby Spanic e a banda Rebelde.

Olha, na verdade, eu tinha ouvido falar da Karol Conká antes do Big Brother, mas eu não sabia, não conhecia a obra dela. Quando o Brasil começou a odiar a Karol Conká, eu decidi pegar ela pra criar. [...] Eu acho que a gente tem tanta coisa pra se preocupar. Tinha tanta coisa acontecendo no Brasil para as pessoas se revoltarem. E o Brasil decidiu ter por inimigo comum uma mulher preta, que, se você parar pra ver, não fez nenhuma atrocidade. [...] Mas nada que nós não tenhamos feito já na vida, só que a gente não tá sendo filmado. E aí eu comecei a ter simpatia por ela. E eu comecei a procurar saber quem era ela. E aí depois que ela saiu, saiu um documentário sobre ela, eu assisti. E aí realmente eu peguei ela pra criar na vida. Eu voltei pro Rio logo em seguida, conheci ela aqui no Rio. E achei ela uma pessoa maravilhosa, muito leve, muito diferente dos vídeos que eu tinha visto. E, comigo, ela foi um amor de pessoa, (TATIANA).

Bernardo tem 22 anos, é estudante e reside na região metropolitana de São Paulo. Ele é fã de Conká desde os 16 anos, a conheceu pelo *hit Tombei* e passou a acompanhá-la desde então. É fã de outros artistas nacionais e internacionais, majoritariamente pop: as drags queens brasileiras Pablllo Vittar e Glória Groove, a estadunidense Ariana Grande e a barbadiana Rihanna.

Então, foi meio assim, a Karol fez sucesso, tipo, assim, explodiu com o hit Tombei, né? que foi em 2015. E eu fui conhecer ela a partir desse momento, né, embora muita gente tenha conhecido ela a nível nacional por conta do Big Brother, eu já acompanhava ela desde 2015, que eu tinha 16 anos [...]. E aí, quando eu vi a música, quando eu vi o clipe, eu fiquei, assim, muito intrigado pra saber quem que era aquela artista, entendeu? E aí, eu fui atrás pra pesquisar, e descobri que ela já trabalhava com isso fazia muito tempo, ela já tinha lançado um EP, já tinha lançado um álbum, e eu curti muito o som, eu curtia muito a mensagem que ela passava, e desde então, eu tô acompanhando ela. (BERNARDO).

Joana, a quinta entrevistada, reside em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, tem 26 anos e atua como *freelancer* e DJ. É fã de Karol desde 2013, motivada principalmente pelas músicas da artista e pela sua inspiração no rap enquanto mulher negra. Joana conta que também se conectou com Karol em seu processo de transição capilar e que a *rapper* foi uma grande inspiração para ela como DJ. Ela se considera fã de outras artistas, todas mulheres negras: as estadunidenses Beyoncé e Lauryn Hill.

Foi em 2013, eu tinha uns 16 anos. E a MTV ainda existia ali na televisão aberta, eu estava passando na frente da televisão e [...] eles apresentavam artistas, e daí já existia o “Batuk Freak”, que é um dos álbuns da Karol Conká, e daí eu vi ela careca com uma banda, num estúdio, e cantando, e eu achei muito massa. [...] Eu acho que escutar a Karol Conká foi minha inserção no rap nacional. [...] Já terminando o ensino médio, eu escutava bastante Karol Conká, [...] e, logo depois disso, eu entrei para a faculdade, eu estava passando por uma transição capilar, eu alisei meu cabelo durante muitos anos, então eu acho que também teve muito com aquele meu reencontro comigo de verdade. [...] Não falo minha descoberta como mulher negra, porque eu sempre soube, mas o meu encontro [...] com a minha aceitação de ter um cabelo crespo, de ter uma pele preta [...]. A minha entrada na faculdade foi bastante importante, porque era um lugar supernovo, onde ninguém me conhecia, e eu falei, ok, ninguém me conhece aqui, então eu posso entrar com o cabelo raspado [...]. Eu me inspirava muito nela, me lembro que eu sempre sofri bullying e racismo na escola, como outras várias crianças negras, e quando eu comecei a ter essa afirmação como uma mulher preta, [...] era bem na época que a gente estava começando a conversar sobre cabelo crespo, sobre *black power*, quando as marcas começaram a olhar para mulheres negras, marcas de produtos estéticos. [...] Eu fiz um ensaio fotográfico com uma amiga minha que estava fazendo um curso de fotografia e era toda uma vibe meio o álbum “Batuk Freak” da Karol Conká e daí foi superimportante para mim. E, logo depois, veio a função de ser DJ. [...] E eu vim muito com isso no início da minha jornada como DJ, são seis anos tocando, eu vim muito com

essa ideia de trazer mulheres pretas para dentro das noites de Porto Alegre (JOANA).

A fã também contou como foi importante para ela ter conhecido a artista pessoalmente, em particular porque a equipe da *rapper* a ajudou em um período de dificuldades financeiras:

[...] A Karol Conká veio para Porto Alegre, foi o primeiro show que ela fez [...] e eu sabia tipo todas as músicas dela, eu sabia tudo que eu podia, [...] e daí eu estava bem na frente do palco e ela me chamou para subir para cantar com ela, e eu fiquei muito feliz [...]. Enfim, toda vez que a Karol Conká vinha para Porto Alegre, eu estava presente nos shows e subia no palco, teve um momento que ela veio e eu estava desempregada, e daí eu estava assim, “ai, não vou poder ir”, daí a produção dela já me conhecia, “não, tu vai ir, o teu ingresso está disponível na entrada”. Então também ter esse reconhecimento da parte da sua ídola é importante . (JOANA).

Paulo é estudante, tem 18 anos e reside em Juiz de Fora, Minas Gerais. O primeiro contato que teve com a Karol foi quando a artista participou da abertura das Olimpíadas no Rio de Janeiro, em 2016. Mas considera que se tornou fã dela mesmo a partir do Big Brother Brasil, quando passou a se sentir interessado em consumir as suas músicas. Ele consome e gosta bastante de outros artistas, mas se considera fã apenas de Conká, e diz que ela é a sua primeira “diva pop”.

Acho que o grande início foi de fato depois que ela entrou no Big Brother. Mas já conheço a Karol de muito tempo. Acho que o primeiro contato com ela foi em 2016. Teve a Olimpíadas no Rio, que ela foi show de abertura. [...] Ela estava lá com a MC Soffia. [...] Depois do Big Brother, eu comecei a acompanhar a vida dela, como o Brasil inteiro. [...] E, claro, a gente declara torcida, a gente escreve coisas no Twitter, reposta, assim. E a gente começa a acompanhar e ver o decorrer da trajetória dela dentro do programa. E assim, meio discordando de algumas coisas que aconteciam lá dentro, também como uma reação do público de fora. Acho, como podemos dizer, foi esse acolhimento, depois do pós dela no programa, e pensei...não, vou virar fã. Virar fã acho que foi uma coisa muito natural. Sabe? Começar a consumir o trabalho dela. (PAULO).

Tarcísio, o sétimo entrevistado, tem 26 anos e, assim como Joana, é residente de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ele é professor de filosofia e inglês. Começou a ser fã da artista em 2017, por meio da música *Lalá*. Tarcísio se considera fã de outros artistas nacionais e internacionais: as brasileiras Duda Beat, Liniker, Letrux e

Pablo Vittar, as estadunidenses Beyoncé, Lady Gaga, Madonna e Lana Del Rey, e a barbadiana Rihanna.

Eu não lembro direito o ano que eu comecei a prestar mais atenção, acho que foi no ano que ela lançou “Lala”, que aí me chamou bastante atenção, porque era um clipe bastante visual e, geralmente, eu tenho o hábito de que, quando eu vejo um clipe ou uma música, ouço uma música que eu gosto bastante, eu vou atrás daquele artista para ver se outras músicas e outros clipes me cativam também. E com ela aconteceu isso, eu comecei a assistir os outros clipes, e comecei a ir atrás do álbum dela, ouvir as outras músicas, e todas elas tinham temas semelhantes e uma criatividade semelhante também. E foi isso que acabou me cativando mais. E aí, conforme ela foi lançando álbuns novos, eu fui prestando atenção também. (TARCÍSIO).

Vitor reside nos Estados Unidos desde os 16 anos, mas é natural de Goiânia. É engenheiro e tem 28 anos de idade. Ele conta que seu primeiro contato com a *rapper* foi por intermédio do jogo de futebol FIFA 13, com a música *Boa Noite* que compõe a trilha. Vitor conta que parou de acompanhar a *rapper* por um tempo e se tornou fã após a participação dela no BBB. É fã de outros artistas, nacionais e internacionais: a canadense Avril Lavigne, o porto riquenho Bad Bunny e os brasileiros Djavan e Caetano Veloso.

Até engraçado, porque eu descobri a Karol Conká jogando FIFA. Eu acho que FIFA 13, [...] “Boa Noite” dela era trilha do game. Eu naquela época nem pensava em representatividade, nem nada assim, mas aí eu jogando o jogo eu falei tem música brasileira aqui, um rap com batidas brasileiras, eu acho que pra mim foi tudo assim. Aí eu comecei a pesquisar e aí eu descobri o Batuk Freak, que é o álbum dela e me apaixonei. Eu acho que na época ela era até careca, não sei o que. Aí eu falei assim, eu gosto dessa mulher, eu gosto da música dela e aí eu fiquei só nesse álbum mesmo, por muito tempo, porque eu não sou aquele fã que sabe todas as letras de todas as músicas, de todas as turnês. Eu gosto dela pelo que ela representa, a música dela. E aí “Tombei” saiu e tudo mais. E aí ela entrou no BBB, né? [...] Aí eu fui assistir e deu no que deu. [...] eu amo aquela mulher. (VITOR).

Catia e Talita, a nona e a décima entrevistadas, têm 32 e 30 anos, respectivamente. São moradoras do Rio de Janeiro e residem juntas. Catia trabalha como Social Media e Talita como vendedora em uma loja de shopping. A primeira é fã de Karol Conká desde 2011 e a sua relação como fã se intensificou a tal ponto,

que se tornou amiga da *rapper*. Catia declara que não é fã de nenhum outro artista porque “[...] ser fã consome muita energia e dá muito trabalho”.

Eu sou fã dela desde 2011, mas conheci ela em 2013. [...] Sou dos anos 90 e tal, aí geralmente a galera já foi fã de Sandy e Júnior, Xuxa. Eu não tinha isso, nunca fui fã de ninguém nem de nada, até, engraçadamente, ser fã da Cláudia Leitte. Que tipo, é uma cantora de axé, completa que pra mim é extremamente branca e tudo mais. E aí, em 2011, eu ouvi o som da Karol Conká e falei, caramba, o que ela canta identifica muito com a minha realidade. [...] E aí, eu só consegui ir no show dela em 2013. [...] Eu sofri muito com a Cláudia Leitte, não por causa da Cláudia Leitte, mas porque a concorrência de fãs é absurda, né? Ela é uma cantora extremamente grande, então os shows dela são chatos e lotados pra caramba. E aí, eu comecei a me interessar pela Karol, procurar as músicas dela e tudo mais. [...] Eu me identifiquei [como mulher negra] muito tempo depois, porque a gente acha que é morena e tudo mais, essa identificação racial. E de cantora da minha época, não tinha ninguém. Tinha as meninas do Rouge, mas era um grupo, né? E não cantando rap, uma coisa que realmente me tocasse. E não falavam da vivência. E aí, eu fiquei muito curiosa e fui atrás da Karol e tal. Me identifiquei muito. E aí, até que eu fui no primeiro show dela, cara. Você ir no primeiro show de uma artista e você conseguir falar com ela, ter um acesso, porque a Karol é muito acessível. E aí, eu fui criando esse vínculo com ela, sabe? Desde o primeiro show até agora. [...] E foi superimportante, porque a minha personalidade de hoje é extremamente por causa dessa descoberta. (CATIA).

Talita se tornou fã de Conká mediante o seu relacionamento com Catia, foi a partir daí que ela teve contato com as músicas da *rapper* e passou a acompanhá-la. Ela enfatiza a sua admiração como fã apenas pela barbadiana Rihanna.

Então, a minha história é [...] mais engraçada. [...] Eu nunca fui fã de ninguém musicalmente aqui no Brasil. [...] Apesar dela não fazer mais música, mas eu sou fã da Rihanna. Então, é um oposto completamente. [...] É inacessível. Ponto. Então, eu tinha toda essa vivência de que, tipo, não vai rolar. Não tem como eu não saber, desde nova, não me identificar como negra. Eu sempre tive essa ciência. Apesar de, numa época, não aceitar. Porque era difícil, enfim, ser uma menina negra e tal. [...] Então, tinham meninas que eu me identificava com essas pessoas ali. Mas, midiaticamente, também não tinha ninguém na infância, né? Conforme você vai crescendo e tal, você vai se identificando com outras pessoas. A Karol é uma artista que eu sempre escutei. Eu sempre soube que ela estava ali. Sempre me identifiquei, até porque na época que ela surgiu, com a geração de tombamento e tudo mais, ela foi superimportante. Hoje em dia, eu tenho o cabelo do jeito que eu tenho, eu não passo mais nada, por conta dela. [...] E a minha história com a Karol é hilária, porque eu nunca a acompanhei. Já fui

em show, já ouvia a música, sabia que tinha e ponto. Mas comecei a namorar a Catia. E aí, num belo dia, a gente marcou de viajar. Fomos para São Paulo. Em São Paulo, fomos para o show da Karol, né? [...] A Karol super bem receptiva, me recebeu muito bem. [...] E aí, desde então, a gente virou meio que as três mosqueteiras, né? É, tipo, a gente é muito parceiro uma da outra, assim. A gente conversa meio que sobre tudo. E tipo, essa proximidade com ela me aproximou da arte dela mais ainda. E me fez admirar ela muito mais. (TALITA).

Fabiano, o último entrevistado, tem 19 anos e é residente da cidade de Exu, no Pernambuco. A sua admiração pela *rapper* teve início em 2015: “[...] quando eu a vi no programa do Faustão. Pelas músicas dela e pela vibração que ela tinha e ainda tem, eu comecei a me aproximar dela”. Fabiano também é fã das americanas Lana Del Rey e Taylor Swift e do *rapper* brasileiro Baco Exu do Blues.

Apresentaremos, no quadro a seguir, as principais informações a respeito dos fãs entrevistados:

Quadro 5 — Síntese das principais informações sobre os fãs entrevistados

Nome:	Idade:	Estado de residência:	Outros artistas que é fã:	Era fã antes do BBB:	Teve contato pessoalmente com Karol Conká:
Ariel	20	SP	Melanie Martinez e Lana Del Rey	Não	Sim
Lucas	19	PE	Ludmilla, Tasha e Trace, Majur e Urias	Não	Não
Tatiana	35	RJ	Thalía, Gaby Spanic e a banda Rebelde	Não	Sim
Bernardo	22	SP	Pablo Vittar, Glória Groove, Ariana Grande e Rihanna	Sim	Sim
Joana	26	RS	Beyoncé e Lauryn Hill	Sim	Sim
Paulo	18	MG	Não é fã de outros artistas	Sim	Não
Tarcisio	26	RS	Duda Beat, Liniker, Letrux, Pablo Vittar, Beyoncé, Lady Gaga, Madonna, Lana Del Rey e Rihanna	Sim	Sim
Vitor	28	Reside nos	Avril Lavigne, Bad	Não	Não

		EUA	Bunny, Djavan e Caetano Veloso		
Catia	32	RJ	Não é fã de outros artistas	Sim	Sim
Talita	30	RJ	Rihanna	Sim	Sim
Fabiano	19	PE	Lana Del Rey, Taylor Swift e Baco Exu do Blues	Sim	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os entrevistados possuem idade entre 18-35 anos, seis residem na região sudeste, dois na região nordeste, dois na região sul e um nos Estados Unidos. Apenas dois deles declararam não ser fãs de outros artistas. Rihanna e Lana Del Rey foram as cantoras mais citadas e, logo atrás, Pablo Vittar. A maioria dos artistas trazidos são mulheres, negros e LGBTQIA+ e apenas um deles é um homem cis-hetero e branco. Quatro entrevistados se tornaram fãs da Karol Conká após a participação dela no Big Brother Brasil: além da visibilidade trazida aos seus lançamentos com o programa, o que fez com que eles conhecessem mais o trabalho dela, eles também apontam que ela serviu de inspiração pela sua humanidade, ao se mostrar uma pessoa que comete erros e acertos. Os outros sete acompanhavam o trabalho da *rapper* antes da entrada dela na casa mais vigiada do país. Sete deles também tiveram a oportunidade de conhecer a artista pessoalmente em algum momento das suas vidas e enfatizaram o quanto a proximidade fã/artista é um aspecto importante no vínculo emocional compartilhado com Karol Conká.

5.1 As expectativas em torno da participação

Bernardo, Paulo, Vitor e Fabiano, criaram expectativas positivas em relação à participação da *rapper*. Para Bernardo, o anúncio foi uma surpresa, visto que ele enxerga Karol como uma pessoa reservada em relação a sua vida pessoal.

Quem conhecia a Karol sabe que, assim, ela é uma artista, mas ela enquanto pessoa, ela é muito reservada, entende? Ela não é tipo, de aparecer, por exemplo, nos stories, mostrando, oi gente, bom dia, tô fazendo tal coisa. [...] Ela foi ainda a primeira anunciada no dia, eu lembro. Todo mundo ficou em choque, assim, ninguém esperava, foi uma grande surpresa. Eu achei que ela ia arrasar. Acho que todo

mundo pensava... Porque quem conhecia ela de antes, ou acompanhava ela de antes, sabia que ela era, assim, muito boa, [...] sabia que ela era muito divertida, muito engraçada, muito carismática. Então achei que ela tinha tudo pra ir longe. (BERNARDO).

Para Fabiano, as expectativas eram altas, principalmente por Conká ser uma “mulher empoderada”. Ele acreditava que com a visibilidade dada pelo programa ela poderia alcançar mais pessoas com as suas músicas: “Eu estava com expectativa altíssima, porque a Karol era uma mulher... é, ainda é, uma mulher empoderada. E para mim, no BBB, ela conseguiria subir mais a carreira dela” (FABIANO).

Vítor tinha parado de acompanhar o Big Brother Brasil e começou a acompanhar novamente ao saber da participação de Conká. Ele esperava que a *rapper* seria uma pessoa divertida e que traria pautas importantes de discussão no programa.

Eu achei que ela seria uma pessoa que ia trazer pautas importantes pela música dela, eu achei que ela ia ser... nas festas, ela ia fazer tudo, eu achei que ela ia ser um personagem bom de acompanhar, um personagem importante que ela foi, nisso eu não posso reclamar. É isso que eu esperava mais ou menos dela, era mais a representatividade ali de pautas importantes, boas risadas, porque era o jeito dela, as músicas dela [...]. (VÍTOR).

Paulo relatou que, no início, teve uma reação neutra quando soube da participação da *rapper*, justamente por ainda não ser fã. O cancelamento também não foi cogitado como uma hipótese, visto que nunca tinha ouvido falar nada negativo sobre Karol até então. Todavia, o entrevistado esperava que ela iria “tombar” justamente por ela ser uma “mulher empoderada”:

[...] Eu nunca vi uma coisa, por exemplo, pejorativa da Karol, antes mesmo de ser fã, de acompanhar diretamente o trabalho dela, mas a personalidade, nunca tinha visto aquela coisa. [...] Então, foi sempre, assim, a mina empoderada. [...] Nunca pensei no cancelamento, mas eu falei, “ela vai causar”, [...] ela vai tombar. (PAULO).

As expectativas em torno do que Karol representava, “aquela que tomba”, também foram observadas em Ariel, Tarcisio, Lucas, Tatiana e Bernardo. Entretanto, para esses, apesar da felicidade em saber que a ídola participaria do Big Brother Brasil 2021, o cancelamento era uma possibilidade.

Ariel relatou que quando soube que Karol ia participar da vigésima primeira edição do Big Brother Brasil, imaginou que a *rapper* utilizaria muitas roupas “fashionistas” e que, apesar de ter certeza da possibilidade do cancelamento, apostou que ela seria a grande protagonista da edição.

[...] Eu tinha certeza que ela ia ser cancelada, [...] por coisas que já saíram da internet, eu falei, não, a Karol vai ser cancelada, porque ela fala demais. E eu falei, “mas eu vou torcer por ela”. [...]. Mas assim que eu descobri que ela ia participar do Big Brother Brasil, eu surtei, eu falei, gente, ela vai ser a protagonista, ela vai carregar aquilo nas costas, porque ela tem personalidade, ela vai divulgar as músicas dela. (ARIEL).

Tarcísio relatou que a primeira reação que teve foi positiva, mas que, logo em seguida, ficou receoso com o cancelamento e com possíveis impactos negativos na carreira artística de Karol:

[...] a minha primeira reação foi comemorar. Eu falei, “bah, que legal!”. Mas, logo depois, eu disse, putz, provavelmente vai dar algum problema. [...] Vão dar um jeito de falar mal dela, [...] eu já meio que esperava que alguma coisa que ela fosse fazer fosse deixar ela na mira. E aí, isso transformar a artista que ela é e tudo mais. (TARCISIO).

Lucas expôs que ansiava que Karol tivesse um papel de destaque no programa, justamente por ser conhecida como uma “mulher empoderada” e “tombadeira”. Ele mencionou a polêmica com outros artistas que antecederam a entrada da *rapper* no confinamento, assim como Joana e Tatiana.

[...] Eu acho que eu não esperava que ela ia tombar tanto, mas a expectativa era que ela ia causar, então acho que não surpreendeu tanto, tanto é que antes dela entrar, alguns artistas já tinham falado mal dela, com a convivência dela, então acho que ela já entrou com a expectativa que ia surpreender o público. (LUCAS).

[...] Eu me lembro que quando estavam falando, dando furos, tipo, que ela ia, eu falei, não, ela não vai, ela não tem paciência, ela não vai ir [...]. Eu já estava torcendo, mas ao mesmo tempo eu já estava, tipo, vendo que tinha algumas pessoas falando “Ah, agora vocês vão ver como é a Karol Conká de verdade”. Porque também tinha esse lado já, que não era do Big Brother, mas de antes, das pessoas dizendo que era difícil trabalhar com a Karol Conká. Eu escutava outra artista nacional, que é a Flora Matos, e a Flora Matos falava, jogava algumas coisinhas, mas eu sei que a Flora Matos briga com

Deus e com o mundo, então eu ficava “pode ser e pode não ser”. (JOANA).

Então, eu já tinha ouvido falar uma fofoca sobre ela, que ela não era uma pessoa muito legal. Ao mesmo tempo que todo mundo, quando soube que ela ia entrar, todo mundo ficou muito feliz, muito animado, achando que ela ia ser favorita, campeã. [...] Eu não achei que ela daria o problema que ela deu, mas eu imaginei que as pessoas iam ver algo que não era o esperado naquela época. (TATIANA).

Joana, assim como Vitor, apontou a sua ânsia pela representatividade que Karol traria enquanto mulher negra, apesar de compreender que a artista não é uma ativista.

[...] O Big Brother estava recém com aquela coisa de vamos botar mais de um participante negro dentro da casa. Isso foi bem importante. [...] Eu acho que foi a primeira edição que teve um número expressivo de participantes negros. [...] A Karol Conká também não era uma pessoa que discutia isso [a questão racial] para além de música e estética. Ela se afirmava muito com as roupas que ela usava, ela se afirmava muito ali nas letras, mas eu via que não existia um aprofundamento nisso. E, beleza, porque essas mulheres estão fazendo suas atividades dentro do que elas propõem, né? Ela é cantora, ela não está ali para dar palestra. [...] Então, acho que existe uma carência que a gente acha que todas as pessoas pretas que ganham a mídia vão sair na frente com a bandeira levantada e defendendo todas as coisas que a gente acredita dentro do movimento negro e, não, porque o movimento negro também é diverso. (JOANA).

Catia contou que ficou surpresa com o anúncio, visto que, com a relação de amizade que criou com Karol, sabia que ela não era uma artista de expor a sua vida pessoal com frequência. A fã relatou que considera a *rapper* uma pessoa tranquila no dia-a-dia, mas que, apesar disso, ficou receosa por conta das inúmeras variáveis que uma pessoa precisa enfrentar em um confinamento televisionado como o Big Brother Brasil.

A gente foi pra São Paulo, eu tinha mandado mensagem pra ela, depois disso... E ela falou “eu vou pra Salvador, vou ficar um final de semana e volto”. Falei, “tranquilo, Karol”. Aí, segunda-feira, eu mandei mensagem e a mensagem nem chegou. [...] Aí, começou os rumores de Big Brother. Aí, o antigo gestor dela me mandou mensagem [pedindo para conversar]. Aí, na terça-feira, antes de sair a lista, vazou. [...] Eu falei, putz. Porque, assim, pra ser muito sincera, a Karol é uma pessoa suave de lidar. Mas, dentro do Big Brother, eu sabia que ia dar caô, mas eu também não sabia que ia ser nesse nível, né? [...] Eu falei, caraca, mano, a Karol não precisa disso. Aí,

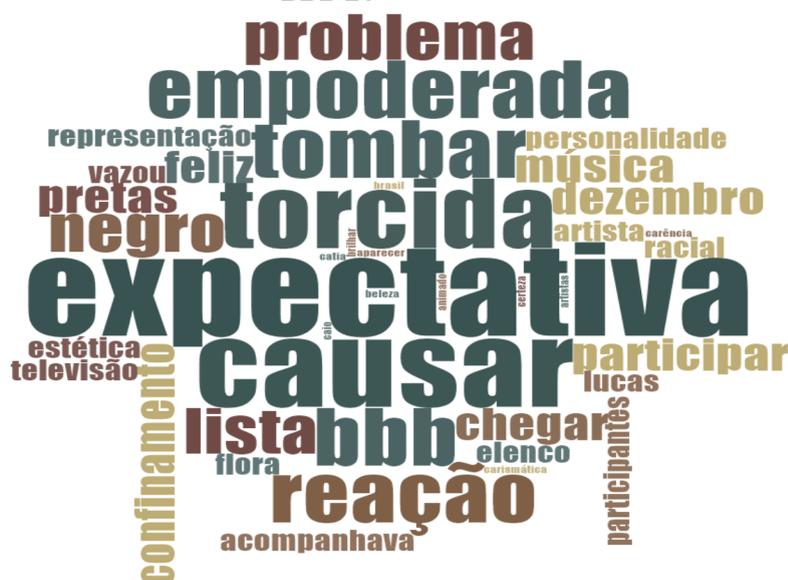
todo mundo falou assim, “ah, mas todo mundo vai gostar dela, ela é muito carismática, ela é muito isso”. Eu falei, ah, tá, beleza. Ela é muito tudo isso, mas demais na televisão, o pessoal ou ia achar ela forçada, ou ia dar treta. [...] E eu falei, tá, mas vamos aí, vamos ver o elenco [...]. (CATIA).

Talita também expôs que ficou surpresa, mas. Ao contrário de Catia, ela conta que inicialmente pensou que Karol iria surpreender a todos positivamente.

[...] Quando eu li a primeira vez, eu falei. Ah, duvido que ela vai fazer isso. Não é possível. Eu falei pra ela. Vem cá, você tá no BBB? Aí ela: “Eu?” Sonsa. Sonsa, Sonsa, Sonsa, Sonsa. Estranhamente sonsa, virou pra mim e falou assim: “Eu? Não. Eu pedi pra minha produção me colocar pra cantar”. [...] Acreditei. E aí eu lembro que quando o dia que ia anunciar vazou a lista de nomes, né? Só que, ainda assim, era uma lista incógnita. [...] E a gente ficou tipo perplexa um pouco. Mas assim, a gente pensou “ah, ela vai tirar de letra”. Mas ao mesmo tempo a gente ficou assim, ah, sei lá, né? Tudo pode acontecer. Porque um: ela é preta; dois: existem vários aspectos que, tipo, na vida da mulher, não só do ser humano, mas da mulher, tem TPM, tem N coisas que podem interferir num confinamento com 50 mil pessoas diferentes, né? Eram mais de 20 pessoas uma diferente da outra. [...] A gente não conhece as pessoas com outras 20 pessoas diferentes com uma luz que não apaga de jeito nenhum, com um ar-condicionado que fica ligado no menos dois, que você fica com frio, que você fica com aquela coisa toda, várias adversidades pra realmente te perturbar e te deixar maluca. (TALITA).

Com base nas entrevistas, podemos observar que os fãs, de forma geral, criaram expectativas positivas em relação à participação de Conká no *reality* assim que tiveram visibilidade da participação. Emoções como alegria e surpresa se demonstraram unânimes. Era esperada uma participação que carregasse uma espécie de “protagonismo” no programa, embasada na fama de “tombadeira” da artista. Inclusive, palavras como “tombar”, “empoderada” e “causar” foram os termos mais falados pelos fãs, conforme podemos observar na figura a seguir.

Figura 24 — Nuvem de palavras “Expectativas em torno da participação de Karol Conká no BBB 21”



Fonte: Autor (por meio do Software Nvivo).

Ao falarmos de emoções, Lucas, Tatiana e Joana citaram as polêmicas que antecederam a participação da artista no *reality* (explicadas no capítulo 1) e ressaltaram que, apesar das suas experiências positivas enquanto fãs, sentiram insegurança em relação à forma como ela poderia ser julgada pelo público. Alguns dos entrevistados, como Tarcisio e Talita, sentiram-se ainda mais inseguros com o anúncio em um segundo momento, devido ao fato de Karol ser negra. Esse último ponto pode ser observado na figura mostrada acima, a partir dos termos “pretas”, “negro” e “racial”.

É interessante trazer para discussão as falas de Vitor e Joana. Vitor pensava que a artista traria “pautas importantes” relacionadas à diversidade. Enquanto Joana reconheceu que criou expectativas referente à representatividade trazida por Karol como mulher negra, justamente pelo que essa representatividade significou para ela no processo de reconhecimento da sua negritude. Apesar disso, ela compreende, como apontado por Gomes (2021), a pluralidade do movimento negro, assim como compreende que Karol não é uma ativista, mas, sim, uma artista que estava representando a si mesma.

Ao analisarmos o material coletado sob a perspectiva das emoções de Potkey (*apud* FREIRE FILHO, 2017), é possível observarmos o quanto elas estão relacionadas ao próprio contexto midiático, pessoal e social que a artista estava

inserida naquele recorte temporal que tange o anúncio da sua participação no Big Brother Brasil 2021: a) a alegria, pela possibilidade de “torcer” pelo ídolo, que poderia vir a ganhar mais visibilidade na carreira através do *reality show*; b) a surpresa, por compreenderem que Karol é uma artista “mais reservada” na sua vida pessoal, muitos fãs ficaram surpresos com a exposição de tudo que ela lutava para “preservar” até então; c) a insegurança, gerada pelas polêmicas que antecederam a sua participação no *reality* e pelo fato da *rapper* ser uma mulher negra e estar inserida em uma realidade racista, como apontado por Munanga (2009), Gordon (2008) e Silva (2014).

5.2 Práticas de recepção dos fãs no BBB 21

Bernardo, Joana, Catia, Talita e Fabiano eram os fãs que acompanhavam a artista no *reality* pelo máximo de tempo que podiam por meio de todas as mídias possíveis. Os entrevistados contaram que, devido ao contexto de pandemia do covid-19, acompanhavam o *pay-per-view* quase que “24 horas por dia” e assistiam todas as edições ao vivo. Diferente dos demais, que viam o *pay-per-view* por meio do Globoplay, Joana acompanhava através de TV por assinatura. Os entrevistados também eram usuários ativos nas mídias sociais.

Eu acompanhava praticamente o dia inteiro pelo Globoplay e via o ao vivo todos os dias. Porque eu estava em casa também, né? Eu estava até estudando EAD, mas eu estava em casa o dia inteiro, não tinha o que fazer. Sim, eu até era ativo nas redes sociais. Inclusive, estava defendendo a Karol, perdi muitos seguidores por defender ela. Eu inclusive lembro que teve um movimento que as pessoas chegavam nas pessoas que seguiam a Karol e mandavam um direct, falando que eu ainda estava seguindo a Karol: “Por que você ainda não deu unfollow na Karol?”. (BERNARDO).

[...] Eu tinha o *pay-per-view*, não era nem pela Globoplay, era de TV a cabo mesmo, então eu acompanhava, tipo, acho que às vezes o dia todo[...]. Como era na época da pandemia, eu acabei ficando muito ligada e acompanhando bastante. O *pay-per-view* era quase que direto. E, sim, assistia todos os programas ao vivo. [...] A edição da Karol Conká foi a segunda edição que a gente ainda estava em pandemia. Então, aparecia alguma coisa, eu estava comentando no Twitter. Ou eu estava vendo o programa ali à noite, ao vivo, com as edições da tarde. Ou eu via alguma coisa no *pay-pe-view* à tarde e comentava no Twitter. Então, era uma coisa que eu estava sempre com mais de uma tela ali falando sobre o mesmo assunto. (JOANA).

Geralmente, no Globoplay, era de manhã. No Instagram, pela tarde, eu só olhava as informações e, à noite, eu via o geral e como tinha sido a casa durante o dia e assistia ao vivo. Eu via os VTs, eu via os Reels, os Stories e também as publicações no Instagram. (FABIANO).

Entretanto, Catia e Talita relatam que, depois de duas semanas, começaram a se sentir ansiosas com as situações vivenciadas pela *rapper* e pararam de assistir o programa completamente, evitando até acessar as mídias sociais por conta de ataques que sofreram por serem do fã clube de Karol. Em seguida, elas passaram a acompanhar a participação da *rapper* apenas por meio do Twitter.

Então, a gente ficou com a parte de puxar mutirão, os fãs, ser parte do elo da equipe, né? Porque eles não sabiam quem é quem, tal. [...] Antes a gente acompanhava pelo pay-per-view. Só que, cara, a partir do momento, só que chegou uma hora que começou a me fazer muito mal. Eu comecei a ficar toda roxa, com placa roxa de estresse e tudo mais, aí teve a parte também que eu tive que desativar o Instagram, porque eu estava sofrendo várias ameaças também por ser próxima dela e tudo mais, e aí a gente ficou um pouco off assim, sabe? [...] Mas nas primeiras semanas a gente assistiu bastante. (CATIA).

Eu estava em casa, não estava trabalhando, então, eu assistia direto. Eu acordava, assistia. Antes de dormir, eu assistia, até pra gente estar inteirado pra saber o que ia acontecer nas redes durante o dia e tudo mais. [...] Começou a ficar bem pesado mesmo, era doloroso de assistir, a galera estava perdendo muita a mão e eu sabia que a gente via que ela falava “A” e que iam distorcer na internet, eu preferia nem assistir, teve coisa que a gente ficou sabendo no twitter porque a Karol Conká fez isso e isso, a gente ia procurar as coisas, as informações, e era completamente diferente. Eu ficava “mano, sério que estão fazendo isso?” Foi surreal. (TALITA).

Assim como Catia e Talita, Tarcisio parou de acompanhar o programa depois de duas semanas. Ele comentou que assinou o Globoplay exclusivamente para acompanhar a *rapper* no *reality show* e assistia o pay-per-view antes de dormir, exclusivamente à noite. Duas semanas depois, o entrevistado cancelou a sua assinatura.

Assinei o Globoplay pra assistir a Karol Conká no Big Brother. E aí, eu assisti por duas semanas. E depois eu desisti e não vi mais. Não [assistia o programa ao vivo]. [...] Depois começou a deslanchar todo o cancelamento em torno dela. E eu não concordava com aquele

cancelamento. Então, eu só parei de ver, porque eu tava me estressando. Mas, ainda assim, eu via os memes, né? Eu sempre assistia antes de dormir. (TARCISIO),

Paulo assistia aos programas no dia seguinte e acompanhava o *pay-per-view* por meio do Globoplay. Apenas no dia da eliminação da *rapper* ele conseguiu assistir o programa ao vivo na TV Globo (pois não tinha sinal de televisão aberta na sua residência na época). Assim como os entrevistados anteriores, a pandemia também fez com que ele ficasse com mais tempo livre para consumir os conteúdos do BBB, então, ele acabava consumindo de tarde e à noite. O Twitter era a principal mídia social que ele usava para acompanhar as discussões.

[...] Eu acompanhava mais o Big Brother mesmo na internet, ou seja, a edição da Globo mesmo eu não assistia. Mas, eu acompanhava no Twitter, nas redes sociais, até mesmo na Globoplay, assim, os takes ao vivo, [...] o episódio completo que eu assisti na televisão foi a eliminação da Karol, porque a minha mãe tinha comprado um TV Box, e chegou no dia lá, da internet, chegou aí eu assisti. (PAULO).

Ariel e Lucas assistiam o programa ao vivo às vezes. Ariel relatou que durante a madrugada costumava assistir o *pay-per-view* em sites piratas, ao mesmo tempo em que acompanhava os acontecimentos e resumos do dia através de recortes do Twitter.

Então, eu via no Twitter e eu também via em site pirata. Então, normalmente eu via o *pay-per-view* nos sites piratas, paralelos, e assistia um pouco. Eu via o resumo de cada dia. Normalmente de madrugada, porque eu não ligo a TV aberta há muitos anos. Via só em formação de paredão. [...] E eu acompanhava pelo Twitter. Tem alguns sites de fofoca que postam tudo, então, eu acompanhava as trends e via o que estava acontecendo (ARIEL).

Lucas comentou que, a tarde e à noite, ele costumava acompanhar a Karol no *pay-per-view* por meio do Globoplay, e, a todo tempo, observava os comentários nas mídias sociais: “[...] acompanhava também pelas redes sociais, porque eu publicava os vídeos, mas nunca recorte tirado fora de contexto, então eu queria ver a cena toda” (LUCAS). Assim como Lucas, Vitor acompanhava o *pay-per-view* por meio do Globoplay: durante o horário de almoço e à noite. Mas, diferente de Lucas, ele não assistia o programa ao vivo e reconheceu que, na época, era bastante influenciado pelo que consumia nas mídias sociais, especialmente no Instagram e Twitter.

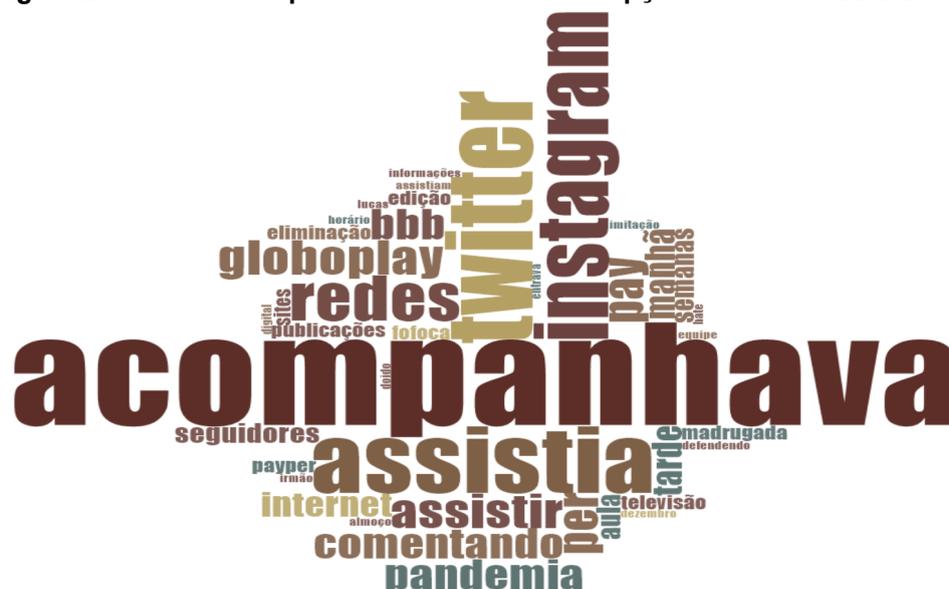
Twitter, Instagram, e eu também via pelo *pay-per-view*, então, eu via de todos os cantos. [...] Eu era bem influenciado por Twitter, por Instagram e tudo mais, apesar de ter o *pay-per-view*... Eu via o Globoplay durante o dia, tipo durante o meu horário de almoço, também à noite. À noite eu ficava bastante assim, tanto que eu lembro que eu acompanhava as festas a noite toda. (VITOR).

Tatiana foi a única entrevistada que não acompanhou o programa ao vivo e nem o *pay-per-view* no Globoplay, pois ela sentia tristeza perante os acontecimentos. Entretanto, ela conta que durante a noite costumava acompanhar os principais acontecimentos através das redes sociais, principalmente por meio do Twitter.

Mesmo que eu não quisesse consumir, eu acabava vendo o que ela fazia. [...] Mas o que eu vi era só de rede social mesmo, eu não parei pra assistir. [...] Era mais à noite, [...] bombava de coisa no Twitter, e aí era vídeo que o povo postava das “atrocidades”, entre aspas, que ela fazia, e todo mundo comentava, ia pra trending topics, Karol expulsa, enfim, pegaram pra Cristo a Mamacita, tadinha. Era nesse horário, depois do programa. (TATIANA).

Todos os fãs entrevistados relataram que acompanhavam os conteúdos dos programas pelas mídias sociais, principalmente por meio do Twitter, o termo inclusive, é um dos que possui maior volume de menções, conforme veremos na figura 25. O Globoplay também conquistou um papel de enorme destaque, potencializado principalmente pela pandemia do covid-19: os entrevistados relataram que tinham mais tempo livre para acompanhar o Big Brother Brasil 21 por estarem de quarentena em casa. Ariel, Joana e Tatiana foram os únicos entrevistados que não assinaram o serviço em nenhum momento, enquanto o primeiro acompanhava através de sites piratas, a segunda foi exceção em consumir o *pay-per-view* através de TV por assinatura, enquanto Tatiana não assistiu o programa. Todavia, a grande maioria dos fãs (Ariel, Lucas, Bernardo, Joana, Catia, Talita e Fabiano) também relataram que assistiam as edições ao vivo na TV.

Figura 25 — Nuvem de palavras “Práticas de recepção dos fãs no BBB 21”



Fonte: Autor (por meio do Software Nvivo).

Conforme observado, o *streaming* Globoplay, o Instagram e o Twitter desempenharam um papel importante nas práticas de recepção transmidiática dos fãs durante o BBB 21. A complexidade desse tipo de recepção envolve consequentes interações dos sujeitos com diferentes mídias consumindo o mesmo produto (LOPES, 2011). Além disso, como apontado pela pesquisadora, no ambiente transmidiático, as pessoas tendem a se envolver progressivamente mais com os conteúdos, como é o caso dos entrevistados, que acompanham o programa em diversos momentos do dia. Termos como “dia”, “tarde”, “madrugada” também ganharam certo destaque conforme mostrado na imagem anterior, assim como “internet”, “redes” e comentando.

Como resultado desse envolvimento, as emoções dos fãs (FREIRE FILHO, 2017) também estavam conectadas ao contexto narrativo da jornada da participante (que exploraremos no capítulo a seguir), amparados principalmente pela ansiedade e tristeza. As emoções interferiram nas práticas de recepção do programa, visto que três dos entrevistados relataram que pararam de acompanhar o BBB 21 totalmente depois das duas primeiras semanas, inclusive, no caso de Tarcisio, que cancelou a assinatura do Globoplay. Influenciadores como Karol Conká são capazes não apenas de interferir nas decisões de consumo material de seus públicos, como também impactar processos de sociabilidade (KARHAWI, 2021).

As mídias sociais aqui surgem como algo “impossível de não acompanhar”, visto que, mesmo que estivessem dispostos a não assistir mais o programa, os fãs continuavam sendo informados sobre a trajetória da artista no confinamento através do Twitter. Como apontado por Lopes (2011), quanto mais interconexão há entre os meios, mais conteúdos que crescentemente interessam aos fãs passam a segui-los em todas as mídias.

5.3 A percepção dos fãs quanto a participação da *rapper* no *reality show*

Excêntrica, memorável, histórica, problemática, icônica, catastrófica, desafiadora, um exemplo, um erro, uma tragédia e com dois lados: essas foram as definições dos fãs para a participação da *rapper* na vigésima primeira edição do Big Brother Brasil. Neste subcapítulo, iremos descrever as posturas adotadas pelos fãs nos ambientes transmidiáticos durante a participação da artista no programa, a fim de cumprir o segundo objetivo específico desta pesquisa.

Para Ariel, a participação de Karol pode ser definida como excêntrica, porque gerava uma mistura de emoções, pelas palavras dele “amor, ódio, e curiosidade para entender de onde vinha aquele comportamento”. O entrevistado expôs que, durante a participação da artista, chegou um momento em que foi difícil defendê-la para as pessoas do seu círculo social, mas que ele tentava bastante, pois observou o quanto os julgamentos eram potencializados pelo fato dela ser negra.

[...] Chegou uma hora que eu disse, tá, eu não posso mais questionar isso, e ela precisa ser eliminada até pelo próprio bem dela. Porque aquilo estava numa proporção muito grande [...]. Só que eu, ainda assim, defendia ela, porque as pessoas usaram o comportamento da Karol como um gatilho para o fim dela como uma pessoa negra. Então, eu vi a única questão do racismo estrutural nisso e até nas ofensas que ela sofria. Então, enquanto fulano tinha atitudes bem semelhantes às dela, e não era julgado, eu via que a Karol era muito julgada por isso. (ARIEL).

Ariel considera dois momentos como os mais marcantes da jornada da *rapper* no BBB: o primeiro protagonizado com Lucas Penteado, na cozinha, quando ela pede para que ele se retire do ambiente; e o segundo, pelo fato de ela, raramente, ter se mostrado triste ou frágil no programa.

Eu posso dividir de forma negativa e de forma positiva. De forma negativa, quando ela tá na pia e ela diz pro Lucas que ele vai lavar louça e que ele deveria sair da mesa quando ela come. [...] Aquilo, eu acho que me fez ir dormir com a consciência pesada por gostar dela como artista. Me fez pensar bastante. Tipo, é dessa pessoa que eu tiro inspiração pra ser uma pessoa autêntica e gerar meu conteúdo nas redes sociais? [...] O ponto positivo na Karol é que ela criava uma realidade. Não é tão positivo isso, mas ela criava uma realidade na cabeça dela e ela seguia aquilo e eu nunca via a Karol triste. Então, eu sinto que ela tinha um positivismo por conta do seu egocentrismo e isso deixava as coisas melhores. Ela era autêntica. (ARIEL).

Lucas descreveu a participação de Karol como um exemplo de uma artista que é admirada, mas que as pessoas não sabiam como era a convivência no dia-a-dia. Ele conta que essa foi uma reflexão importante enquanto fã e que ele passou a humanizar mais as celebridades que acompanha a partir desse momento.

[...] Antes, eu gostava de vários artistas e achava que eram perfeitos, mas agora eu sei que no dia a dia é outra coisa, é outra pessoa. E aprendi a... Respeitar essas coisas, porque ninguém é perfeito. Às vezes esperamos que o artista seja perfeito, mas não é. Então, acho que ela é um exemplo. A participação dela é um exemplo para tantos outros artistas também, antes de entrar no BBB, porque agora sabem que entrar no BBB tem a possibilidade de mostrar uma parte que não mostraria, que não desejava e o público atacar, igual atacaram a Karol. (LUCAS).

Para Lucas, os momentos mais marcantes da participação são três: quando ela se tornou líder, o retorno da prova bate-e-volta e o dia da eliminação. O segundo entrevistado também relatou que, durante a participação da artista no programa, ele usou táticas para evitar a rejeição, compartilhando momentos engraçados da celebridade no programa e, conseqüentemente, recebendo algumas críticas por manter o seu fã clube dedicado a ela. Por outro lado, muitos outros fãs também o elogiaram pela atitude, que Lucas conta que foi uma forma de acolhimento com a sua ídola. Apesar disso, ele demonstrou incômodo com algumas atitudes dela no confinamento.

[...] Tiveram umas pessoas que também cometeram coisas piores, o público fecha os olhos, e para a Karol as pessoas querem atacar. Justamente acho que mesmo algumas pessoas criticando de ter um fã clube para ela, porque no auge do cancelamento, ela sendo odiada e eu tendo um fã clube para ela, eu me perguntava por que não? Por que eu não posso acolher a Karol? Se tem outros

participantes que cometeram erros e não tiveram essa porcentagem de rejeição. Então foi isso. Sabia que ela estava errando, mas não vi a necessidade de atacá-la. [...] Mas por incrível que pareça, nas redes sociais eu ainda encontrei 3, 4 fãs, então as pessoas iam no meu fã clube, no instagram, e falavam que eu estava fazendo a coisa certa de mostrar o lado legal da Karol. (LUCAS).

Tatiana define a participação da Karol como um erro. Para ela, Conká era considerada uma artista renomada e não precisava se expor daquela forma. Sendo assim, para ela, conseqüentemente, Conká colhe frutos das suas atitudes no programa até os dias atuais. A fã também aponta que Karol teve muita coragem, pois precisou de muita saúde mental para se recuperar, algo que Tatiana admite que possivelmente não seria capaz de ter em um momento como esse.

Enquanto artista ela não precisava, enquanto pessoa muito menos. Porque não foi algo que foi positivo pra ela. Porque, até hoje, ela colhe frutos ruins daquilo. Claro que ela já deu a volta por cima muito bem. Eu não conseguiria. Eu não teria essa força que ela teve, a persistência que ela teve. A saúde mental que ela teve pra lidar com tudo que ela lidou. Que ela teve que lidar com a ameaça contra ela, contra a família dela, contra o filho dela. Ela não podia andar na rua. Ela teve que voltar e começar a viajar de carro. Porque ela não podia pegar voo. [...] Eu acho que foi um erro, que ela não precisava. Que a arte dela já falava por si. (TATIANA).

O momento que mais a marcou na jornada da *rapper* foi a desistência do participante Lucas Penteado, pois as pessoas culpavam a Karol pelo acontecimento, sendo que ela prestou apoio para ele naquele dia ao contrário dos demais participantes. Entretanto, para ela, os momentos divertidos protagonizados por Conká devem ser lembrados mais que os polêmicos.

Tatiana relata que chegou a brigar e discutir com algumas pessoas nas mídias sociais para defender a *rapper*, pois não concordava com a rejeição que ela vinha sofrendo. A entrevistada também apontou o recorte racial ao qual Karol pertence como potencializador das atitudes erradas dela no programa: “[...] eu achava que se ela fosse uma pessoa branca, não aconteceria o que aconteceu”.

Eu fiquei muito indignada, eu comecei a pegar a briga com as pessoas na internet pra defender ela, porque era além, entendeu? Tipo, eu achava que tinha um limite. E eu achava que se ela fosse uma pessoa branca, não aconteceria o que aconteceu. Porque é fato que ela passou do limite. [...] Não interessa o motivo, você já foi, sei lá, preconceituoso de alguma forma com alguém. Você já, sei lá, foi

xenofóbico com alguém. Às vezes, nem propositalmente. [...] A diferença é aquilo que eu te falei. A gente não está sendo filmado 24 horas. (TATIANA).

Bernardo considera a participação memorável. Para ele, ela entrou para a história do programa, seja em relação ao recorde de rejeição, ou quanto às suas desavenças e protagonismo no jogo. O entrevistado cita dois momentos como os mais marcantes: quando ela venceu a prova bate-e-volta e quando ela se tornou líder. As suas expectativas eram que ela continuasse mais tempo no jogo, pois, ao mesmo tempo em que temia a reação da *rapper* ao descobrir a rejeição que vinha sofrendo no programa, ele também tinha esperanças que a situação amenizasse dentro do confinamento.

Eu acho que o primeiro foi quando ela ganhou a prova do Bate e Volta, né, do número 17. Ela se salvou do paredão. A gente sabe que ela ia sair se ela fosse pra aquele paredão. Então, pra mim, foi um alívio. Porque como eu te falei, eu queria que ela ficasse lá dentro o máximo de tempo possível. Porque eu não queria que ela saísse, visto tudo que tava acontecendo. [...] E o segundo foi quando ela ganhou a prova do Líder, né, com a palavra Otimismo, né, que foi com aquela prova da Coca-Cola. (BERNARDO).

O quarto entrevistado também contou que costumava comentar sobre Karol nas redes sociais e que a defendia ativamente dos ataques que ela vinha sofrendo.

[...] A gente sabe que a Karol teve erros dentro do programa. Ela reconhece isso, ela fala abertamente sobre isso. Mas eu acho que pela proporção que tomou, como eu te falei, foi uma coisa muito desproporcional, entendeu? Então, quando eu vi que estava passando do nível de Big Brother, do nível de competitividade, eu parti para defender ela, entendeu? [...] Até o Thiago Leifert, eu lembro que no discurso de eliminação dela, ele falou “ah, e aí dentro vocês falam que vocês estão sendo vocês mesmos, mas não é exatamente isso, porque vocês estão num contexto muito específico”. Aqui fora você não tem que votar, você não tem que fazer prova de líder, jogo da discórdia, todo esse tipo de coisa, entendeu? (BERNARDO).

Joana é quem define a jornada da *rapper* no BBB como uma tragédia. Para ela, a artista poderia ter se tornado uma pessoa melhor sem precisar se expor em rede nacional dessa maneira. Ela também caracteriza a participação como irresponsável:

E eu acho que foi irresponsável com a família dela, eu acho que foi irresponsável com a carreira dela, foi irresponsável com os fãs dela, porque, se ela tinha todos esses problemas, não sei se por ego ela não viu, ela podia ter tratado e não estar lá naquele momento. Teria evitado estar lá naquele momento e acho que todo mundo... ela era uma artista conhecida no meio do hip hop, no meio ali da música nacional, só que pra fora eu acho que ela buscava esse reconhecimento. [...] Ser mais reconhecida, ser reconhecida nacionalmente, e acabou que deu errada a estratégia. (JOANA).

O momento mais marcante da trajetória da artista para Joana foi a briga com Lucas Penteado protagonizada na cozinha do confinamento. Como mulher negra, Joana disse que se sentiu incomodada com o tratamento dado a Lucas Penteado por Karol naquele momento.

A parte da comida... que o Lucas vai sentar pra comer e ela fala que ele não vai sentar ali, chama ele de “seu bosta”, o negócio eu acho que aquilo foi muito desumano pra mim, aquilo foi tipo... [...] O cara que ela não tinha obrigação de proteger, que ela não tinha obrigação de ver como filho, ela não tinha nenhuma responsabilidade emocional com ele, mas que eu acho que ela deveria entender o quanto do que ela falava podia machucar ele como um cara jovem negro ali sabe. Tu via que ele não estava bem emocionalmente, então, aquela parte ali que ele não ia comer na mesa com ela, aquela parte foi muito, muito pesada pra mim e foi acho... que foi a parte que eu fiquei muito magoada e decepcionada (JOANA).

Ela também apontou que se sentiu decepcionada com a desinformação de Karol quanto algumas pautas sociais, principalmente as LGBTQIA+ e que defendia a *rapper* de comentários maldosos feitos por pessoas brancas.

Quando ela fala que drag queen e trans... e pessoas trans são a mesma coisa. Eu fiquei tipo, mulher, tu tá nesse meio LGBTQIA+, também, sabe? Então, essas coisas me irritavam um pouco. [...] A minha família, às vezes, me mandava algumas coisas, sabe? Porque ficavam zoando na minha cara. [...] Só que, tipo, eu fiquei muito chateada. Eu falava que ela estava abusando nas redes sociais. Eu achava desnecessário. Eu queria que ela fosse expulsa do programa [...] pela saúde de todo mundo, que ela estava infernizando, mas também por ela e pela família dela. Ela tem um filho já, que acompanhava as redes sociais. Tinha a mãe dela. Então isso estava me preocupando bastante. Tinha a carreira dela, né? Que, porra, Karol Conká abriu porta pra muita gente. [...] Eu não deixei de seguir ela nas redes sociais. Até porque eu sabia que aquilo era muito errado. Eu não passei pano em nenhum momento. Eu torci pra ela

sair o quanto antes. Eu votei pra Karol Conká sair. [...] Mas, eu não deixei de escutar ela. [...] Quando eu via pessoas negras tweetando sobre a Karol Conká, eu ficava ah, beleza, é isso mesmo, ela está sendo sem noção, tá? Perdeu a mão. Quando uma pessoa branca falava sobre isso eu ficava, o que você está se metendo? Não é contigo. Você não tem que falar sobre isso. Isso é um assunto para pessoas negras tratarem. (JOANA).

Paulo considera a participação de Karol histórica porque acredita que ela marcou o programa, para ele o fato de estarmos falando sobre a participação dela dois anos depois dos acontecimentos materializam a importância que ela teve, apesar de todas as polêmicas. O momento mais marcante da jornada da *rapper* no BBB para ele foi a vitória dela na prova bate e volta:

[...] Ela ganhando a prova, que ela se salvou lá do paredão, [...] fui muito feliz naquele dia, a internet foi à loucura, quase caiu, [...] eu não queria que ela saísse na segunda semana, mesmo hoje em dia, pensando que se ela tivesse saído na segunda semana, as coisas seriam bem menos piores. (PAULO).

Ele comentou também que reconheceu os erros da sua ídola publicamente com outros colegas, amigos e familiares, mas que, apesar disso, não permitia os ataques e a defesa nas mídias sociais:

[...] a minha reação nunca foi, tipo, vai, vou tacar *hate* na Karol. Porque, sabe, eu sei da pessoa que ela é, representa, e eu não acho, nunca achei muito justo [...]. Com familiares, assim, teve várias vezes, por exemplo, a gente falava bastante dos brothers. Eu fui na casa da amiga, a gente comentava, e teve dia que [...] o Lucas pediu pra sair, foi num sábado, aí no domingo eu tava na casa da amiga da minha mãe, e a gente comentou sobre isso, sobre a desistência dele, pela internet, pelo Twitter, pelo Instagram, Instagram bem menos, porque eu não me envolvo no Instagram, mas, Twitter... eu defendia ela. (PAULO).

Tarcisio considera a participação da artista problemática pelas questões que envolveram o cancelamento e o racismo em torno dele:

Então era muito fácil pegar, por exemplo, o que tava acontecendo com a Karol Conká, pegar ela e considerar ela um monstro e chamar ela de coisas supernegativas. E aí, já embarca aí uma questão bastante racista também. De é fácil botar ela na mira eu acho que quando a gente tá tratando do cancelamento, tem muito essa questão do bom e do mal. E eu acho que o caso da Karol Conká não

é um caso de bom e mal. Porque ela errou, de fato. Só que, ao mesmo tempo, tem toda uma circunstância e um contexto que levou ela a fazer o que ela fez. (TARCISIO).

O momento mais marcante da jornada da artista no BBB para ele é a cena de Karol comendo alface de forma dramática no almoço (essa imagem se tornou um *meme*), Tarcisio comentou que prefere se recordar dos momentos divertidos da participação da *rapper*. O fã relatou que defendia a *rapper* em discussões do Twitter, principalmente, quando tentavam desqualificá-la enquanto artista:

Eu me manifestava. Então eu respondia, eu falava sobre o Big Brother nas redes sociais, principalmente no Twitter. [...] E aí, quando eu via algum comentário negativo, ou algum comentário péssimo mesmo, ou algum comentário maldoso, assim, eu respondia e eu encontrava brigas no Twitter. Eu brigava com as pessoas. Tipo, comentários do tipo, dizendo que a Karol Conká não merecia ser artista, não merecia ser chamada de cantora, que ela era uma péssima pessoa, [...] eu achava que era super ofensivo e eu acho que não precisava chegar naquele nível pra conversar sobre o que tava acontecendo no Big Brother. Então eu me manifestava, não gostava das piadas. Não sei se surtia algum efeito, porque as pessoas brigavam comigo de volta, né? (TARCISIO).

Vitor define a participação de Karol como icônica, pela trajetória dela no programa que é lembrada até nas atuais edições:

Tudo que tinha que dar errado, deu errado. Ela... Naquele bate-volta ali com a Juliette e o Bill, [...] a liderança dela também. Então, foi muito icônico a história dela. Tanto que ela saiu com a rejeição... que é anormal, ela não merecia aquilo tudo. Ela parou o Brasil [...]. Quando se fala de BBB, se lembra de Karol Conká. Por bem ou por mal. Mas lembram dela. (VITOR).

Ele recordou que no início do programa concordava com as falas e atitudes de Karol, mas que em determinado momento começou a se sentir incomodado. Vitor disse que deixou de acompanhá-la nas redes sociais, assumindo uma postura neutra. Ele também relatou que ficou bastante magoado em alguns momentos, mas que ao contrário de outros fãs, não votou para que ela saísse. Hoje ele se sente mais “maduro”.

Muitas coisas são do jogo mesmo, coisas que trazem, pessoas que você nunca ia conviver assim na vida, você tem que conviver de 24

horas e até depois, sim, eu comecei a analisar mais o que aconteceu, mas durante o BBB 21 mesmo, eu fiquei bem magoado com algumas atitudes dela. (VITOR).

Para ele, os momentos mais marcantes da trajetória da *rapper* foram três: a prova bate e volta que a salvou do paredão, a discussão com Camilla de Lucas e o seu breve relacionamento com Bill.

Ah, pra mim, foi aquele bate-volta. Que ela falou que era os ovnis e não sei o quê. Pra mim, aquilo ali foi tudo. Eu morrendo de raiva, mas ali foi, pra mim, foi muito marcante. [...] Também eu gostei da discussão dela com a Camila de Lucas. Eu lembro bastante. Quando ela falou assim, não vem com esse papo de afinidade, não sei o quê. A Camila de Lucas. E eu acho que a relação dela com o Bill foi algo muito negativo. Porque vi ali que ela tava se doendo mesmo, ela tava fazendo coisas assim... que ela provavelmente não faria aqui fora. (VITOR).

Catia define a jornada de Karol no BBB como ambígua. Isso porque, apesar de todo cancelamento que sofreu, a artista se tornou conhecida por todos os brasileiros e alcançou ainda mais pessoas com a sua música. Ela aponta que Karol não teria sido tão criticada pelo público se fosse branca e que também é necessário considerar que a *rapper* estava vivendo em condições no confinamento que não são iguais a vida real.

Cara, eu acho que tudo existe dois lados. [...] Teve essa parte do programa ser muito pesada, o pós que eu acho que foi triste, eu acho que ela não merecia ter ficado daquele jeito, sabe? [...] É porque na real, o que acontece, ela teve certa o tempo inteiro só que ela pesou no jeito de cobrar, entendeu? A questão é essa, sim, e aquilo, mano, aí entra a questão racial, né? Se fosse uma mulher branca, o peso seria completamente diferente. Ela seria idolatrada, ela seria, oh meu Deus, maravilhosa se ela fosse uma mulher feminista iriam esquecer. [...] Então é isso, aí só que o pós, ela depois dela ter se cuidado, eu acho superpositivo, porque hoje em dia ela é maior do que ela era antes, as músicas dela chegam a pessoas que não chegavam. Tanto que se eu falar a Karol Conká, todo mundo sabe, todo mundo desde da criancinha até o mais idoso. (CATIA).

A nona entrevistada contou que tinha uma rede de suporte com outros fãs onde podia comentar sobre as situações abertamente e desabafar. Catia relatou que chegou a perder amizades por defender Karol, inclusive, de pessoas que se diziam fãs, mas que entraram no efeito “manada” do cancelamento:

[...] Teve gente que eu simplesmente ignorei, não falo até hoje, nunca mais falei porque a gente deixou de ser amigo mesmo. Porque assim, você não concordar com o ato da pessoa beleza, você tem todo o direito ninguém é obrigado a concordar com nada, até porque eu não concordei, isso aqui é toda maneira de você lidar com a situação, xingar ela de vagabunda ou sei lá o que, coisas do tipo, falar que ela merecia realmente morrer e tudo mais. [...] Aí teve gente que perdeu a mão, gente que eu já levei no show pra conhecer, gente que foi de graça pra evento, que conheceu ela, que amava mas aí veio o efeito manada e mudou tudo e teve gente que eu discuti mesmo, fiz questão de discutir mesmo, lembrei do amiguinho que bate na namorada, lembrei do amiguinho que traia, então assim é, e aí você sabe, eu chamei logo pra realidade, eu falei você tá condenando a amiguinha no *reality show*, mas tá esquecendo do seu amiguinho que bate na namorada, você tá esquecendo da amiguinha que trai a namorada, você é amigo mas você quer condenar? (CATIA).

Por ser uma fã bastante próxima da *rapper*, Catia também chegou a receber muitas visualizações nos *stories* do Instagram de pessoas que estavam curiosas com a situação, além de ofensas por mensagens de perfis falsos. Isso aconteceu quando a equipe de Karol Conká limitou os comentários nas suas redes sociais, com a impossibilidade de ofender Karol diretamente nas suas mídias sociais, os internautas passaram a atacar pessoas que a *rapper* seguia:

Na época no Instagram, quando eles tiveram a brilhante ideia de não postar quase nada e limitar os comentários só pra quem a Karol seguia, a gente comentava. [...] E se a pessoa entrasse no meu perfil, ia ter fotos e tudo mais. [...] No dia que a Karol saiu, o meu Stories bateu 3 mil visualizações, de curioso. No máximo chegava a 200. Geral pensava que eu ia estar com ela no hotel, sabe? O pessoal fofoqueiro. A gente também acha que as pessoas que foram me xingar, eram exatamente essas pessoas que deixaram de ser amigas. Próximas, sabe? Porque eram muitos fakes propositais e as pessoas eram muito certas. (CATIA).

Tanto Catia quanto Talita disseram que o momento mais marcante de Karol Conká no BBB foi a vitória dela na prova bate e volta. Para Catia, o fato da *rapper* ter permanecido no programa fez com que a rejeição diminuísse, pois ela se desculpou com alguns participantes e começou a contar mais a sua história de vida pessoal, o que resultou em uma “humanização” da “vilã” pelo público:

Acho que tudo foi feito da forma certa, como tinha que ser, porque se ela tivesse saído ali, quando a gente achou que ela ia sair... já era, eu acho que ia ser pior, mais demorada, sim porque o pessoal, ela começou a contar umas histórias, o pessoal começou a entender algumas coisas, obviamente as pessoas começaram a humanizar ela porque, as pessoas não estavam nem humanizando, as pessoas estavam transformando ela num bicho, num troço. (CATIA).

Talita disse que aquele momento ajudou a equipe e os fãs a “renascerem”, voltar a ter esperanças de que dias melhores poderiam vir, ambas estavam juntas no momento em que acompanharam a vitória pelas redes sociais, pois já não estavam mais acompanhando o programa.

Pra mim, até hoje, foi a prova bate e volta. [...] A gente não estava assistindo mais, não assistia mais nada, quando a gente viu a Karol tá no paredão eu falei, “graças a Deus, vai sair muito bom, ela vai sair agora a gente resolve aqui fora”, vamos aguardar e é isso aí, beleza. [...] Foi muito bom, cara eu peguei meu celular, quando eu peguei meu celular a minha timeline inteira “vai se foder, que eu não sei o que” e eu só entrei e mandei kkkkkkkk não, foi melhor... foi o melhor dia, acho que foi um momento assim, querendo ou não acho que de glória, era uma coisa que deveria ser tão boba né, mas trouxe uma força. Aquilo trouxe a gente de volta pra vida, a equipe tudo, ali a gente renasceu. (TALITA).

A décima entrevistada definiu a participação da artista no *reality* como catastrófica e enfatizou que não conseguia pensar em como caracterizar a “catástrofe”: “[...] ela foi catastrófica, tanto pro positivo quanto pro negativo, ela foi uma coisa assim, surreal a participação mas enfim, a participação foi catastrófica, não tem como definir”.

Talita contou que, assim como Catia, também defendeu Karol de ataques nas redes sociais, mas que, depois de um tempo, cansou-se de responder as ofensas, “[...] deixei as pessoas falarem o que elas queriam porque elas queriam criar a narrativa delas, elas estavam nessa vontade”. Por fim, ela também contou que se aproximou de muitos fãs durante o Big Brother, justamente porque algumas pessoas passaram a ser fãs da artista depois do programa. Talita apontou como “chocante” indivíduos que se tornaram fãs da figura de vilã de Karol, e não da sua pessoa e arte.

[...] A gente se aproximou muito dos fãs. A gente tinha um chat no Telegram que a gente trocava ideia, muito próxima com as pessoas.

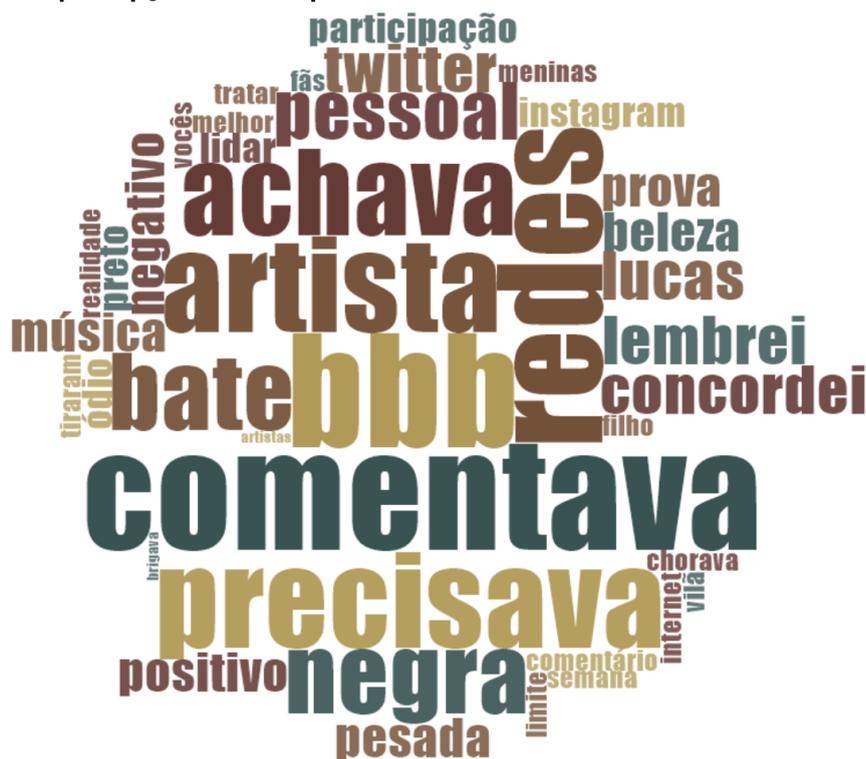
Eu trouxe histórias de 2013 até 2021, a gente conversava bastante, a gente fazia chamada de vídeo, a gente fazia chamada de voz, e a gente ficou lá, ó, trabalhando com os fãs. Porque, assim, a maioria ali não era fã da Karol de antes, muita gente surgiu com o BBB. [...] Tem muita gente ali que hoje em dia já nem se importa mais, mas virou fã da vilã, não era fã da Karol, não era fã da Karoline, não era fã da música da Karol, era fã da vilã, era fã daquela personalidade, daquilo que ela foi dentro do BBB. Isso pra mim é surreal, porque, tipo, [...] milhões de pessoas odiando aquilo e tinha muita gente que simplesmente amava, idolatrava. (TALITA).

Fabiano, o último entrevistado, disse que não defendeu Karol por não concordar com as suas atitudes, mas também não a atacou. Ele definiu a participação dela como desafiadora. Além disso, ele contou que o elemento mais marcante da trajetória dela no programa foi a saída, pois ela saiu “de cabeça erguida e bom humor”.

Ela enfrentou verdadeiramente um desafio a partir do momento que ela entrou no BBB. E ainda enfrentava o cancelamento quando saiu. Então, foi um desafio enorme pra ela. [...] Por isso que quando ela saiu, ela não baixou a cabeça, e foi meu momento mais marcante de tudo. Ela saiu cantando, ela saiu dançando. E pra mim isso ali era uma demonstração de que ela realmente tinha entendido o que tinha acontecido ali dentro e queria melhorar. (FABIANO).

Como observamos no subcapítulo anterior, cada entrevistado acompanhou o *reality* por meio de um formato diferente e, como apontado por Lopes (2011), diferentes compreensões podem ser adquiridas dependendo da mídia utilizada no processo de recepção. Esse fato, aliado às diferentes trajetórias pessoais dos indivíduos e suas relações emocionais com os acontecimentos, demonstram o que Campanella (2007) apontou como uma dificuldade de percepção do Big Brother Brasil como um texto fechado. Mesmo que houvesse elementos em comum, não tivemos definições atribuídas pelos fãs que fossem iguais.

Figura 26 — Nuvem “A percepção dos fãs quanto ao cancelamento de Karol no BBB 21”



Fonte: Autor (por meio do Software Nvivo).

De forma geral, os fãs assumiram uma postura defensiva durante o confinamento de Conká na casa, como podemos observar na figura acima por meio da alta incidência do termo “comentava”. Ainda que tivéssemos casos em que os entrevistados sinalizaram que não concordavam com as ações de Karol, apenas dois dos entrevistados (Vitor e Fabiano) declararam que se mantiveram neutros. Lucas, Catia e Talita inclusive relataram que desenvolveram táticas. Nesse sentido, o conceito explorado por De Certeau (1994) se mostra bastante efetivo para discutirmos esse cenário de ações de resistência dos fãs contra algo muito maior que se desenvolvia naquele momento, que eram as práticas de cancelamento. Com o objetivo de mitigar os danos, eles compartilharam conteúdos que demonstravam atitudes positivas da artista e criaram uma rede de apoio entre os fãs através de grupos em mídias sociais (principalmente no Twitter e no Instagram).

Sete dos entrevistados apontaram o teor racista das ofensas e ataques que Karol vinha sofrendo com as suas atitudes no *reality show*, o que despertava ainda mais a postura de defesa e cuidado com a artista, podemos observar na figura 26 com a alta incidência do termo “negra”. Tatiana chegou a citar que, na sua

percepção, Karol foi acusada como a culpada pela desistência do participante Lucas Penteadado, quando, na verdade, ela o apoiou naquele momento (conforme discutido no segundo capítulo da pesquisa). Conseguimos associar os apontamentos dos fãs com as análises da Mutato (2020) em relação às diferenças de tratamento que pessoas brancas e pessoas não brancas recebem da militância nas redes sociais. Como apontado pela agência, há uma diferença significativa de quando uma mulher branca e uma mulher negra falam sobre causas sociais, enquanto a mulher branca é ovacionada e considerada sensata, mulheres negras são taxadas como chatas e algumas vezes agressivas.

Lucas, Vitor, Tatiana e Catia, levantaram questões relacionadas às expectativas criadas em torno das celebridades e à desconstrução proporcionada pelo *reality show* dessa percepção romantizada. Ao mesmo tempo em que o Big Brother proporciona uma visão “real” do artista, os fãs também identificam que essa visão não é tão real como parece, visto que como apontado por Campanella (2010), a teledramaturgia nacional desempenha forte influência na construção da linguagem utilizada para apresentar e reforçar as tramas dos participantes dentro do *reality*. Especificamente Joana comentou que se sentiu decepcionada com a artista no decorrer do programa, pelo desentendimento que ela demonstrava ter em relação a pautas LGBTQIA+ (meio ao qual a *rapper* está inserida desde o início da sua carreira). Novamente, aqui, conseguimos observar, como apontado por Gomes (2021), as expectativas dos indivíduos com os artistas em relação à ativismo e pautas sociais.

Os momentos marcantes da *rapper* no programa, de forma geral, acionaram emoções de triunfo e adoração nos fãs. Entre os quatro momentos mais citados e que também aparecem com destaque na Figura 26 (por meio das palavras “Lucas”, e “Bate”), apenas um deles foi lembrado de forma negativa: a relação de Karol com Lucas Penteadado, conforme apontado por Ariel, Tatiana e Joana. Os outros três momentos mais comentados pelos entrevistados são interpretados como lembranças positivas que devem ser celebradas: a vitória de Karol na prova bate e volta (7 entrevistados), a liderança (2 entrevistados) e o dia da eliminação (2 entrevistados). Apesar deste último proporcionar uma primeira impressão de estar relacionado como uma “derrota”, os fãs contaram que admiraram a forma como Karol encarou a eliminação, com bom-humor e com reconhecimento dos erros.

5.4 O cancelamento

Mesmo que já tenhamos tido algumas revelações importantes no capítulo anterior a respeito da relação dos entrevistados com as práticas de cancelamento vivenciadas por Karol Conká, a seguir, iremos aprofundar o efeito dessas práticas no vínculo entre fãs e celebridades e as principais emoções vivenciadas por esses indivíduos, a fim de fornecer insumos para a resposta do nosso penúltimo objetivo de pesquisa, que almeja verificar se houve ou não o cancelamento por parte dos fãs.

Ariel se sentiu “menos fã”, mas, em nenhum momento, chegou a cancelar Karol de fato: “Mesmo que eu não gostasse das atitudes dela, eu pensei que já tinha muito ódio na internet. Então, eu não taquei *hate* na Karol”. Ele contou que já esperava pelo cancelamento e que era questão de tempo para que isso acontecesse. Entretanto, Ariel não esperava a porcentagem de 99,17% de rejeição:

Minha reação foi que eu já esperava, né? E eu falei, poxa, é questão de tempo. Ela tá bem no alvo. [...] Eu imaginei que ela fosse cancelada mas eu falei, acabou o Big Brother, vai acabar isso, só que tomou uma proporção que eu não imaginava quando eu vi aqueles 99% de votos Eu nem votei naquele paredão. Porque eu fiquei, não, ela vai sair mas já já as pessoas esquecem. Só que quando eu vi tanto racismo, eu vi tanta coisa sobre ela. Eu fiquei, sabe, abismado com aquilo. (ARIEL).

Ainda sobre a pauta racial, o entrevistado diz que o cancelamento de Karol serviu como um grande aprendizado. Ele também diz que conseguiu enxergar na prática como é difícil para pessoas negras se restabelecerem depois de cometer um erro:

Eu enxergava que ela tinha errado, mas eu enxergava que a maioria das pessoas mascaravam o racismo e a misoginia como forma de tacar *hate*. Então eu só estava esperando a poeira baixar pra poder continuar apoiando ela. [...] Hoje em dia eu acho que ver o cancelamento da Karol me ajudou muito como ser humano e como profissional. Porque eu aprendi, além de me blindar contra críticas, eu também aprendi que eu tenho o direito de errar. Mas eu também tenho o dever de evoluir. [...] De forma que eu fui no show dela no primeiro dia e no segundo dia eu fui à convite da equipe dela, conheci a Karol de perto e ela me abraçou. E eu entendi que ela teria consequências porque ela tem muitos haters ainda, desde a época do Big Brother. De forma que eu perdi quase 700 seguidores desde que eu postei a nossa foto juntos. Então, eu tenho noção disso. E sei

lá, eu vejo a Karol como uma inspiração pra mim. [...] Por exemplo, quando uma pessoa é presa eu acredito que ela tem que pagar pelo que ela fez. A Karol, ela pagou de certa forma. Mas quando ela sai da prisão ela já cumpriu todo o dever que ela tinha lá dentro. Então ela tem o direito de se estabelecer dentro da sociedade, entende? Ainda mais quando a pessoa é marginalizada em si, eu acho, em questões sociais periféricas, etc. Eu acredito que a pessoa tem mais dificuldade pra isso. Então eu vejo a Karol como um gatilho para todas as questões sociais também. As pessoas deveriam ter essa chance. Ainda mais pessoas negras deveriam ter essa chance de se... como se fala, se incluir novamente, de se restabelecer. (ARIEL).

Ariel também relatou que o cancelamento o deixou preocupado com a integridade e segurança da artista, pois tomou uma proporção que ele jamais tinha visto antes:

Eu fiquei preocupado porque foi algo que eu nunca vi na minha vida. E eu não olhava só para a Karol que errou, eu olhava para a Karol como um ser humano que com certeza sofreria em triplo. Estava claro que a Karol ia sofrer cinco vezes mais que um homem cis branco que estaria no BBB. [...] Então, eu fiquei muito, mas muito preocupado com ela com a família dela. [...] Era conveniente para as pessoas acabarem com a carreira dela. Com a imagem dela. [...] Eu nem tipo, vi ela como eliminada, pensei “gente, ela tem que sair do Brasil”. Tem que se trocar em algum lugar. Porque não é segura ela estar aqui, (ARIEL).

O segundo entrevistado, assim como o primeiro, relatou ter se sentido “menos fã”. Lucas contou que teve um momento em que sentiu que precisava dar um tempo, porque estava muito decepcionado com as atitudes da *rapper* no Big Brother Brasil: “Eu acho que foi quando estava perto da eliminação dela, porque estava saturando já. Vendo aquelas cenas dela errando. Então, acho que foi ali que eu cheguei tipo assim, vou me afastar, vou esperar ela sair”.

O recorde de rejeição para ele foi “uma vergonha”, mas já era algo esperado levando em consideração o que vinha acontecendo. Para Lucas o que foi impressionante foi o cancelamento em si. Nesse sentido, ele relata que não esperava que tantos brasileiros cometeriam ataques racistas e machistas contra a *rapper*.

Eu não esperava que tantos brasileiros iam cometer racismo, machismo, e parecia que estava normal aquilo. [...] E eu acho que se fosse outra pessoa, outro artista, acho que não teria sido. Eu acompanhei o pós da Karol e eu não sei como ela ainda está viva.

Então acho que só me faz admirar mais ainda por ela ser uma mulher forte. Porque eu acho que na época existia esse cancelamento, esse ódio, atacaram o filho dela, atacaram a mãe dela, então fiquei sem reação com todos esses ataques. Não esperava. (LUCAS).

Tatiana relatou que ficou mais chateada com o cancelamento em si do que com as atitudes de Karol, não chegando a se sentir menos fã ou qualquer tipo de decepção.

[...] Parece que as pessoas gostam de unir forças pra serem cruéis com uma pessoa. Essa foi a minha reação. Fiquei um pouco chocada. Porque eu imaginei que ela tava muito lascada quando ela saísse. Mas eu não imaginei que chegasse a tanto, sabe? Que é uma coisa que, inclusive, perdura até hoje. [...] Mas me falaram que ano passado, em 2022, ela foi expulsa de um restaurante numa cidade. Tipo assim, gente, o que ela fez? Ela é uma criminosa? O que foi de tão grave que ela fez que ela não pode estar no ambiente, sabe? Claro que hoje em dia a situação dela não se compara, graças a Deus né? Mas ela ainda recebe muito *hate* gratuito. (TATIANA).

A entrevistada também disse que chorou ao ver o recorde de eliminação de Karol e que se sentiu triste ao ver empresas e pessoas físicas comemorando a rejeição da *rapper*. Tatiana enfatizou que na época ainda não era fã, mas que se sentiu pessoalmente muito abalada:

Eu cheguei em casa e eu chorei. [...] Eu queria saber o que foi o gatilho para ela surtar daquela maneira, porque ela não é aquela pessoa. Ninguém é só aquilo. [...] Mas eu fiquei muito mal, eu fiquei a ponto de ter uma crise de ansiedade, sendo que não era uma pessoa que eu já me considerava fã, porque eu nem conhecia ela, a única coisa que eu sabia dela eram os vídeos que eu via cortados na internet. Eu tomei um rivotril para dormir e eu acordei com os fogos na cidade comemorando a saída dela. [...] Eu fiquei com muita dó e depois eventualmente eu acabei vendo o vídeo da saída dela e eu fiquei muito triste, porque na cidade, acho que quando anunciaram que ela ia para o Paredão, que ela estava no Paredão, as pessoas começaram a fazer umas coisas do tipo assim, acerte nos comentários com quantos por cento a Karol Conká vai sair e ganhe tal coisa da loja. Até a irmã da minha irmã, por parte de pai, ela tem uma doceria e ela fez isso na doceria dela. Eu falei, gente, que desnecessário. (TATIANA).

Bernardo contou que não cancelou Karol ou a abandonou enquanto fã em nenhum momento. Ele pensava no fato de que a *rapper* estava vivendo um momento muito específico da sua vida e que aquelas atitudes não definiam ou

apagavam o que ela representava para ele como fã. O entrevistado também disse que acredita que por Karol ser uma mulher negra e *rapper*, os impactos das suas atitudes foram muito maiores:

A Karol foi tida, né, como vilã da edição. Então, evidentemente, quem não conhecia a pessoa dela, quem não acompanhava ela de antes, teria aquela percepção. Mas como eu já conhecia a Karol, como eu já sabia como ela era, eu sabia que ali ela tava passando por um momento muito específico. [...] Eu acho que a Karol não cometeu, tipo, nenhum crime dentro do programa. Enquanto isso, teve pessoas que já cometeram, teve até campeã que saiu do programa com acusação de racismo, de intolerância religiosa e saiu campeã. Teve homem que saiu do programa expulso por agressão com mulheres. Tipo, não teve 10% da repercussão que a Karol teve. Mas eu acho que isso é muito também sobre a nossa sociedade, né? Porque ela como mulher preta, *rapper*, obviamente o impacto seria muito maior. [...] Eu não deixei de ser fã dela, ou de defender quando eu achei necessário (BERNARDO).

O fã também disse como se sentiu com a porcentagem de eliminação de Karol, que, segundo ele, foi um choque. Assim como Tatiana, ele comentou o quanto ficou decepcionado com empresas e pessoas que comemoraram a saída da Karol e relatou que os fãs tentaram diminuir a porcentagem de rejeição:

[...] Eu lembro que começaram a soltar fogos, né, na rua, tipo... E a gente tava no auge da pandemia, as pessoas estavam reunidas em bar pra comemorar, né. Tipo, zero senso. Eu lembro que também tinha várias empresas usando a imagem dela, falando... Ai, bolando, tipo, sei lá, uma marca de açaí, ou uma loja fazendo um sorteio. Ai, chute a porcentagem de rejeição da Karol, e quem acertar vai ganhar tal coisa. [...] Realmente foi um impacto, né, 99%. Porque a gente tinha, inclusive, no nosso grupo, mutirão, a gente ficou votando no Arthur, pra diminuir a rejeição dela. A gente sabia que ela saía, obviamente. Tanto que o próprio perfil oficial nem puxou mutirão, não postaram nada. Mas a gente, no nosso grupo restrito, a gente fez mutirões, sim. A gente fez pra tentar diminuir a rejeição dela. Mas quando a gente viu 99%, foi um choque muito grande. (BERNARDO).

Joana se sentiu decepcionada e contou que a sua admiração por Karol Conká diminuiu momentaneamente. Para ela, o fã tem obrigação de apontar os erros, mas também defender e acolher quando necessário, como ela diz que fez. Joana também explicou que a sua relação como fã de outros artistas também mudou depois do cancelamento de Karol, isso porque ela passou a “humanizá-los” mais e a não colocar tanta expectativa em torno dessas celebridades.

[...] Eu fui a fã que ficou muito chateada, achou um absurdo todo o tratamento que ela teve, sabe? [...] Diminuiu. sim, minha admiração por ela, de uma forma momentânea. Mas também me fez entender que é meio estranho tu colocar pessoas que são pessoas reais, num patamar... talvez, se a Beyoncé um dia participasse de uma palhaçada dessas, a gente também ficaria chateado sabe, porque tu tá filmando ali 24 horas por dia e não tem como tu fugir daquilo. Eu conheço a Karol Conká artista, é isso que eu posso dizer. [...] Eu sou fã da Karol Conká, mas eu conheci ela como artista, não sabia como ela era na vida dela, não sabia como ela era com os funcionários dela, não sabia como ela era, como ela era para além dos palcos. [...] Eu continuo sendo fã dela, mas eu acho que é uma fã com mais pé no chão assim, tipo, a gente tem mania de colocar nossos ídolos de uma maneira muito não realista, né? Muito num pedestal e são isso, são pessoas. (JOANA).

Ela também contou que esperava o alto percentual da eliminação da *rapper* e que se sentiu aliviada pela saída, ao mesmo tempo que também se sentiu preocupada, justamente por Karol ser uma mulher negra: “Lembro que eu fiquei, meu Deus, gente preta não dá pra errar. Eu acho que as outras pessoas erraram de outras formas, mas, enfim por ser ela, não dá pra errar”.

Paulo não esperava o recorde de eliminação e, assim como outros entrevistados, contou que ficou surpreso. Para ele, o cancelamento de Karol foi “bastante racista”, justamente por ver que apenas o que ela falava ganhava destaque nas mídias sociais e gerava ódio nas pessoas. O entrevistado também relatou que ficou incomodado com as comemorações feitas no dia da eliminação em pleno contexto de pandemia do covid-19.

Eu fiquei muito chocado porque eu sempre soube, eu sempre falava que o cancelamento da Karol foi um cancelamento muito racista, sabe? Foi um cancelamento tipo, um racismo... porque dentro do programa mesmo tinham acontecido coisas piores, ou semelhantes e não teve o mesmo impacto, mas eu vi sempre, assim, uma mulher preta vai confrontar alguém, uma mulher preta vai falar sobre algo, uma mulher preta vai falar sobre... Não vai agradar muito o público. [...] Teve a pandemia, a gente tendo muitas passagens de lockdown, o pessoal saindo pra rua, pra comemorar o paredão de Karol Conká, empresas, a gente viu na época empresas fazendo sorteios, sabe, usando a imagem dela, tipo, acerte a rejeição e ganhe, sei lá, um hambúrguer, sabe? Então achei que foi uma coisa muito grande. [...] Bem clichê essa frase, mas... “mais fácil empurrar quem tá no chão do que ajudar a levantar”. (PAULO).

O entrevistado contou que em momento algum chegou a cancelar a *rapper*. Apesar de não concordar com as atitudes de Conká e de ter se tornado fã dela depois do Big Brother, ele nunca cogitou em deslegitimar o que ela representava como artista.

Cancelar, não, sabe, porque na época do cancelamento era literalmente xingar ela na rede social, e tudo isso. [...] É claro que teve uma fase, por exemplo, que eu julgava, sabe, tava brigando lá, minha filha, sossega. [...] Eu digo, assim, que a minha relação como fã da Karol, foi depois do programa, quando ela lançou “Dilúvio”, depois lançou outras músicas, fez seu comeback, mas nunca deixei de valorizar o que ela é como artista, como pessoa, por causa desses acontecimentos. (PAULO).

Tarcisio comentou que nunca a cancelou ou deixou de ser fã. Para o sétimo entrevistado, a *rapper* nunca foi uma vilã, mas, sim, alguém que estava tendo comportamentos com os quais ele não concordava, em um ambiente muito específico, como é o caso do Big Brother Brasil.

[...] Quando eu respondia alguém que tava atacando a Karol Conká, sempre tinha essa tendência a, tipo, a pessoa usava argumentos do tipo: “h, o Tarcisio está passando pano, o Tarcisio concorda com as coisas que ela está fazendo”. E não era esse o caso. Eu não concordo com as coisas que ela fez, e eu não estava concordando na época. A minha manifestação sempre girava em torno disso, do tipo, gente, calma. É só o Big Brother. Calma. Ela é uma pessoa muito mais do que isso e todos eles ali não podem ficar marcados só pelo que eles fazem ali dentro etc. [...] Eu nunca achei que ela fosse a vilã. Achei que fosse mais uma questão de circunstâncias, assim. E mais escolhas também, né. Mas eu nunca deixei de ser fã, não. (TARCISIO).

Referente ao recorde de rejeição, Tarcisio disse que ficou muito triste e abalado enquanto fã. Ele citou outros casos da edição de participantes brancos que tiveram falas problemáticas e saíram do programa com percentual de eliminação baixo.

Fiquei péssimo, fiquei chateado, fiquei triste. Principalmente porque como, eu já acompanhava ela há bastante tempo antes do Big Brother, eu sabia que ela era tão mais do que aquilo que eles estavam vendendo dela, sabe? E aí eu via vídeos das pessoas no Twitter soltando fogos de artifício com a saída dela. E os 99% das pessoas comemorando, estourando champanhe. E acho que, sim,

nossa, definitivamente não é o caso pra isso, sabe? Na própria edição de 2021 tinha um outro integrante do Big Brother que fazia... falava coisas absurdas, coisas homofóbicas, coisas transfóbicas. E ele saiu com, sei lá, 45% de rejeição, sabe? 50% de rejeição no máximo. E ele foi super, tipo... ele saiu do Big Brother e a música dele tava no número 1 do Spotify, mesmo ele tendo falado todos os absurdos que ele falou, sabe? Então eu acho que os 99% envolvem muita coisa. Definitivamente não é só o que ela fez no Big Brother, tem questões de racismo, tem questões de misoginia também. Porque a Karol Conká sempre teve essa questão de se firmar como uma mulher negra. [...] Então a rejeição me deixou bastante chateado. E me fez desmotivar pra assistir os Big Brothers seguintes. (TARCISIO).

Vitor também relatou ter ficado em choque ao saber do resultado do paredão:

Fiquei chocado, falei assim, meu Deus. Porque eu acho que o Nego Di saiu em 97% ou 98%... né? Aí eu falei, uai, não tem como piorar. Aí vem com 99 pontos, não sei quantos. Eu fiquei bobo. E o que mais me chocou foi que quando ela saiu, ela não tinha nem ideia da proporção que isso gerou, sabe? Então, eu fiquei assim... meu Deus. Naquela época, talvez, eu falei que era merecido. Só que eu fiquei impressionado, pra mim era uma coisa que eu não imaginava. (VITOR).

O entrevistado contou que se sentiu “menos fã”, justamente por ter se decepcionado com as atitudes da artista. Vitor relatou, inclusive, que, na época, parou de segui-la nas mídias sociais, mas que essa decepção durou pouco tempo.

Eu fiquei magoado, mas foi muito desproporcional a atitude que o povo teve com ela. [...] Sim, eu me senti menos fã... Eu senti que as atitudes dela ali não representavam a Karol que eu projetava, sabe? Uma coisa chata, assim, pra fã porque a gente põe uma expectativa no artista. [...] Então, com a mágoa, sim, eu parei de seguir. Mas eu... Eu voltei, assim, rapidinho. [...] Eu comecei a seguir ela há muito tempo atrás eu acho que ela não tinha nem 100 mil seguidores. Pra mim, assim, foi algo que eu fiz e eu falei, “eu não acredito que eu tô fazendo isso”. Mas foi temporário, eu não guardei essa mágoa por muito tempo não. (VITOR).

Para Catia, a rejeição de Karol foi completamente exagerada. Ela ainda comenta a possibilidade da TV Globo ter manipulado os votos:

Ah, eu achei exagerado, cara ela não matou ninguém gente, vamos ser muito sinceros. [...] Tipo assim, pô você vai lá, discorda, beleza, cancela, para de ouvir a música, que seja, mas agora você fala que

vai matar... você tá fazendo pior do que a mulher fez dentro do programa, sabe? Então é surreal, é surreal, assim, a cobrança. Eu acho que foi muito seletivo. [...] Ah porque o programa tem aquele limite né, é ao vivo, é ao vivo mas é ao vivo até onde, eles mudam de câmera no *pay-per-view*, então assim, a gente sabe que são várias coisas e pra Globo foi muito bom a audiência, então eles não fizeram nada pra mudar essa narrativa. Sabe o que as vezes eu fico pensando? Assim sei lá, às vezes eu fico pensando se a Globo... não foi 99,17%? Desculpa, mas eu fico pensando, será? Porque, cara, eu não confio na Globo. Eu não confio em ninguém, mas enfim. (CATIA).

A nona entrevistada relatou que não chegou a cancelar Karol em momento algum e que anotava nomes e fazia imagens das pessoas e empresas que utilizavam a imagem da artista sem autorização. Por ter contato direto com a equipe e assessoria da *rapper*, ela tinha expectativas de que providências diretas fossem adotadas. Segundo Catia, Karol “incomodava” as pessoas por tudo que ela representava como mulher negra no rap:

Eu lembro que, nesse dia, eu comentava quando era alguém que, por exemplo... tinha uma garota que eu sigo, a gente segue, ela postou assim, “ah, meu namorado é fotógrafo, se você acertar a porcentagem de rejeição da Karol, você ganha um ensaio com dez fotos” eu falei assim, “apaga isso por favor, que senão eu tô tirando um print aqui pra mandar pra equipe dela agora”, aí ela apagava. Tipo assim, eu fiz muito isso. Eu fiz muito print, eu comentava assim... “mano, olha que legal esse barzinho aí que vai ter que dar o dinheiro todo pra Karol Conká”, e tem um dossiê, não só dessas pessoas, né, mas dos artistas que, tipo foram extremamente ajudados pela Karol. Eu fiz uma lista pra equipe dela parar de seguir, ela tava no Big Brother, falei, ela para de seguir fulano ciclano, fiz. [...] A minha humilde opinião, não sei se você vai perguntar sobre isso, mas eu acho que assim a Karol, ela chegou a incomodar de um nível... porque assim, ela foi a primeira *rapper* feminina a chegar onde ela chegou, da forma que ela chegou. (CATIA).

Tanto Catia como Talita comentaram que participaram de mutirões para votar em outro participante e diminuir o percentual de rejeição de Karol no *reality*.

Então, e a gente ainda fez um mini mutirão, né? Pra tentar diminuir a rejeição, ainda rolou isso. Porque a gente não queria que ela saísse tão mal, né? Mas assim, eu esperava que ela saísse e iria sair rejeitada, óbvio, porque o pessoal surtou. [...] Foi bizarro, fogos, bar fechado, promoção com o nome dela. Se a Karol quisesse, ela ia processar e ia ganhar dinheiro só de processo, porque as pessoas usaram a imagem dela pra promover promoção, pra promover o

produto deles, e isso pra mim é bizarro. (TALITA).

Talita assim como outros fãs citados, contou que ficou chocada com o percentual de eliminação. Para ela, o fato dos artistas que até então eram amigos da *rapper*, terem “soltado a mão dela”, também interferiu na narrativa do cancelamento:

Eu não esperava o 99,17%, [...] eu sabia que ia ser uma rejeição alta. Eu não contabilizei a questão da rejeição com o que aconteceu com o Nego Di, pensando pelo que aconteceu com a Karol. O 99,17%, foi absurdo. Também tem essa questão das pessoas, dos artistas que soltaram a mão da Karol nesse meio tempo. (TALITA).

O último entrevistado, Fabiano, contou que não chegou a cancelar Karol, mas que deu “uma afastada” e deixou de acompanhar a *rapper* por um tempo depois da saída dela do Big Brother Brasil 2021.

Eu não cheguei a cancelar a Karol, a falar mal dela nas redes sociais. Eu simplesmente fiquei em silêncio por uns dias. Aí depois eu voltei ao normal. [...] Eu me senti menos fã apenas depois, um tempinho depois que ela saiu do BBB. Porque eu dei uma afastada. Mas depois eu voltei ao normal e tô até agora. Eu tentei entender o que a Karol tava fazendo. Quem era aquela que tava lá dentro. Que eu não tava reconhecendo. (FABIANO).

Fabiano relatou que era esperado o percentual de rejeição da artista, por conta de todos os erros que ela cometeu lá dentro: “Eu esperava. Realmente eu esperava. Porque a Karol cometeu os erros dentro do programa. E eu percebi, isso daqui não vai passar barato. Isso aqui vai custar caro. E realmente custou caro”.

Com base nas entrevistas, é possível verificar que os fãs não cancelaram a *rapper*. Observamos que, mesmo que tenham se sentido decepcionados com as atitudes de Karol em algum momento, como foi o caso de Ariel, Lucas, Joana, Vitor e Fabiano, o cancelamento não foi uma possibilidade. Pela perspectiva das emoções que adotamos a partir de Freire Filho (2017,) podemos compreender o quanto o contexto fruto das práticas de cancelamento e da participação da *rapper* no programa gerou tristeza e surpresa em grande parte dos fãs entrevistados.

Figura 27 — Nuvem de palavras “O cancelamento”



Fonte: Autor (por meio do Software Nvivo).

A tristeza é apontada principalmente quando os entrevistados relatam a forma como se sentiram perante o cancelamento vivenciado Karol. Ao compreendermos o cancelamento como uma prática cultural, fruto da resistência dos indivíduos perante uma estratégia hegemônica baseada em valores éticos/morais de uma sociedade, podemos observar com base nas falas dos entrevistados e nos termos mais utilizados por eles, três pontos relevantes, que discutiremos a seguir.

Retomando as discussões de Canclini (2020) sobre consumo e cidadania nas mídias sociais e a expansão da função de “justiça” com a redistribuição do microfone e da câmera, observamos o quanto empresas e pessoas se julgaram aptas a atuarem como juízes de Karol. Também é latente, aqui, o apontamento de Canclini (2020) quanto aos “cidadãos monitorados”, em que cada um é simultaneamente monitor e *voyeur*.

O segundo ponto relevante para análise, é o fato de que os valores éticos e morais tendem a seguir a estrutura e a realidade histórica e social da sociedade. Ao discutirmos sobre o contexto do nosso país, precisamos destacar que o racismo é uma realidade (MUNANGA, 2012; GORDON, 2008; SILVA, 2014; GOMES, 2021),

com isso, ele tende a impactar diretamente esses valores a fim de sempre tentar desfavorecer pessoas negras. Conforme apontado pelos fãs, o cancelamento de Karol foi pautado pelo racismo.

Por fim, o cancelamento pode vir a se tornar uma estratégia dominante quando pensamos nos pontos levantados acima acerca dos valores, que tendem a desfavorecer indivíduos pertencentes aos marcadores sociais da diferença (FRY *apud* ALMEIDA et al., 2018). O “efeito manada”, apontado por Accioly (2020), precisa ser observado com cautela ao falarmos dessas práticas, pois elas também podem favorecer pautas conservadoras e preconceituosas. Ao discutir o cancelamento, Rodrigues (2020) traz à tona os avanços acelerados e as transformações sociais em diferentes esferas que vivenciamos no nosso país nos últimos anos, o que, para ele, conseqüentemente, trouxe mais protagonismo e reivindicações de novos atores políticos. Quando resgatamos as discussões de Canclini (2020) acerca da descrença dos indivíduos nas instituições públicas, também podemos pensar naqueles que querem manter as desigualdades para continuar se beneficiando dos seus privilégios e que estão descontentes com os avanços encabeçados pelo Estado. Sendo assim, as práticas de cancelamento também podem trabalhar a favor desses indivíduos.

É nesse âmbito que os fãs relataram que ficaram “surpresos” com o recorde de 99,17% de rejeição, visto que Karol, mesmo que tivesse tido comportamentos inadequados, não havia cometido nenhum crime. Aos negros não é dado o direito de errar, conforme apontado por Joana. Podemos relacionar a fala da entrevistada com o relatório da Mutato (2020), que apontou que, apesar dos valores éticos e morais da sociedade não permitirem uma série de “injustiças”, o racismo não se mostra uma preocupação no âmbito das práticas de cancelamento para os brasileiros. Gomes (2021) também aponta que “[...] para nós, negros, não existe segunda chance”.

Observamos que, na esfera das práticas de cancelamento, também podem coexistir outras táticas de resistência: como foi o caso dos fãs que organizaram mutirões para diminuir o percentual de rejeição de Karol, por acreditar que o cancelamento estava sendo desproporcional com uma mulher negra.

Conforme mencionado em capítulos anteriores, é possível analisarmos as mudanças no comportamento dos fãs com as celebridades em *reality shows*, como apontado por Marcus (2015). Novamente, alguns dos entrevistados relataram que

passaram a “humanizar” mais outros artistas que são fãs depois do cancelamento de Karol.

5.5 O pós-cancelamento

A seguir, iremos buscar identificar o posicionamento dos fãs após o cancelamento da artista no *reality*. Para isso, propomos perguntas para os entrevistados amparadas no envolvimento deles com a *rapper* Karol Conká no que tange aos produtos ofertados pela mídia após a eliminação dela no BBB 21.

Perguntamos se eles enxergavam algum tipo de mudança na artista, seja em relação à figurino, cabelo, comportamento etc. A resposta “sim” foi unânime. Entretanto, temos aqui dois grupos de fãs: enquanto alguns perceberam essas mudanças como uma clara tentativa de limpeza de imagem (Ariel, Bernardo, Joana, Tarcisio, Fabiano), preponderou a visão de que aquele momento representava um amadurecimento de Karol Conká como pessoa (Lucas, Tatiana, Paulo, Vitor, Catia, Talita).

Ariel apontou que percebeu mudanças no estilo de Karol no que tange às roupas, cabelo e maquiagem. Para ele, foi uma clara tentativa de “limpeza de imagem”. Ariel também contou que o documentário *A vida depois do tombo* ajudou-o a enxergar as mudanças na artista:

Como eu sou dessa era digital, eu, com certeza, consegui perceber a limpeza de imagem. Percebi que ela começou a usar roupas mais claras, o cabelo mais aceitavelmente padrão. Ela lançou “Dilúvio” que era uma música de mocinha arrependida. Então sendo sincero, eu vi bastante em relação a isso porque ela com o marketing apostou muito bem nisso, e acabou dando certo em algumas partes. Além disso, ela lançou o documentário, “Minha vida depois do tombo” onde ela claramente... Tipo, tinha percebido que ela tava magoada. Não acredito que ela estava atuando ali. Porque eu conseguia ver a personalidade dela. E eu consegui perceber que mesmo em um momento ruim ela tinha aquela pitada de humor ácido que a gente tanto conhece. Então, eu assinei o Globoplay só pra ver o documentário dela. Então eu acredito que ela mudou bastante, até porque no documentário ta bem explícito. Eu acho que o momento família dela, o momento humano dela, a forma que ela se permitia, falar a verdade. E foi isso, eu não vi a Karol como alguém que só queria limpar a própria imagem. Eu via que ela queria melhorar com aquilo. (ARIEL).

Para o fã, a entrevista mais marcante que Karol deu foi no programa BBB 101, onde ela contou que estava em processo de mudança, mas que não mudaria a sua forma alegre de ser:

Foi no dia 101 do Big Brother, quando se reuniu todo mundo. Ela disse “Eu não vou mudar minha forma alegre, eu não vou mudar quem eu sou, mas eu posso mudar minhas atitudes, eu posso ser uma pessoa melhor”. E ela disse isso com um tom de humor, ela disse isso sendo a Karol Conká. Então, eu enxerguei ali que ela não precisava mudar a si mesma pra agradar ninguém, mas ela precisava mudar as suas atitudes, que a partir do momento que ofendia outra pessoa não era algo bom. Então eu gostei ali. (ARIEL).

Ele acompanhou todos os lançamentos musicais da artista depois do Big Brother Brasil e contou que a sua canção favorita foi *Louca e Sagaz*, por conta do ritmo *reggae* da música, dos figurinos e da estética do videoclipe.

Virou uma satisfação pra mim ver ela crescer de novo, eu pensei que a Karol precisava subir. Veio “Dilúvio”, veio “Subida”, veio “Louca e sagaz”, veio “Paredão”. Então, assim, acompanhei bastante. Olha, antes da saída do BBB minha favorita era “Saudade”, continua sendo. Mas, depois do BBB, com certeza foi “Louco e sagaz”. Eu acho que “Louca e sagaz”, assim, para nós gays, veio para nós, algo que a gente precisava reproduzir. Então, era muito bom. De forma que até hoje está no meu repeat no Spotify. Eu uso como alarme pra acordar. Eu adoro. Então a batida, eu sinto aquela coisa mais Reggae, algo Jamaica. Toda a estética do clipe, eu amo demais os looks, minha favorita. (ARIEL).

Para Bernardo, a mudança no estilo de Karol foi uma evidente “gestão de crise”. O fã apontou que Karol se vestia de forma diferente dentro do Big Brother Brasil e que mudanças foram perceptíveis depois da sua saída:

Obviamente, a gente também sabe que teve também uma parte da assessoria, né. De... não sei se seria a palavra correta. Reconstrução de imagem, né. Uma coisa mais clean. A forma dela também... Porque é aquela coisa, né, gestão de crise. Ela saiu de uma forma muito negativa. Ela tinha uma carreira aqui fora, ela tinha muita coisa em jogo. Então, ela precisava... Ela não podia sair e manter esse personagem aqui fora, entendeu? Isso não poderia acontecer. Então, evidentemente que ela teve, sim, uma gestão de crise. Na forma de se portar também, nos looks também. No programa, ela usava umas cores mais fortes, né. Que remetia até às vilãs. O povo comentava, né, preto. E umas coisas mais coloridas. Aí, quando ela saiu, ela começou a usar uns tons mais pastéis. (BERNARDO).

Bernardo não destacou nenhuma entrevista em específico, mas enfatizou o impacto que o documentário *A vida depois do tombo* gerou nele enquanto fã:

Então, eu acho que foi muito no doc, né, no documentário, “A Vida Depois do Tombo”, que foi lançado, acho que dois meses depois que ela saiu do programa. Acho que eram quatro, cinco episódios. E eu acho que foi mais impactante. Porque o documentário gravou, literalmente, o dia seguinte que ela saiu do programa. Com a semana seguinte. Então, deu pra gente sentir tudo que ela tava sentindo, entendeu? Que a gente não viu da parte dela, porque ela não mostrou. E a gente não sabia porque ninguém tava tendo contato direito com ela, entendeu? (BERNARDO).

Segundo ele, *Dilúvio* representou um momento importante na carreira da artista. Apesar disso, Bernardo destaca que *Louca e Sagaz* foi um lançamento importante para ele enquanto fã, porque havia expectativas quanto a música enquanto Karol estava no confinamento:

Dilúvio foi... Ela lançou o clipe. Ela cantou na final, né. Ela fez o show na final. Ela cantou a música pela primeira vez. E depois teve o clipe. E eu não sei, eu acho que por tudo que ela tinha passado, por tudo que a gente também, como fã e como pessoas que gostavam dela, tinham passado nos últimos meses, foi uma coisa muito forte o Dilúvio. Então, eu acho que foi Dilúvio o mais importante. Mas Louca e Sagaz também foi bem legal. Louca e Sagaz estava programado pra ser lançado durante a permanência dela no *reality*. Era pra ter sido lançado em fevereiro. Mas, por conta de tudo que estava acontecendo, a equipe, obviamente, adiou o lançamento. E a gente não sabia se essa música ia sair ou não. Eu lembro que a Karol falou por alguns momentos que achava que aquela música não definiria muito ela. Ou, tipo, né, imagina. Louca e Sagaz, logo quando ela saiu do programa, com toda aquela situação. Então, quando saiu a música também foi bem legal. É uma música que eu gosto bastante. E os fãs também. (BERNARDO).

Para Joana houve uma mudança “extrema” na imagem pessoal da artista após o Big Brother Brasil e, para ela, essa mudança soou “forçada”:

É daí que eu falo, tipo a equipe dela... eu acho que mudou extremamente a imagem dela, assim, sabe ela tava que nem uma menininha ali no reencontro do Big Brother, no último dia que teve na final que teve o show, sabe. Eu acho essas coisas muito forçadas. Eu acho que a mudança ela vem com o tempo, ela vem com a maturidade. Então, eu acho que um tempo depois eu consegui ver

essa mudança, mas, no início, eu achava tudo muito forçado. (JOANA).

A entrevista mais marcante para ela foi concedida ao programa Fantástico, na TV Globo, pois, naquele momento, ela enxergava uma Karoline fragilizada e envergonhada. Joana destaca que foi uma sensação nova ver a sua ídola se demonstrar tão vulnerável daquela maneira:

Eu acho que a entrevista que ela fez no Fantástico me pegou. E também ter que falar, porque tu via ali que ela tava ainda toda errada da cabeça, que ela não tava na tava tendo noção do que tava acontecendo. Me deu pena, porque ela se tornou muito pequena pra mim, um ser humano pequeno assim, sabe. É que quando tu tem uma pessoa como ídolo tu coloca ela muito num pedestal e daí ela ter se tornado tão pequena e tão frágil pra mim foi triste. Mas eu entendo, foi separar também isso, sabe? Entender que ali era ela, era ela crua ali, era ela Karoline sem ser a Karol Conká, sem ser artista que eu conhecia, com todos os looks, com todas as letras, com todas as referências, só era uma mulher que tinha feito merda e tava tentando se achar. Então, ver ela perdida assim e por mais que tu tenha uma assessoria de imprensa que te ajude, tu conseguia ver que ela tava sem saber por onde começar e desconfortável, e com vergonha de si... e uma pessoa que tu admira, tu vê com vergonha de si é muito difícil porque te faz parecer que se ela errou tudo isso, meu Deus... se ela se sente assim, eu me senti assim muitas vezes. (JOANA)

Por fim, Joana contou que não acompanha mais a *rapper* como antes, porque sente que houve uma mudança no estilo dela que não a agradou, mas que apesar disso, considera *Dilúvio* o lançamento mais marcante até então:

Acompanho, mas não tanto assim. E não pelo Big Brother em si, mas por ter mudado um pouco o estilo dela. Então... por não ter mais tanto... como é que eu posso dizer? Não me reconhecer, não ter mais tanta afinidade com o estilo que ela está hoje, acabou me afastando um pouquinho, mas escutava um pouco Dilúvio, umas coisas eu escutava. Eu acho que Dilúvio foi uma música que podia ser lançada, mas eu repito, em outro momento. Mas eu acho que eu gostei, eu achei bonita a música, eu achei bonita a estética do clipe e tudo mais, e o que aquela música representava pra ela eu acho que ela podia ter sido lançada só um pouco depois. Mas eu achei tocante, achei triste, achei que ela tá ainda passando... eu acho que o Dilúvio na vida dela ainda não acabou, que ela tá passando por isso, mas eu achei bonito. (JOANA).

Tarcisio assim como Joana, pontuou a importância que Dilúvio teve para a carreira de Karol e comentou que foi justamente ali que sentiu uma mudança no estilo da *rapper*, pois ele compreendeu que era necessário um cuidado maior com os posicionamentos, falas e atitude dela naquele momento:

Eu senti que aquela posição da Karol, de se firmar, e aquela posição de mulher forte que passa pelos problemas do patriarcado... Porque as músicas dela sempre carregaram bastante disso, né? Viver em uma sociedade patriarcal e a forma como ela lida nessa sociedade patriarcal sendo mulher e sendo negra, né? E que eu acho que a criatividade dela aflora muito quando ela toma essa posição, eu acho que ela é essa mulher forte e que enfrenta as coisas. E ela, de fato, enfrentou o cancelamento, mas eu acho que, principalmente naquele ano depois do Big Brother, tinha toda aquela super divulgação em cima do single dela, Dilúvio. E aí tinha o clipe dela, claramente, num rio, que faz aquela metáfora com limpar, ela fala sobre isso no documentário também, virou meme também “Limpa, limpa e tal”. Senti que as músicas dela depois começaram a ter um cuidado maior, eu acho que o álbum dela, o Urucum... o último dela, é um álbum muito bom, eu gostei bastante, mas eu acho que ela evita tocar em alguns pontos que ela tocava antes, como por exemplo, os problemas que ela tinha com os namorados, que não sabiam lidar com ela, tipo o próprio “Lala”, né? Que é bastante sobre isso, então eu senti que ela evitou alguns pontos que antes ela tocava e que depois do Big Brother ela não pôde mais, porque é muito fácil cancelá-la de novo e tal... Acho que é mais por isso. E as roupas e penteados e tudo mais, acho que é uma limpeza de imagem completa que fizeram nela .(TARCISIO).

O fã também comentou a respeito da importância do álbum Urucum e do single *Paredão*:

Eu acho que foi justamente o álbum Urucum. Principalmente a capa do álbum Urucum, eu acho que eu gosto bastante das capas dos álbuns dela, mas essa do Urucum eu acho belíssima. E a imagem me vem na cabeça e ele representa bastante o álbum também, que é a questão de fazer uma metáfora com a Medusa que transforma as pessoas em pedra, mas que também se torna pedra porque na capa a Karol tá se transformando em algo também. A metade do rosto dela tá transformada em outra coisa, então a capa, aquelas imagens do Urucum... Me marcaram. Eu achei bem interessante a música dela do Paredão, claro que é uma brincadeira, tanto que a música nem tá no álbum, mas é uma brincadeira interessante, porque já como ela é cantora e autora das próprias músicas, eu acho que faz muito sentido que ela escreva sobre o Paredão de uma forma mais leve e jocosa, ela brinca um pouco, e eu acho que ela tem que brincar mesmo. E superar e... enfim, continuar fazendo o que ela já fazia antes. Acho que Big Brother foi só um periodinho pequeno, inclusive que não pode definir ela, mas acho que as coisas que mais

me marcaram foi isso mesmo. Algumas músicas do Urucum ali que eu gostei bastante também. (TARCISIO).

Por fim, para Tarcisio, o documentário *A vida depois do tombo* fez com que ele compreendesse os erros da *rapper* no programa. Ele falou que acompanhava o máximo de entrevistas que podia para saber como Karol estava e o que ela iria falar, mas que o documentário foi o “elo” mais relevante naquele momento.

[...] Eu lembro da “A Vida Após o Tombo”. Acho até porque é um documentário bastante completo, né? Fala bastante ali da vida dela, do que levou ela a fazer música e etc. O documentário também fala sobre ela. E eu lembro que ela tinha que explicar o porquê dela ter reagido daquela forma no Big Brother, que é a questão dela com o pai. E o pai tinha hábitos alcoólicos, né? Ele era um alcoólatra. E ela tinha vários problemas com isso. E eu lembro que isso me marcou bastante também, porque eu sofro com problemas de um pai alcoólatra. Então, eu também tenho um asco quando vejo pessoas embriagadas na minha volta, eu sempre fico receoso. (TARCISIO).

Fabiano também percebeu mudanças no estilo da artista: “Ela mudou o cabelo, mudou a sobrancelha, mudou a roupa, mudou a roupa, adotou cores mais claras. Acho que para suavizar mais a imagem”. Por fim, ele apontou *Dilúvio* como o lançamento mais marcante da *rapper* após o BBB:

Porque eu me identifiquei um pouco com a música. Porque tem um momento que ela fala... Completando ciclos, refletindo sobre o que eu vivo. E tudo o que eu vivo é baseado naquilo que eu sinto. E essa frase marcou para mim. Não sei de qual maneira, mas marcou um pouco. (FABIANO).

Ele comentou acerca da participação mais recente da *rapper* no programa Encontro (2023), na TV Globo. Para ele, Karol ali se demonstrou mais empoderada, como ela era antes da entrada no *reality*:

No programa da Fátima Bernardes. Eu até hoje ainda lembro. Porque ali eu já percebi no programa da Fátima que ela estava melhor. Ela tinha melhorado. No documentário “A Vida Depois de Tombo” ela estava bem abatida. E, já no programa da Fátima Bernardes, ela já estava mais inspiradora, empoderada, já tinha voltado ao poder. (FABIANO).

Lucas identificou mudanças na artista, segundo ele, ela parecia estar bastante abalada com tudo que vinha acontecendo. Justamente por essa aparência mais triste, ele contou que a entrevista que mais o marcou foi a que ela deu no Saia Justa, no canal GNT:

O brilho sumiu, o semblante dela estava diferente. Foi triste, foi doloroso ver a Karol daquele jeito. Porque não era a Karol que o fã conhecia, né? A Karol empoderada. A Karol com look colorido. Foi triste. Eu me lembro que ela foi para um programa do TNT, Saia Justa, se não me engano. E foi triste. Aquele programa deu para perceber o quanto abalou ela. E ela estava... Off. Estava começando a ficar off, né? E, depois, quando o pessoal convidou ela, de alguma forma, ela aceitou. E ali percebemos o quanto tinha abalado ela, né? O quanto tinha tombado, de fato. E é triste, além de dizer... Relembrar essas coisas, porque... Colocaram a dor da Karol numa estante pra todo mundo ver, né? Fizeram até um documentário. Então, ali, naquele documentário, vemos o comportamento dela que mudou. Inclusive, ela também fez um... Ela fez... Tipo um programa no Instagram dela, de Vem Ká, falando sobre a saúde mental. Então, ali, os fãs perceberam que ela mudou as cores do look. O cabelo dela estava diferente. As falas, os gestos estavam diferentes. Ela mudou bastante. Agora, a Karol, ela voltou a ser a Karol, né? (LUCAS).

O entrevistado também destacou o documentário *A vida depois do tombo* e que foi ali que ele percebeu as mudanças no comportamento da artista. Lucas acompanhou todos os lançamentos da *rapper* e citou a importância de *Dilúvio* para a carreira da artista:

Acompanhei, acompanhei tudo, inclusive amei todos. Ela deu uma parada agora de fazer lançamento de música, mas acompanhei todos. Tudo, tudo, tudo, quando ela saiu, que ela lançou, eu acompanhei, eu amei cada detalhe, cada passo. Foi uma era incrível, quem é fã sabe que foi muito foda. E foi uma reviravolta, foi um momento de união. [...] Com certeza meu lançamento favorito foi Dilúvio. Dilúvio foi uma música que marcou, marcou muitos fãs. Só que, pra ser sincero, eu não gosto quando as pessoas estão... Muitas pessoas estão gostando, então eu acho que... Tipo assim, Dilúvio foi uma música que saiu da bolha, que muitos curtiram. (LUCAS).

Tatiana não considera que as mudanças de Karol aconteceram com o objetivo de uma possível “limpeza de imagem”, a entrevistada contou que a *rapper* sempre mudou bastante o seu estilo e que a principal mudança que percebeu foram nas atitudes e amadurecimento de Conká:

Não acho que mudou muita coisa na questão da atitude que ela sempre teve na coisa do empoderamento e tal. Eu acho que isso não mudou, mas eu acho que refletiu muito na visão de mundo dela. Do tipo, ela conseguiu amadurecer com aquilo e uma coisa que eu acho muito importante, ela realmente se assistiu, se enxergou, ela viu que estava errada em várias coisas e ela tentou mudar em cima daqueles erros. Então, as músicas dela também falam um pouco sobre isso, falam um pouco sobre a evolução que as pessoas têm que ter. Nos shows, ela costuma sempre agradecer ao público por ter puxado a orelha dela e terem mostrado para ela onde ela estava errando e ela disse que as pessoas que a apoiaram e até as que não a apoiaram foram parte essencial para a evolução dela como artista e como pessoa. No que diz respeito às roupas, eu não acho que mudou. Eu acho muito genuína a vontade dela de evoluir, porque ela não passou por aquela coisa que normalmente as pessoas da internet passam, que é a gestão de crise. Vou usar branco, vou ficar 100% sóbria no imagem e vou pedir desculpas no Instagram. Eu não acho que ela passou por isso, eu acho que ela continuou com o estilo que sempre teve de se vestir. Ela sempre mudou cabelo, isso não quer dizer muita coisa. (TATIANA).

A entrevistada expôs que considerou duas entrevistas dadas pela *rapper* após a sua saída do BBB como marcantes: a primeira delas no programa da Ana Maria Braga, na TV Globo, no dia seguinte da eliminação, em que Karol demonstrava ainda não ter noção da proporção do cancelamento e a participação da *rapper* no podcast do influenciador Whindersson Nunes, que serviu para mostrar Karol como uma conversa bem-humorada e leve:

A da Ana Maria Braga. Que eu vi, eu parei pra ver. Fiquei curiosa pra ver como que ela ia estar, porque ela ainda não tava muito a par da desgraça dela mesma, né? Ela realmente tava meio perdida ainda. [...] Mas foi nítido que ela não tinha muita noção, não. Depois, a mais marcante pra mim foi a do Whindersson que ela deu num podcast dele. Achei incrível a entrevista. São mais de duas horas de vídeo. [...] Ele ter aberto um espaço pra ela, sem julgamento, sabe? Foi uma entrevista superengraçada. [...] É muito bom você ver essa entrevista, porque ela consegue mostrar uma outra pessoa. Ela consegue mostrar essa pessoa que eu te disse que eu acho que ela é. Que eu tive a oportunidade de conhecer. Uma pessoa superleve e divertida. (TATIANA).

Por fim, Tatiana acompanhou todos os lançamentos da *rapper* depois do Big Brother Brasil e destaca a importância de *Dilúvio* e *Paredão*, enquanto a primeira representou a experiência dela no Big Brother após o cancelamento, a segunda significou uma espécie de “superação”:

Eu acho que seria Dilúvio mesmo, porque foi antes e depois da experiência do Big Brother ela reescreveu a música para se adaptar ao momento. Então ela falou um pouco sobre a experiência dela no Big Brother. E, também, outra coisa que me marcou foi uma música que chama Paredão que ela fez zoando a si própria. Foi marcante para mim, essa música não bombou, não foi single nem música de trabalho para ela, foi só uma zoeira que ela resolveu gravar e que deu certo. Mas me marca porque na realidade isso significa que ela começou a rir de si própria, o que é uma coisa muito boa. (TATIANA).

Paulo reconhece as mudanças vivenciadas por Karol após a sua saída do Big Brother, mas compreende-as como resultantes de uma espécie de amadurecimento pessoal da artista.

As músicas da Karol sempre foram muito animadas. E, depois do programa, continuaram, teve o questão de imagem mesmo. Mas eu acho que já faz parte, sabe? Nunca vi esse negócio de saída de... imagem, roupinha azul, roupinha... Sabe? Cabelinho antigo, tipo Whitney Houston. Nunca vi isso como limpeza de imagem não. Eu achei que era muito um ciclo, de fase da vida dela. Mas teve uma mudança, assim. E era muita mudança, assim. Karol sempre foi muito de mudar, assim. Lembro de acompanhar ela e ela tipo, com cabelo rosa. Uma lace... Umas trancinhas mesmo. Muito diferente. Uma estética muito diferente. Eu acho que ela é muito versátil nesse quesito, sabe? [...] Um cabelo raspado ou deixar crespo. E ela sempre vai ter muita identidade dela, sabe? (PAULO).

Assim como outros fãs, Paulo comentou a respeito do impacto gerado pelo documentário *A vida depois do tombo*. O entrevistado também relatou que a participação da artista no antigo programa do Faustão, na TV Globo e no podcast do influenciador Whindersson Nunes, foram marcantes para ele.

Aí teve aquela questão que ela foi no Faustão, na época. Gente, nessa época o Faustão ainda estava na Globo. Ela foi dar uma entrevista lá. Mas eu acho que foi mais marcante, assim. Foi num momento... Foi até um pouco depois, tá? Daí em em junho teve a com o Whindersson Nunes. Ele tinha... Parece que ele fez essa entrevista com ela em abril. E soltou no YouTube em junho. E tinha acabado de acontecer aquele ocorrido com ele, com a esposa dele. Então eu achei que foi bem forte, assim. Foi bem... Eu achei muito legal essa entrevista. Mais um pod, tá no YouTube. (PAULO).

O entrevistado considera *Dilúvio* o lançamento mais marcante de Karol. Ele conta, inclusive, que foi por meio dessa música que se tornou fã da *rapper*.

O lançamento de “Dilúvio”, que na época teve todo um...um grande... um grande debut na plataforma. Um grande comeback, assim. Ai, de fato, comecei a acompanhar a carreira dela. Me aprofundar mais, sabe? Dilúvio, eu acho que foi icônica, histórica. Mas... Não, todas as... Acho que todas as músicas, sabe, tem muitos significados. E pensar que, sabe? Me tocar com a arte, com as músicas, assim. Por isso que eu falo que ela é minha primeira artista pop. Eu tive uma outra perspectiva sobre a artista depois das músicas dela. (PAULO).

Vitor reconhece as mudanças de Karol e aponta *Dilúvio* como a grande catalisadora dessas mudanças. Mas ele discorda do entrevistado anterior sobre uma possível “limpeza de imagem”, pois acha que essa é apenas uma mudança temporária que refletia o momento que a artista vinha vivendo:

Quem acompanhava de antes, seja em relação a comportamento, estilo, roupa... Até música mesmo.... Então, Dilúvio veio e eu acho que mudou claro, porque agora ela não era já a Karol de antes. Então, tanto que nas músicas dela ela cita muito o BBB. As situações do BBB, então Dilúvio... Aquela, qual que era a segunda? Subida também, mal nenhum... Então pra mim mudou um pouco nas músicas que refletiam mais sobre coisas do BBB. Mas só que ela continua debochada. Ela continua fazendo o que ela fazia antes. Então pra mim mudou temporariamente. (VITOR).

Vitor relatou que o documentário foi o produto midiático mais marcante para ele, especialmente pela participação de Lumena Aleluia:

Pra mim foi no doc dela mesmo. Quando ela teve aquela parte ali com a Lumena, pra mim aquilo foi muito forte. Porque vendo ela, num mundo que todo mundo rejeitava, e ainda ter uma amiga, pra mim aquilo foi muito marcante, (VITOR).

Por fim, o lançamento mais marcante para ele foi *Louca e Sagaz*, justamente pelas expectativas geradas em torno da música e o receio dela jamais ser lançada:

Louca e Sagaz. Eu esperei tanto... porque dentro do BBB ela tinha cantado ali com a Pocah, tanto que é um meme gigante dela lá no quarto do líder mostrando a coreografia. E aí, eu lembro que parte da música saiu, vazou e tava todo mundo querendo ouvir, porque ela demorou acho que uns 6 meses... ou mais, pra lançar. E aí teve aquela festa de lançamento, então, pra mim foi muito marcante. Quando ela voltou eu falei assim “Essa é a Karol que realmente me conquistou”. Então, pra mim, quando ela lançou Louca e Sagaz, foi muito bom. Foi muito bom. (VITOR).

A nona entrevistada, Catia, considera que Karol ficou “mais elegante” e madura, após a sua saída do Big Brother Brasil:

Ah... estilo, eu acho que ela ficou mais elegante assim, ela ficou mais elegante, ela refinou um pouco aquele ar de vilã mesmo, sabe? Ela continuou a mesma vibe e tal. Eu vejo ela muito mais madura como pessoa, assim, ela tá muito mais madura, e aquilo cara, ela é retraída, sabe? Ela pensa antes de falar, sabe? (CATIA).

Para ela, a entrevista mais marcante dada por Karol foi no podcast Mano a Mano com Mano Brown, no Spotify. Apesar de considerar essa a entrevista mais marcante, ela reconhece a importância na última participação da *rapper* no programa Encontro, na TV Globo em 2023:

É, mas foi importante a do Encontro porque atingiu uma bolha que não faz parte... fora da bolha na real, eu acho que humanizou ela. Ali ela tava mal ainda e ela tava bem serena, ela tava muito racional, apesar de estar mal ela tava com a cabeça muito no lugar, ela conseguiu ser ela de alguma maneira. E aí a do Mano a Mano foi... já pega mais a nossa bolha e na real, que foi a bolha que crucificou ela mais do que todos. (CATIA).

O lançamento musical favorito tanto de Catia, quanto de Talita (a décima entrevistada) é *Mal Nenhum*, porque ambas tiveram participações no processo de filmagem e consideram a letra da canção intimista e especial.

Acho que foi ontem, mas a gente tava falando sobre o fato de que “Mal Nenhum”, a Karol... ela vem com meio que uma pegada mais cantada, mais suave, parece que ela tá fazendo um carinho, uma oração, mas ela tá ali alfinetando todo mundo e eu acho muito foda. É, “Mal Nenhum” já era uma das minhas músicas preferidas antes do clipe, minha música preferida no caso do Urucum. (TALITA).

Talita também considera a entrevista concedida ao Mano Brown como a mais marcante dada por Karol após o Big Brother Brasil 2021, justamente pelo podcast dialogar com uma “bolha militante” que foi uma das grandes precursoras do cancelamento vivenciado pela *rapper*. Ela aponta que enxerga as mudanças de Conká como uma reflexão e consequente amadurecimento pessoal:

Eu acho que ela não mudou não, eu acho que ela refletiu. Por exemplo, com o Urucum ela refletiu sobre a situação e falou sobre

aquela situação, foi uma situação que ela nunca tinha vivido antes, ela não mudou, ela só falou daquilo que ela viveu. Ela fez um álbum pra todo o público, pro Brasil inteiro escutar, que conseguisse escutar... e entender. Ela não fez pra uma bolha só do rap nacional, ela usou uma linguagem universal, e eu achei muito irado... porque cada faixa fala de um momento dela do Big Brother. (TALITA).

O documentário *A vida depois do tombo* foi comentado pela maioria dos entrevistados. Eles apontam que o produto midiático serviu para que eles humanizassem ainda mais Karol Conká e que foi importante para que tivessem visibilidade do que estava acontecendo com a artista.

Figura 28 — Nuvem de palavras “O pós-cancelamento”



Fonte: Autor (por meio do Software Nvivo).

Joana foi a única entrevistada que considerou o documentário “forçado”, enfatizando que ele poderia ter sido lançado em outro momento, assim como a música *Dilúvio*. A canção, inclusive, foi apontada como o lançamento preferido por oito fãs (como também podemos observar na figura acima), seguida de *Louca* e *Sagaz*, *Mal Nenhum* e *Paredão*. Para eles, a canção representou genuinamente os sentimentos de Karol naquele momento e transmitiu a chegada de um processo de aprendizado para a artista.

A partir da figura 28, podemos observar, por meio da alta incidência das palavras “imagem” e “mudou”, o quanto foram nítidas para os os fãs as mudanças da

rapper relacionadas à figurino, músicas, gestos etc, após a sua eliminação do Big Brother Brasil.

Sobre as entrevistas concedidas, ainda que não haja um consenso entre os fãs, é possível observarmos que a participação da *rapper* no +Um Pod, de Whindersson Nunes, teve uma reverberação bastante positiva, marcada principalmente pelo bom-humor de ambos na conversa e a leveza apontada pelos fãs ao falar sobre pautas sensíveis.

Podemos concluir que as táticas desenvolvidas pela artista e pela sua equipe para driblar as práticas de cancelamento reverberaram positivamente entre os fãs de forma geral. Os documentários, entrevistas, músicas e a própria aparência de Karol, transmitiram maturidade e sinalizaram uma evolução pessoal da artista. Por conseguinte, com base nessas premissas, é possível refletirmos acerca das considerações de Simões (2014) a respeito do poder de afetação das celebridades, pois vimos, neste subcapítulo, o quanto Karol Conká impulsionou acontecimentos e integrou campos que acionaram projeções e identificações nos fãs através do lançamento dos produtos midiáticos citados.

5.6 O momento atual da carreira da artista pela perspectiva dos fãs

Passados dois anos da participação de Karol Conká no Big Brother Brasil 2021, ficamos curiosos para entender a percepção dos fãs quanto ao momento atual da carreira da *rapper*. Perguntamos a eles quais eram as suas perspectivas sobre o assunto e se eles ainda consideravam que ela estava “cancelada”. Nesse subcapítulo descreveremos brevemente as respostas coletadas.

Para Ariel, Talita e Joana, Karol continua cancelada. Ariel aponta que a artista ainda tem sequelas na carreira e que as pessoas só se esqueceram de odiá-la na internet. Joana acredita que Karol não vai ser descancelada por ser negra e é menos otimista em relação ao momento atual da *rapper*. Para a fã, Conká vivencia um momento de “reconstrução”. Tatiana considera que Karol Conká ainda está cancelada, mas não como antes. Para ela ainda há pessoas que optam por não esquecer dos erros da *rapper* e apagar as coisas boas que ela tem feito como artista e como pessoa.

Eu sinto que ela tem sequelas na carreira dela. [...] Então, eu sinto que ela é muito cancelada pela maioria porque a maioria do Brasil a gente vê que é como o Rodolfo. Lembra do Rodolfo? Vem a imagem que a maioria do Brasil seja como Rodolfo, aquela personificação de pessoa. Ainda odeiam a Karol Conká, eu sinto que ela tem muito *hate*, mas muito *hate* mesmo. E isso não vai mudar. Eu não acho que ela tenha deixado de ser cancelada, só acho que as pessoas esqueceram. Ela não está mais tanto na mídia como antes, então as pessoas não perdem tempo de odiar ela na internet. (ARIEL).

Eu acho que sim. Eu acho que ela ainda está cancelada. Não no nível que ela já esteve, mas eu acho que ela ainda está. E que tem pessoas que fazem questão de não esquecer o que ela fez e de não considerar as coisas boas que ela faz e que ela produz como artista e como pessoa (TATIANA).

[...] Eu acho que talvez ela nunca seja totalmente descancelada. Acho que outras pessoas vão ser descanceladas e já foram descanceladas, mas ela não, por ser quem ela é. Eu acho que ela não vai ser descancelada. [...] Eu acho que ela vive um momento de reconstrução ainda. A gente está num momento pós pandemia também, ela está voltando para uns shows. [...] Mas eu acho que essa é a real mudança que está acontecendo hoje, sabe? Dela se reencontrar, dela estar reconstruindo as coisas aos poucos. (JOANA).

Mesmo acreditando que a artista conseguiu contornar o cancelamento com maestria, para Lucas, Bernardo, Catia e Talita, Conká se mantém cancelada parcialmente. Para os fãs, o público que nunca a escutou antes do Big Brother Brasil continua não acompanhando os seus trabalhos artísticos:

Ainda tem aquelas pessoas que se prenderam à imagem da Karol do BBB. Mas eu acho que ela conseguiu dar a volta por cima, conseguiu reconquistar alguns fãs, alguns artistas, conseguiu dar a volta por cima. Agora, ela faz mais show, agora ela vai gravar vários programas. [...] Mas em uma bolha, principalmente na rede social, Facebook, ainda tem aquelas pessoas que atacam. Hoje, no Instagram, se fazer uma comparação, no Instagram, os comentários são mais leves, no Twitter, ela é aclamada hoje em dia. Então, acho que em uma bolha, ela ainda é cancelada. (LUCAS).

Olha, eu acho que amenizou... Eu acho que, na verdade, depende muito do ponto de vista. Porque é o que eu falei. Por exemplo, o público do Sofá não acompanha a Karol aqui fora, não acompanha o trabalho dela. Então, só viu o Big Brother, só viu a participação dela. Teve aquela perspectiva. Se vê ela em outro programa, se vê ela em outro lugar, pode ser que não simpatize com ela. Em questão de seguidores também. Em questão de contratos, ela conseguiu renovar pro GNT, fazer mais duas temporadas do Prazer Feminino, né, que

ela faz junto com a Marcela. Shows também, ela lançou o álbum Urucum, em vários estados do Brasil. (BERNARDO).

Eu acho que não, quem cancela ela é porque quer cancelar mesmo. Tipo “ah mano, ela foi filha da puta não sinto vontade nenhuma, não me interessa em ir atrás da verdade dela ou de uma explicação e vou cancelar“. Porque assim, na nossa bolha ela não tá cancelada, mas aí quando ela... sei lá, na Rosas de Ouro que ela vai sair, tem sempre um comentário negativo, que não sei o que. (CATIA).

Existem resquícios do cancelamento ainda, [...] porque essas pessoas que ainda têm esse pensamento dela são pessoas que nunca consumiram ela e vão continuar sem consumir, então não fazem falta. [...] É, porque, assim, eu acho que no passado, tipo pós BBB, foi um momento de cura, um momento de se entender, um momento de se curar, tanto das feridas que ela causou nela mesma, quanto entender o que ela causou nas pessoas e tudo mais, e agora tá vindo um momento de ser só ela... mostrando a artista que ela é, exatamente quem ela. (TALITA).

Fabrizio, Tarcisio e Vitor são os mais otimistas, consideram o cancelamento como “superado”. Todos eles apontam que ela conseguiu passar muito bem por essa fase na carreira. Entretanto, Vitor também não acha que a artista está no auge, ele acredita que as pessoas estão perdoando-a.

Eu acho que ela conseguiu superar o cancelamento, assim como outras pessoas também, que foram supostamente canceladas e não estão. Estão super aí ganhando rios de dinheiro. [...] Então eu acho que a Karol conseguiu superar. E eu fico feliz que ela tenha conseguido superar, eu continuo acompanhando ela, gosto bastante dela e acho que ela não tá mais cancelada não. Pelo menos pra mim, ela nunca esteve. (TARCISIO).

Ela está fazendo shows, já está lançando clipes, voltou a aparecer na TV... Eu acho que hoje ela tem um pouquinho mais que ela tinha antes, porque ela conquistou agora... ela virou icônica através dos memes dela, pra tudo que é canto tem. Então, pra mim, ela não está mais cancelada. [...] Ela já não é mais aquela pessoa odiada, então pra mim, ela não está mais cancelada. [...] Eu acho que ela está num momento bom. Eu não vou falar que é o auge dela. Eu não vou falar que é a pior parte, porque eu acho que a pior ela já passou. Eu não acho que é o auge. Mas eu acho que ela está num momento bom. Eu acho que ela está num momento que as pessoas estão querendo vê-la, pessoas estão perdoando e eu acho isso importante. Eu acho que daqui cinco anos, por exemplo, talvez ela esteja maior ainda. Mas eu acho que, por enquanto, ela está bem, ela não está no auge (VITOR).

Paulo tem uma opinião interessante, ele considera que Karol sempre foi “muito cancelada” por ser uma mulher negra que trabalha e ganha visibilidade no

rap. Ele considera que a artista vivencia um momento de “reconexão” consigo mesma:

A imagem da Karol sempre foi muito cancelada. Sabe? A imagem, assim, de uma mulher preta, com o seu cabelo pra cima e fazendo seu trampo. Não adianta que não vai agradar todo mundo. Mas eu acho que hoje, acompanhando ela... Até que o cancelamento... Deu uma... Meu bem, dois anos. Você acompanha um artista e vê... Ai, gente. Acho que já deu uma baixada. [...] Vai fazer um ano o álbum. O álbum “Urucum”... Eu acho que ela tá numa fase mais.... Ah, acho que diria reconexão com a alma mesmo. Vai fazer 10 anos do “Batuk Freak” e acho que ela tá numa fase mais de reconexão, de se reconhecer. Mas é de reconexão com a alma. Com a sua... Essas coisas artísticas, sabe. (PAULO).

Quanto os momento atual da carreira da *rapper*, os fãs encontram-se bastante otimistas e definiram no geral como “promissor” e “tranquilo”. Os entrevistados enfatizaram que a *rapper* vive uma “pausa” e que está se conectando consigo mesma e que irá lançar novas músicas em breve. Abaixo, algumas falam que sintetizam alguns pontos relevantes:

Acho que ela vive um momento promissor. Ela está querendo fazer muita coisa ainda, entendeu? Ela já deu a entender pra gente. E eu acho que a gente pode esperar muita coisa nova por aí. Então, eu acho que ela vai trazer muita coisa interessante ainda. Acho que promissor é o momento que eu defino a carreira dela. (BERNARDO).

Eu acho que é um momento promissor, porque eu lembro que durante o cancelamento no Big Brother, muito se falava sobre ela perder contratos, perder shows, era sempre sobre ela perdendo, perdendo, perdendo. E aí, depois que ela saiu do Big Brother, um ano depois, ela voltou a ter publicidade, ela voltou a ter investimento, voltou a participar de alguns programas na TV, lançou o álbum dela, voltou a fazer show, isso é uma coisa bastante legal também.[...] O pessoal tem ido nos shows, tem comentado bastante coisa legal nos comentários dela, então eu acho que é um momento bastante promissor. Eu acho que ela vai voltar a crescer bastante, como ela já crescia antes do Big Brother. (TARCISIO).

Acho que ela está vivendo um momento tranquilo. Ela lançou um álbum, o Urucum. [...] Faz uns meses já que ela não lança mais música, mas acho que ela está vivendo agora tranquila, naquela vibe que ela não está recebendo tantos ataques, não tem tantos olhares em cima dela. Então acho que ela voltou a ter paz nesse momento. No momento que ela se sentir bem, ela lança nova música. (LUCAS).

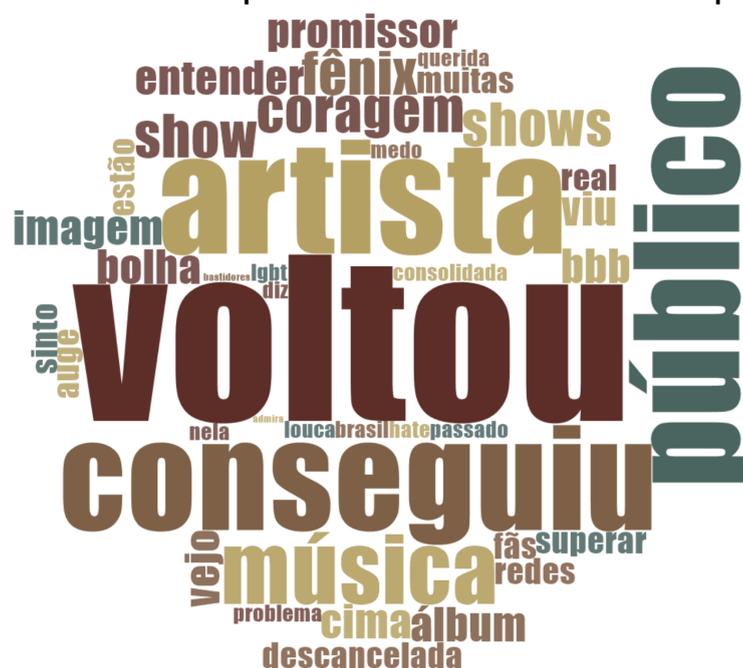
Cara, eu acho que ela está muito bem. Ela está com a agenda cheia, ela está lotando os shows que ela faz. Eu acho que ela conseguiu

resgatar o público que ela tinha. E, como ela virou meme nas redes sociais, eu acho que algumas pessoas se deram a oportunidade de conhecer quem é a Karol e de consumir o trabalho dela. Então, ela não recuperou 100% do público que ela tinha. (TATIANA).

Cara, o atual tá no pause, né. Mas o que tá vindo aí, eu acho que no momento tá no divisor de águas, né. Na real, assim, meio que colhendo os dois do trigo, né, tipo assim, ela tá refinando tudo que ela passou, assim, eu acho que esse ano ela vai entregar. (CATIA).

De forma geral, os entrevistados estão felizes e esperançosos com o momento atual vivenciado pela *rapper*. Conforme mostraremos na figura a seguir, palavras como “conseguiu” (superar o cancelamento) e “voltou” (a ganhar destaque e relevância na mídia) apareceram com grande frequência. Novamente, podemos observar nas falas de alguns entrevistados, a pauta racial, que, como levantada nos capítulos anteriores, é um grande entrave para que aconteça o “descancelamento”. Ainda assim, é unânime o fato de que ainda há resquícios das práticas de cancelamento na carreira de Karol Conká, ainda que em menores proporções.

Figura 29 — Nuvem de palavras “Momento atual vivenciado por Karol”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar na imagem acima, os entrevistados apontaram o retorno de Karol aos palcos e a aceitação do público, o lançamento do novo álbum e

as músicas lançadas como *singles*, como sinais evidentes de superação do cancelamento. Novamente, conseguimos observar que as táticas adotadas pela *rapper* e pela sua equipe surtiram efeito positivo nos fãs, eliminando qualquer emoção negativa nesse âmbito. Entretanto, segundo os próprios relatos dos entrevistados, essas táticas não foram capazes de apagar todos os resquícios do cancelamento, o que já era esperado, visto que como apontado por Gomes (2020), ao negro não é dado o direito de errar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encerramento desta pesquisa me desperta um misto de emoções. Afinal, é impossível tratar sobre as subjetividades, projeções e expectativas das outras pessoas sem também fazer uma autorreflexão acerca das minhas próprias emoções. Por isso, irei pedir licença e aviso de antemão: escreverei alguns trechos da última parte desta pesquisa na primeira pessoa do singular.

Quando redesenhei meu projeto pensando no direcionamento e na importância que daria para o cancelamento, tinha em mente que queria observar o fenômeno por meio de uma ótica diferente. Como homem negro, eu vivencio todos os dias a diferença nos papéis sociais desempenhados por sujeitos brancos e negros. E eu nunca me dei o direito de errar. Seja na escola, na academia, no trabalho e nas minhas relações, eu sempre tive medo, medo de que os meus erros fossem eternamente lembrados e que isso apagasse de alguma forma tudo que eu sou, ou que eu construí.

Quando a *rapper* Karol Conká foi cancelada em rede nacional, eu tinha um grupo de amigas, todas mulheres negras (Carol, Fernanda, Kellen), e me lembro de um comentário, que era: “É, ela fez tudo que nós negros não podemos fazer: errar”. Ela errou. Ela não cometeu nenhum crime, mas errou. Todos nós estamos suscetíveis a erros, mas apenas alguns de nós têm o privilégio do perdão, ou até mesmo de passar ileso por eles. Me lembro que pensei: “Tá, as pessoas cancelam, mas e daí? O cancelamento passa rápido, dois meses depois não vão lembrar mais de nada”. Engano meu, passaram-se meses e Karol continuava frequentemente sendo perguntada sobre o BBB em todas as entrevistas que dava, algo que eu jamais havia presenciado com outros ex-participantes brancos.

O motivo de eu ter escolhido o cancelamento de Karol Conká, uma mulher negra, como objeto de pesquisa, não foi mera coincidência. Mas eu também queria pesquisar sobre essas práticas e entender se, de fato, ela foi cancelada por “todos” os brasileiros. Ao mesmo tempo, ansiava em compreender o fenômeno por meio de uma ótica diferente: pela perspectiva daqueles que tendem a ser os mais fiéis escudeiros das celebridades: os fãs. E foi a partir dessas provocações, que desenvolvemos o nosso problema de pesquisa: Qual a participação dos fãs no cancelamento da *rapper* Karol Conká?

Ao anunciar que participaria do *reality show*, Karol gerou expectativas positivas nos fãs. Os entrevistados descreveram emoções relacionadas à alegria e surpresa, afinal, a artista era conhecida pela sua personalidade forte e pelo seu discurso de empoderamento feminino. Contudo, essas expectativas se mostraram um tanto quanto frágeis no decorrer dos relatos, pois, ao mesmo tempo que Karol desempenha diversos papéis sociais que provocam essas expectativas (como o fato de ser *rapper*, mulher negra e de origem periférica), ela não é necessariamente uma ativista e não representa de forma direta nenhum tipo de movimento. Precisamos refletir sobre as expectativas que são criadas em relação a corpos negros, LGBTQIA+ e outros marcadores sociais.

Quanto ao primeiro objetivo específico, que foi conhecer as práticas de recepção dos fãs no Big Brother Brasil 2021, observamos o papel fundamental que a plataforma de *streaming* Globoplay e as redes sociais (principalmente o Twitter) desempenharam no processo, potencializados pela pandemia do covid-19. Inclusive, a maioria dos entrevistados não deixaram de assistir o programa ao vivo na TV Globo. Vimos que as emoções acionadas pelas celebridades interferem completamente no processo de recepção dos fãs: mais da metade deles deixou de acompanhar o programa depois das duas primeiras semanas e conseqüentemente, cancelaram as suas assinaturas do Globoplay. Mesmo que desejassem não acompanhar mais o programa, os entrevistados eram impactados por conteúdos relacionados ao *reality* nas mídias sociais.

Ao descrever as posturas adotadas por esses fãs durante a participação de Karol no programa, observamos que as definições dadas foram variadas entre si: excêntrica, memorável, histórica, problemática, icônica, catastrófica, desafiadora, um exemplo, um erro, uma tragédia e com dois lados. Essas diferentes percepções são esperadas em ambientes transmidiáticos.

Apesar das definições acerca da jornada da artista no programa terem sido distintas entre si, as percepções acerca das práticas de cancelamento foram unânimes: os entrevistados se mostraram assustados e preocupados com a proporção tomada pelo cancelamento de Karol Conká. Com o intuito de apoiar a artista e a sua equipe de trabalho naquele momento, eles compartilharam conteúdos que demonstravam atitudes positivas da *rapper* e mantiveram uma rede de apoio entre si através de grupos em mídias sociais.

Todas as emoções vivenciadas pelos fãs durante a participação da artista no programa também impactaram as suas projeções e identificações frente a outros ídolos, pois foi a partir de Karol Conká que eles passaram a “humanizar” celebridades e que reconhecerem que todos estão passíveis a erros. Ainda que a participação da *rapper* no *reality* tenha sido polêmica, as lembranças positivas foram as mais destacadas pelos fãs ao lembrar da trajetória de Conká.

Questões relacionadas à raça foram levantadas pelos entrevistados nos relatos acerca das posturas adotadas. As práticas de cancelamento com teor racista sofridas por Karol foram duramente combatidas pelo *fandom*. Alguns comentaram que chegaram a perder amizades por não concordar com os tipos de críticas que eram direcionadas para a *rapper*. Com isso, observamos as diferenças de tratamento que pessoas negras recebem ao ser canceladas nas redes sociais.

Alguns fãs não gostaram da participação da *rapper* no *reality* e apontaram a irresponsabilidade da artista por não pensar neles, na família e na sua relevância musical ao aceitar participar do BBB. Mas, afinal, até que ponto uma celebridade, enquanto figura pública, pode seguir em frente no que quer fazer e no que acredita ser melhor para a sua carreira, sem ponderar as consequências que essas escolhas terão nos seus fãs?

Ao explorar as discussões acerca do nosso terceiro objetivo específico de pesquisa, que foi verificar se houve ou não cancelamento por parte dos fãs, identificamos que os fãs não participaram do cancelamento. Pelo contrário, como supramencionado, muitos desenvolveram táticas para defender a *rapper* nas redes sociais e organizar mutirões para que ela saísse com o percentual de rejeição menor, ainda que não concordassem com as atitudes de Karol no Big Brother Brasil. Apenas uma fã relatou que votou para que a *rapper* fosse eliminada, mas, ainda assim, contou que não concordava com os ataques direcionados à artista. O recorde de eliminação se mostrou um choque para a grande maioria.

Todavia, com base no que vimos até aqui, consideramos que as práticas de cancelamento tendem a ser complexas. Ao mesmo tempo que deixar de consumir produtos midiáticos de um artista ou celebridade, por não concordar com posicionamentos e ideias é algo legítimo, precisamos encarar a perigosa dicotomia da internet ao proporcionar uma falsa ideia de justiça, em que todos os indivíduos acreditam ser aptos para julgar e monitorar uns aos outros. Devemos discutir acerca

dos valores éticos e morais que são utilizados nesses julgamentos, principalmente quando vivemos em uma sociedade racista, na qual as leis e os valores, muitas vezes, servem para manter os privilégios de pessoas brancas. Consequentemente, as práticas de cancelamento podem se tornar mais uma ferramenta hegemônica para a manutenção do racismo.

Constatamos que, no âmbito das práticas de cancelamento, podem coexistir táticas de resistência: como, por exemplo, a organização de mutirões pelos fãs com o intuito de diminuir o percentual de rejeição de Karol, por terem consciência que o cancelamento estava sendo desproporcional com uma mulher negra.

O cancelamento também é ambíguo, porque pode trazer novos fãs para as pessoas canceladas, ao mesmo tempo em que pode estreitar os laços da celebridade com os fãs já existentes, como aconteceu de acordo com os relatos dos entrevistados. Mesmo que estivessem tristes ou decepcionados com a sua ídola, os fãs se sentiram tristes pelo ódio coletivo e motivados a ajudar a artista a se “reerguer”.

O posicionamento dos fãs após o cancelamento da artista compõe o nosso último objetivo de pesquisa e, assim, observamos o quanto as táticas adotadas pela artista surtiram efeito, ao menos no que tange a sua reaproximação com o *fandom*. Os produtos midiáticos lançados serviram para que esses indivíduos se aproximassem dela naquele momento: os documentários, entrevistas, músicas e a própria aparência de Karol transmitiram maturidade e sinalizaram uma evolução pessoal da artista. Mesmo que, na época, tivessem tido críticas em relação à “precipitação” de todos esses lançamentos, observamos que se a *rapper* tivesse “sumido”, ela não teria conseguido retomar a conexão com os seus fãs.

Mais de dois anos depois da participação de Karol Conká no Big Brother Brasil 2021, a artista vive um momento mais recluso na carreira, possivelmente trabalhando em novas músicas e projetos. Os fãs, no geral, consideram que ela não está mais cancelada, mas que, apesar disso, ainda há resquícios do cancelamento na sua carreira. Consequentemente, por ser negra, Karol será lembrada por um bom tempo pela sua fama de “vilã” no Big Brother Brasil 2021, mesmo que tenha se desculpado inúmeras vezes em rede nacional. O que percebemos é que as práticas de cancelamento tendem a perdurar quando as suas vítimas são sujeitos que não são dotados dos privilégios dados aos brancos.

Recapitulando as minhas próprias emoções enquanto pesquisador, em primeiro lugar, posso dizer que estou alegre. Alegre porque acredito que conseguimos cumprir com o objetivo geral desta pesquisa: compreender a postura dos fãs de celebridades frente às práticas de cancelamento em *reality shows* inseridos em ambientes transmidiáticos. Identificamos as suas principais emoções, motivações e ações. Inclusive, as emoções dos fãs desempenham um papel muito importante no processo de recepção no ambiente transmidiático, seja por conta das percepções dos acontecimentos, nas leituras distintas proporcionadas pelas diferentes mídias e no posterior consumo de produtos midiáticos do artista. O cancelamento também tende a ter nuances complexas, especialmente quando tratamos de celebridades negras.

Além disso, suscitamos contribuições relevantes para o campo da comunicação, principalmente no que tange às temáticas que envolvem fãs, práticas de cancelamento e raça. Pensar no cancelamento de pessoas negras também nos faz refletir acerca dessas práticas frente a outros marcadores sociais da diferença, visto que as motivações para que elas aconteçam são baseados em valores que privilegiam alguns em detrimento de outros. Os ambientes transmidiáticos em que acontecem essas tensões são propícios para pensarmos, como apontado por Martín-Barbero (2009), na comunicação como um campo essencial de batalha política.

Referente aos desafios metodológicos que enfrentamos durante a pesquisa, foi desafiador encontrar investigações acadêmicas acerca do cancelamento, mais ainda aquelas que considerassem as especificidades do marcador racial. Ademais, as entrevistas também geraram novas rotas e discussões teóricas que precisaram ser revistas, como, por exemplo, as investigações acerca das emoções.

A busca por esses fãs não foi uma tarefa fácil e demandou algumas semanas de exploração. O meu primeiro contato com eles foi por meio de mensagens no *Twitter* com um perfil criado especialmente para a pesquisa. Acredito que não ter sido através do meu perfil pessoal foi importante, pois os entrevistados não estabeleceram nenhum juízo de valor em relação às minhas perguntas. Se encontrá-los foi difícil, entrevistá-los foi o contrário. Ao receberem minhas mensagens, ainda que com certa desconfiança no início da conversa, todos se colocaram à disposição prontamente e, como resultado dessa prontidão, as

entrevistas aconteceram em duas semanas, com média de uma por dia. O formato *online* foi primordial para o sucesso da investigação, conseguimos explorar uma variedade de entrevistados, residentes de diferentes regiões do país, o que não teria sido possível se tivéssemos nos limitado a algum recorte geográfico. Apontamos, também, que os entrevistados negros, ao serem entrevistados por um homem negro, foram os que mais se sentiram confortáveis em relatar as suas experiências pessoais relacionadas a pauta racial pela identificação que tiveram comigo. Eram comuns comentários como: “como você deve saber, né?”

Depois de discutir acerca dos objetivos de pesquisa, das nossas considerações e dos desafios metodológicos que enfrentamos, posso dizer que as emoções que me rondam são principalmente aquelas que tangenciam a adoração, a surpresa e a tristeza. E vou explicar o porquê.

Adoração porque eu me senti diretamente afetado por precisar reassistir todos os vídeos, entrevistas, videoclipes e músicas da Karol. Em um nível ainda mais profundo, eu ri, chorei e me emocionei com os relatos dos fãs a respeito da artista. E confesso que, se a Karol conseguiu ganhar fãs depois de ser cancelada, ela também conseguiu ganhar mais um depois da conclusão de uma pesquisa. Eu não era e nunca fui fã da Karol Conká, até agora.

A adoração aqui também está no âmbito da admiração: tudo o que eu acompanhei a respeito da *rapper* me fez admirá-la, ela é muito forte e potente. Seja através das suas canções e da história de vida, a força que ela tem para continuar se mantendo firme depois de todo o cancelamento que sofreu é algo inacreditável. E isso não significa que eu esteja colocando algum juízo de valor em cima dos seus erros, pelo contrário, estou reconhecendo o fato dela ter aceitado que errou e ter seguido em frente com a sua carreira e vida pessoal, transformando tudo isso em arte. Ainda assim, é fato que Karol Conká, por ser uma mulher negra, precisou se desculpar em rede nacional mais que qualquer outro cancelado do *reality show*: foram mais de doze entrevistas abordando o assunto, além de um documentário bastante íntimo para os parâmetros de qualquer celebridade. “Respeita a mamacita”, em suas próprias palavras.

A surpresa veio com as nuances e complexidades que me deparei em relação às práticas de cancelamento. Esse ambiente tende a ser complexo por natureza e, conseqüentemente, por tratarmos aqui de uma pesquisa de mestrado com tempo

reduzido, não conseguimos explorar todos os dados coletados, como, por exemplo, a relação do cancelamento da Karol Conká com o *Black Twitter*, as interações nos grupos de fãs durante o Big Brother Brasil 2021 e a percepção dos fãs quanto às celebridades que participaram do cancelamento da *rapper*. Outros dados também podem ser explorados detalhadamente no futuro por outros pesquisadores, tais como: os memes como uma tática de apagamento do cancelamento, as motivações de pessoas que se tornam fãs de artistas “cancelados”, a “quebra da romantização” dos fãs com as celebridades, a relação entre a pandemia do covid-19 com as práticas de cancelamento e o aprofundamento dos marcadores sociais da diferença com essas práticas (principalmente por meio de recortes de gênero, sexualidade e raça). O questionamento que ficou para todos nós, a partir desta pesquisa, foi: além do racismo, existem outras “motivações” que façam o cancelamento extrapolar a “bolha” da internet?

Por fim, a última, mas não menos importante, de todas as emoções as quais fui sendo provocado a sentir no decorrer do processo de pesquisa: o alívio pela finalização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- JENKINS, Henry. Afterword: the future of fandom. *In*: GRAY, Jonathan Alan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee. **Fandom: identities and communities in a mediated world**. Nova Iorque: New York University Press, 2007. p. 26–364.
- GRAY, Jonathan Alan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee. **Fandom: identities and communities in a mediated world**. Nova Iorque: New York University Press, 2007. p. 26–364.
- LIBARDI, Guilherme Barbacovi. Panorama dos estudos sobre Interseccionalidade no Brasil (2008 – 2018): notas gerais e especificidades dos objetos empíricos comunicacionais. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Campinas: Galoá, 2019. p. 1-24. Disponível em: <https://bit.ly/3s4BXny>. Acesso em: 02 maio 2022.
- ABREU, Nelsio Rodrigues de; BALDANZA, Renata Francisco; GONDIM, Sônia M. Guedes. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **Jistem Journal Of Information Systems And Technology Management**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 05–24, 30 abr. 2009. TECSI. <http://dx.doi.org/10.4301/s1807-17752009000100001>. Disponível em: <https://bit.ly/3z5xPrD>. Acesso em: 07 maio 2022.
- AHMAD, Asam. A Note on Call-Out Culture. **Briarpatch**. Saskatchewan, mar. 2015. p. 1–5. Disponível em: <https://bit.ly/3RT19Ym>. Acesso em: 04 jul. 2022.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade: Feminismos plurais**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SIMÕES, Júlio Assis; MOUTINHO, Laura; *et al.* Numas, 10 anos: um exercício de memória coletiva. **Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica**, 2018.
- ALONSO, Luis Enrique. Sujeto y discurso: el lugar de la entrevista abierta en las prácticas de la sociología cualitativa. *In*: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan (org.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1995. p. 225–240.
- AMARAL, Adriana; CARLOS, Giovana. Os estudos de fãs no Brasil na área da Comunicação a partir da Compós e da Intercom no contexto da cibercultura (2000-2014). *In*: FLICHY, Patrice; FERREIRA, Jairo; AMARAL, Adriana. (Org.). **Redes digitais: um mundo para os amadores. Novas relações entre mediadores, mediações e mediações**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2016, v. 1, pp. 32–54.
- ANDIFES. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES. **ANDIFES**, 9 jul. 2021. Disponível em: <http://bit.ly/3SUF5OP>. Acesso em 01 jul. 2022.
- ANTUNES, Pedro. **Rolling Stone Brasil: os 50 melhores discos nacionais de 2018**. Rolling Stone. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/rolling-stone-brasil-os-50-melhores-discos-nacionais-de-2018/>. Acesso em: 9 abr. 2022.
- ARIEL. **Entrevista I**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (30 min.).
- AUXÍLIO, Thais de; MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina

Salgueiro. Formas específicas de produção cultural dos fãs brasileiros da série britânica Doctor Who. **Ciberlegenda: A Cultura fã na era das mídias digitais**, Niterói, v. 28, n. 1, p. 110—124, jul. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3TYQ8GO>. Acesso em: 04 ago. 2022.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 216 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 288 p.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BBB21: Se um negro erra, racismo condena população negra inteira sem 2ª chance, diz pesquisadora. **BBC News Brasil**, Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56164314>>. Acesso em: 1 fev. 2023.

BERNARDO. **Entrevista IV**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (20 min.).

CÁCERES, Luis Jesús Galindo. **Sabor a ti: metodología cualitativa en investigación social**. Xalapa: Universidad Veracruzana, 1997. 259 p.

CAMPANELLA, Bruno. Compreensão e afetividade: o fã dentro da lógica comercial do big brother brasil. **E-Compós**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 1—17, 26 jun. 2007. E-compós. <http://dx.doi.org/10.30962/ec.187>. Disponível em: <https://bit.ly/3DcGtH4>. Acesso em: 04 mar. 2022.

CAMPANELLA, Bruno. **Perspectivas do Cotidiano: um estudo sobre os fãs do programa Big Brother Brasil, 2010**. 207f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CANALES, Manuel; PEINADO, Anselmo. Grupos de discusión. In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan (org.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1995. p. 289—316.

CANCLINI, Nestor García (ed.). **Políticas Culturales en América Latina**. Cidade do México: Editorial Grijalbo, 1987.

CANCLINI, Néstor García. **El consumo cultural en México**. México: Grijalbo, 1993.

CANCLINI, Néstor García. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos**. [s.l.]:

Bielefeld University Press, 2020. Disponível em:

<<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783839448915/html>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

CARTACAPITAL. Cancelamento nas redes sociais vai da represália ao linchamento.

Carta Capital, 18 ago. 2020. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cancelamento-nas-redes-sociais-vai-da-epresalia-ao-linchamento/>>. Acesso em: 1 jan. 2023.

CASTRO, Luiz; SCHMITZ, Daniela. Pesquisas sobre publicidade e propaganda de 2010 a 2015: breve panorama do cenário brasileiro. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 18., 2017, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos**. Caxias do Sul: Intercom, 2017. p. 1—15. Disponível em: <https://bit.ly/3RTWdCN>. Acesso em: 02 maio 2022.

CATIA. **Entrevista VIII**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (34 min.).

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIOU, Rocco. We Need Deeper Understanding About the Neurocognitive Mechanisms of Moral Righteousness in an Era of Online Vigilantism and Cancel Culture. **Ajob Neuroscience**, [s.l.], v. 11, n. 4, p. 297—299, 1 out. 2020. Informa UK Limited.

CORNUTTI, Camila Barbosa. **Celebridades e apropriações humorísticas em blogs: uma análise do “Morri de Sunga Branca” e do “Te Dou Um Dado?”**. 2015. 305 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GSHOWCUNHA, Vinicius. **Karol Conka fala da relação com o filho, Jorge, e conta que o menino dá pitaco em suas músicas**. Gshow, 31 ago. 2016.

Disponível em:

<<http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/karol-conka-fala-da-relacao-com-o-filho-jorge-e-conta-que-o-menino-da-pitaco-em-suas-musicas.html>>. Acesso em: 9 abr. 2022.

DECKDISC. **Sucesso no Youtube, Karol Conka lança primeiro álbum dia 8 de abril na internet**. Deckdisk, c2023. Disponível em:

<<https://deckdisc.com.br/2013/04/05/sucesso-no-youtube-karol-conka-lanca-primeiro-album-dia-8-de-abril-na-internet/>>. Acesso em: 9 abr. 2022.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 240 p.

FABIANO. **Entrevista X**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (17 min.).

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, 2002.

FISKE, John. The Cultural Economy of Fandom. *In*: LEWIS, Lisa A. (ed.). **The adoring audience: fan culture and popular media**. Nova Iorque: Routledge, 1992. p. 30—49.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FORATO, Thiago. Como surgiu o termo "paredão" no BBB? **Na Telinha (UOL)**, 18 jan. 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3jcw1HJ>>. Acesso em 22 de jan. 2023.

FREIRE FILHO, João. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais eletrônicos**. Manaus: Intercom, 2013. p. 1—20. Disponível em: <https://bit.ly/3DcCHNR>. Acesso em: 26 jun. 2022.

FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder.

MATRIZES, v. 11, n. 1, p. 61, 2017. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/122954>>. Acesso em: 1 fev. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo:

Atlas, 2008. 248 p.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GORDON, Lewis R. Prefácio. *In*: FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: . Martins Fontes, 2008.

GRAY, Jonathan Alan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee. **Fandom**: identities and communities in a mediated world. Nova Iorque: New York University Press, 2007. 406 p.

GROSSBERG, Lawrence. Is there a Fan in the House?: the affective sensibility of fandom. *In*: LEWIS, Lisa A. (ed.). **The adoring audience**: fan culture and popular media. Nova Iorque: Routledge, 1992. p. 50—65.

HABCKOST, Gabriela Saraiva. **Fãs e conversação em rede**: o twitter como segunda tela no BBB20. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação, — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3qnpF8q>. Acesso em: 03 mar. 2022.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, Stuart; WOODWARD, kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HARRIS, Cheryl; ALEXANDER, Alison (Orgs.). **Theorizing fandom**: fans, subculture and identity. Cresskill, N.J.: Hampton Press, 1998. (The Hampton Press communication series).

HILLS, Matt. **Fan Cultures**. Nova Iorque: Routledge, 2002.

HINERMAN, Stephen. 'I'll Be Here With You': Fans, Fantasy and the Figure of Elvis. *In*: LEWIS, Lisa (org). **The adoring audience : fan culture and popular media**. Londres: Routledge, 1992, pp. 107—134.

JACKS, Nilda Aparecida; TOALDO, Mariângela Machado; OIKAWA, Erika. Práticas Culturais e Ciberculturais: para pensar a relação com as tecnologias. **E-Compós**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 1—16, 27 abr. 2016. E-Compós. <http://dx.doi.org/10.30962/ec.1180>. Disponível em: <https://bit.ly/3Qvk62q>. Acesso em: 20 mar. 2022.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers**: television fans and participatory culture. Nova Iorque: Routledge, 1992.

JENKINS, Henry. Afterword: the future of fandom. *In*: GRAY, Jonathan Alan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee. **Fandom**: identities and communities in a mediated world. Nova Iorque: New York University Press, 2007. p. 26—364.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. 432 p. Nova Edição — Ampliada e atualizada.

JENKINS, Henry. **Invasores do Texto**: fãs e cultura participativa. Nova Iguazu: Marsupial, 2015. 384 p.

JENSON, Joli. Fandom as pathology: the consequences of characterization. *In*: LEWIS, Lisa A. (ed.). **The adoring audience**: fan culture and popular media.

London: Routledge, 1992. p. 9—29.

JOANA. **Entrevista V**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (45 min.).

JOHNSON, Telma. **Pesquisa social mediada por computador**: questões, metodologia e técnicas qualitativas. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010. 106 p.

JONAH E. BROMWICH (Nova Iorque). The New York Times (org.). Why ‘Cancel Culture’ Is a Distraction. **The New York Times**, Nova Iorque, 2020. Artigo resultante do Podcast “The Daily”. Disponível em: <https://nyti.ms/3KzbvbW>. Acesso em: 02 out. 2021.

JUNQUEIRA, Antonio Hélio. Os memes e sua apropriação pelo marketing digital: a experiência da rede brasileira de fast-food Giraffas. **Signos do Consumo**, v. 8, n. 2, p. 19, 2016.

KARHAWI, Issaaf. Notas teóricas sobre influenciadores digitais e Big Brother Brasil. **E-Compós**, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 1—21, 13 out. 2021. E-compos. <http://dx.doi.org/10.30962/ec.2182>. Disponível em: <https://bit.ly/3d2qVec>. Acesso em: 20 fev. 2022.

KELLNER, Douglas. **Cultura da mídia — estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001. 454 p.

KELLNER, Douglas. **Media culture and the triumph of the spectacle**. Londres: Routledge, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LIBARDI, Guilherme. A materialidade das novas tecnologias no contexto da recepção transmídia. **Dispositiva**, [s.l.], v. 7, n. 11, p. 99-107, 5 out. 2018. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://dx.doi.org/10.5752/p.2237-9967.2018v7n11p99-107>. Disponível em: <https://bit.ly/3TU1UIX>. Acesso em: 07 jul. 2022.

LIBARDI, Guilherme Barbacovi. Panorama dos estudos sobre Interseccionalidade no Brasil (2008 – 2018): notas gerais e especificidades dos objetos empíricos comunicacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Campinas: Galoá, 2019. p. 1—24. Disponível em: <https://bit.ly/3s4BXny>. Acesso em: 02 maio 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. 455 p.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de *et al.* Brasil: pandemia e resistência. **Obitel 2021**: Ficción televisiva iberoamericana en tiempos de pandemia, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 101—142, 25 out. 2021. Pontificia Universidad Católica de Chile. <http://dx.doi.org/10.7764/obitel.21.s.4>.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; CASTILHO, Fernanda. Recepção transmídia: perspectivas teórico-metodológicas e audiências de ficção televisiva online. **Galáxia (São Paulo)**, [s.l.], n. 39, p. 39—52, dez. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-255435151>. Disponível em: <https://bit.ly/3abd17S>. Acesso em: 20 mar. 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A recepção transmidiática da ficção televisiva: novas questões de pesquisa. **Estudos de Televisão: Brasil-Portugal**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 307—336, set. 2011. [Http://dx.doi.org/10.13140/2.1.1339.8085](http://dx.doi.org/10.13140/2.1.1339.8085).

LUCAS, Henrique Denis. **A desolação de O Hobbit**: a decepção dos fãs sobre a adaptação cinematográfica, no Brasil, 2018, 211f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação —, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179163>. Acesso em: 9 dez. 2022.

LUCAS. **Entrevista II**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (29 min.).

MARCUS, Sharon. Celebrity, Past and Present. **Public Culture**, v. 27, n. 1, p. 1—5, 2015. Disponível em: [https://read.dukeupress.edu/public-culture/article/27/1%20\(75\)/1/31042/Celebrity-Past-and-Present](https://read.dukeupress.edu/public-culture/article/27/1%20(75)/1/31042/Celebrity-Past-and-Present). Acesso em: 9 abr. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5. ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009

MONTEIRO, Tiago José Lemos. O fã-clube como lugar de memória: a questão do fã em uma perspectiva histórica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1—5. Disponível em: <https://bit.ly/3eFoA9e>. Acesso em: 04 jun. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente**: um racismo ao avesso? *Revista da ABPN*, v. 4, n. 8, p. 06—14, 2012.

MUTATO. **#01 Cultura do Cancelamento**. Mutato, 2020. Disponível em: <https://www.muta.to/01-cultura-do-cancelamento>. Acesso em: 3 fev. 2023.

NG, Eve. No Grand Pronouncements Here...: reflections on cancel culture and digital media participation. **Television & New Media**, [s.l.], v. 21, n. 6, p. 621—627, 26 jul. 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1527476420918828>.

NGUYEN, Brandon. **Cancel Culture on Twitter**: the effects of information source and messaging on post shareability and perceptions of corporate gr. 2022. 61 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Business Administration, Management, And Operations, — University Of Pennsylvania, Filadélfia, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3KCE5sY>. Acesso em: 02 ago. 2021.

NOIZ. **Conheça Karol Conká**. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20111229022828/http://noiz.com.br/entrevistas/conheca-karol-conka.html>. Acesso em: 9 abr. 2022.

PAULO. **Entrevista VI**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (25 min.).

PEREIRA, Elisandra. Educação profissional e racismo: descobrindo a influência da cultura do cancelamento através da Pedagogia Histórico-Crítica. **Repositório Institucional UNESP**, São Paulo, 29 abril 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3oNIPrx>. Acesso em 01 de abril. 2023.

PIENIZ, Mônica. **Tecnicidade como mediação empírica**: a reconfiguração da recepção de telenovela a partir do twitter. 2013. 2 v. Tese (Doutorado) - Curso de em Comunicação e Informação —, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3MKA2MS>. Acesso em: 02 fev. 2022.

PIENIZ, Mônica. Mediação estrutural da tecnicidade: o trânsito das audiências a partir do twitter. **Matrizes**, [s./], v. 9, n. 1, p. 213, 23 jun. 2015.

PRIMO, Ale. A busca por fama na web: reputação e narcisismo na grande mídia, em blogs e no Twitter. XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009a, Curitiba. **Anais [...]** [recurso eletrônico] São Paulo: Intercom, 2009a. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/fama.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. 277 p. Disponível em: <https://bit.ly/3wUPvDx>. Acesso em: 02 out. 2021.

REVISTA TRIP. **Karol Conká — Tpm**. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/karol-conka>>. Acesso em: 9 abr. 2022.

RODRIGUES, Cristiano. **Pode o cancelado cancelar?** Gama Revista, 11 ago. 2020. Disponível em: <<https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/pode-o-cancelado-cancelar/>>. Acesso em: 9 jan. 2023.

ROSENGREN, Karl; JENSEN, Klaus. Cinco tradiciones en busca del público. *In*: **En busca del público : recepción, televisión, medios**. [s./]: Gedisa, 1997, p. 335–370.

SANDVOSS, Cornel. Quando estrutura e agência se encontram: os fãs e o poder. **Ciberlegenda**: A Cultura fã na era das mídias digitais, Niterói, v. 28, n. 1, p. 8–40, jul. 2013. Tradução de Simone do Vale. Disponível em: <https://bit.ly/3ew57I9>. Acesso em: 07 mar. 2022.

SCHMIDT, Beatriz; PALAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar Augusto. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de covid-19. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, v. 8, n. 4, p. 960–966, jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3wY9wdR>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. *In*: GONZÁLEZ, Jorge A.; PERUZZO, Cicilia M. Krohling (org.). **Arte y oficio de la investigación científica**: cuestiones epistemológicas y metodológicas. Quito: Ciespal, 2019. p. 301–380.

SILVA, Francisca Cordélia de Oliveira da. A construção de identidades negras em meio a padrões brancos de beleza. **Discursos Contemporâneos em Estudo**, v. 1, n. 1, p. 125–141, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/discursos/article/view/8273>>. Acesso em: 1 maio 2023.

SILVA, Tadeu de Oliveira. Linchamentos virtuais e cultura do cancelamento: os casos Patrícia Campos Mello e Lília Schwarcz. **Repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, Natal, 10 mar. 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/43VxUeq>>. Acesso em 01 de abril. 2023.

SIMÕES, Paula Guimarães. O poder de afetação das celebridades. *In*: FRANÇA, Vera et al. (Org.). **Celebridades no século XXI**: transformações no estatuto da fama. Editora Sulina: Porto Alegre, 2014. p. 209—225.

SIMÕES, Paula Guimarães; FRANÇA, Vera R. V. Celebridades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea. *E-Compós*, Brasília, v. 23, p. 1—25, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/399Vt63>>. Acesso em: 05 fev. 2022.

SPECIMILLE, Patricia; BARBOSA, Otavio Luis. A Internet nunca esquece: Consequências da “Cultura do Cancelamento” no debate público. **Revista Pet Economia UFES**, v. 1, n. 2, p. 13—17, 2020.

STOREY, John. **Cultural theory and popular culture**: an introduction. 5. ed. Sunderland: Pearson Longman, 2009. 280 p.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa Bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51—61.

TALITA. **Entrevista IX**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (31 min.).

TARCISIO. **Entrevista VII**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (23 min.).

TATIANA. **Entrevista III**. [fev. 2023]. Entrevistador: Luiz Henrique Silva de Castro. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp4 (27 min.).

TOALDO, Mariângela M.; COSTA, Sarah Moralejo da. Fãs: pesquisas revelam público apaixonado, consumidor, receptor, produtor e disseminador. *In*: JACKS, Nilda et al (org.). **Meios e Audiências 3**: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 343.

TOALDO, Mariângela; JACKS, Nilda. Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22., 2013, Salvador. **Anais do 22° Encontro Anual da COMPÓS**. Salvador: Compós, 2013. p. 1—9. Disponível em: <https://bit.ly/3lTdxA7>. Acesso em: 02 maio 2021.

VILELA, Mateus Dias. **The winter is coming**: a social tv entre brasil e portugal através de game of thrones. 2017. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Comunicação Social, — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3TXzjvV>. Acesso em: 02 maio 2022.

WOLF, Eduardo. O ground zero do cancelamento. **Cult**: Dossiê A Cultura do Cancelamento, São Paulo, v. 258, n. 02, p. 18—24, 01 maio 2020. Mensal. Disponível em: <https://bit.ly/3vwNRZu>. Acesso em: 20 ago. 2021.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADA

Perguntas:

1. Acredito que a gente possa começar falando um pouco sobre você, me conte um pouco sobre quem você é, sua idade, o que você gosta de fazer, e tudo mais.
2. Me conte um pouco sobre a sua vivência como fã da Karol Conká (como tudo começou, por que você acompanha ela, as suas motivações, decepções, etc).
3. Qual foi a sua primeira reação ao descobrir que a Karol ia participar do Big Brother Brasil 21? Quais eram as suas expectativas?
4. Como você acompanhava e consumia os conteúdos do programa?

Possíveis caminhos para explorar:

- a) *Quais momentos e horários do dia você acompanhava a Karol no programa?*
 - b) *Você costumava assistir ao programa ao vivo? Acessava o streaming? Assistia o pay per view?*
 - c) *Você consumia os conteúdos nas mídias sociais?*
5. Qual a postura que você adotou em relação a Karol durante a exibição do *reality*? Você comentava nas redes sociais? Com amigos? Familiares?
 6. Como você descreveria a participação dela no programa?
 7. Para você, qual foi o momento mais marcante da Karol no programa?
 8. Qual foi a sua reação com o cancelamento da Karol?

Possíveis caminhos para explorar:

- a) *Você chegou a cancelar a Karol também? Qual postura você adotou?*
- b) *Em algum momento você deixou de ser fã? Ou se sentiu menos fã?*
- c) *Qual a postura que você adotou como fã dentro desse cenário de cancelamento?*
- d) *Como foram as suas interações com outros fãs?*

9. Como você reagiu ao recorde de rejeição que ela teve no paredão? Qual a sua perspectiva em relação a esse recorde enquanto fã?
10. Após a saída do *reality show*, qual foi a entrevista que a Karol deu que foi mais marcante para você?
11. Você percebeu alguma mudança na Karol após a saída dela do *reality*? Principalmente no primeiro ano?
Possíveis caminhos para explorar:
 - a) *Em relação ao comportamento? Estilo? Roupas? Músicas?*
12. Você acompanhou todos os lançamentos da Karol após a saída dela no programa? Qual é o lançamento mais marcante para você?
13. Quase dois anos depois, você considera que a Karol ainda está cancelada?
14. Como você descreveria o momento atual da carreira da Karol? Seja enquanto apresentadora, cantora, modelo etc.